

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Física e Matemática
Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática

Dissertação



**EXPERIÊNCIAS DE IDOSOS COM A MATEMÁTICA NO
CONTEXTO DA “UNIVERSIDADE ABERTA PARA IDOSOS” DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

Mateus Mota

Pelotas, 2022

Mateus Mota

**EXPERIÊNCIAS DE IDOSOS COM A MATEMÁTICA NO
CONTEXTO DA “UNIVERSIDADE ABERTA PARA IDOSOS” DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação Matemática da
Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial à obtenção
do título de Mestre em Educação
Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Diogo Franco Rios

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M917e Mota, Mateus Schmeckel

Experiências de idosos com a matemática no contexto da “Universidade Aberta para Idosos” da Universidade Federal de Pelotas / Mateus Schmeckel Mota ; Diogo Franco Rios, orientador. — Pelotas, 2022.

140 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Física e Matemática, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Inclusão. 2. Educação matemática. 3. Educação de idosos. 4. Educação ao longo da vida. 5. Extensão universitária. I. Rios, Diogo Franco, orient. II. Título.

CDD : 510.7

Mateus Mota

EXPERIÊNCIAS DE IDOSOS COM A MATEMÁTICA NO
CONTEXTO DA “UNIVERSIDADE ABERTA PARA IDOSOS” DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação Matemática, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Física e Matemática, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 29/07/2022.

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Diogo Franco Rios (Orientador)
Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia.

.....
Prof. Dr. Luiz Henrique Ferraz Pereira
Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

.....
Prof. Dr. Rafael Montoito
Doutor em Educação para Ciências pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Agradecimentos

À minha família: Minha esposa Liliam, por todo apoio e incentivo, fundamentais para que realizações como esta sejam possíveis. Ao meu filho Renato, *in memoriam*, e especialmente à minha filha Lívia que mesmo sem entender o que eu fazia tanto tempo no computador, esteve todo tempo presente, muitas vezes com seus brinquedinhos e comidinhas, prestando do seu jeito, todo apoio que eu precisava naqueles momentos.

Ao meu orientador, professor Diogo Franco Rios, agradeço pela parceria, ensinamentos e pelo grande apoio para a realização desta pesquisa.

Aos professores da banca: Luiz Henrique Ferraz Pereira e Rafael Montoito, pela leitura atenta do trabalho, contribuições, sugestões e apontamentos fundamentais para o desenvolvimento dele.

Aos professores e colegas do PPGEMAT, pela disponibilidade sempre que precisei e pelas valiosas trocas e contribuições para este trabalho.

Ao amigo e colega da UFPel, Caue Duarte, pelo incentivo inicial para ingressar no mestrado bem como por todas as contribuições durante o percurso.

Aos amigos e colegas da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura pela parceria, pelo incentivo ao estudo e pelas inúmeras trocas e contribuições durante todo período do mestrado.

À professora Adriana Cavalli, coordenadora da UNAPI/UFPel, pelas contribuições, por disponibilizar seu tempo e todas as informações necessárias referentes ao projeto.

Aos idosos, participantes da UNAPI/UFPel que se disponibilizaram a participar da pesquisa.

Enfim, agradeço a todos e a todas que fizeram parte desse processo. Muito obrigado!

Mateus Mota

RESUMO

MOTA, Mateus. **Experiências de Idosos com a matemática no contexto da “Universidade Aberta Para Idosos” da Universidade Federal de Pelotas.** 2022. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Física e Matemática, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

A presente pesquisa de caráter qualitativo teve por objetivos a produção de fontes orais a respeito de como os idosos se relacionam com a matemática e, a partir dessas narrativas, produzir algumas reflexões que permitam identificar algumas necessidades e/ou interesses das pessoas idosas quanto à matemática. Os participantes da pesquisa são idosos que participaram de atividades oferecidas pelo projeto de extensão Universidade Aberta Para Idosos - UNAPI/UFPel. O texto discorre sobre questões que envolvem a educação para as pessoas desta faixa etária abordando aspectos como o crescimento da população idosa no Brasil, o direito à educação em todas as idades, além de apresentar um breve histórico sobre o surgimento das Universidades Abertas à Pessoas Idosas antes de abordar o caso específico da UNAPI da Universidade Federal de Pelotas, *locus* da presente pesquisa. É utilizada a História Oral como referencial teórico-metodológico para a produção das fontes orais. Tais fontes são resultado do que foi dito nas entrevistas com cinco idosos matriculados na UNAPI em 2021, nas quais foi oportunizado a eles próprios compartilharem suas memórias em relação à participação no projeto, bem como suas experiências cotidianas com relação a matemática. Por fim, foram analisados alguns aspectos a partir desses diálogos, onde se buscou compreender como é a relação dos idosos com o projeto e fazer uma aproximação com possibilidades formativas no campo da Educação Matemática.

Palavras-chave: Inclusão. Educação Matemática. Educação de Idosos. Educação ao longo da vida. Extensão Universitária.

ABSTRACT

MOTA, Mateus. **Experiences of the Elderly with Mathematics in the context of the “Universidade Aberta Para Idosos - UNAPI/UFPel”.** of the **Federal University of Pelotas**. 2022. 140 f. Dissertation (master's in mathematics education) – Postgraduate Program in Mathematics Education, Institute of Physics and Mathematics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

This qualitative research aimed to produce oral sources about how the elderly relate to mathematics and, based on these narratives, produce some reflections that allow the identification of some needs and/or interests of elderly people regarding mathematics. The research participants are elderly people who participated in activities offered by the extension project “Universidade Aberta Para Idosos - UNAPI/UFPel”. The text discusses issues involving education for people of this age group, addressing aspects such as the growth of the elderly population in Brazil, the right to education at all ages, in addition to presenting a brief history of the emergence of Universities Open to Elderly People. before approaching the specific case of the UNAPI of the Federal University of Pelotas, locus of the present research. Oral History is used as a theoretical-methodological framework for the production of oral sources. Such sources are the result of what was said in interviews with five elderly people enrolled at UNAPI in 2021, in which they themselves were given the opportunity to share their memories regarding participation in the project, as well as their everyday experiences with mathematics. Finally, some aspects were analyzed from these dialogues, which sought to understand how the relationship of the elderly with the project is and to make an approximation with training possibilities in the field of Mathematics Education.

Keywords: Inclusion. Mathematics Education. Elderly Education. Lifelong education. University Extension.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Buscas na BDTD

Tabela 2 – Dissertações selecionadas

Tabela 3 – Resultados de buscas em periódicos

Tabela 4 – Trabalhos selecionados em periódicos

Tabela 5 – Resultados de buscas em anais de eventos

Tabela 6 – Trabalhos selecionados em anais de eventos

Tabela 7 – Atividades desenvolvidas pela UNAPI/UFPel 2017-2019

Lista de abreviaturas e siglas

AABB	Associação Atlética Banco do Brasil
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CEFET-RS	Centro Federal de Ensino Tecnológico
CETRES	Centro de Extensão em Atenção à Terceira Idade
CIBEM	Congresso Ibero Americano de Educação Matemática
CNDI	Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa
EBRAPEM	Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Encontro Nacional de Educação Matemática
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
NAI	Núcleo de Assistência ao Idoso
OMS	Organização Mundial de Saúde
PNI	Política Nacional do Idoso
PPGEMAT	Programa de Pós-graduação em Educação Matemática
PREC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
SESC	Serviço Social do Comércio
SIPEM	Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática
SUS	Sistema Único de Saúde
UAMA	Universidade Aberta à Maturidade
UBS	Unidade Básica de Saúde
UCPEL	Universidade Católica de Pelotas
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UNAPI	Universidade Aberta Para Idosos
UNATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
UNESP	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
1.1. Do caminho percorrido até aqui.....	16
1.2. Objetivos e Questão de Pesquisa	18
1.3. Idoso, velho ou terceira idade?	19
2. Idosos e Educação Matemática: uma revisão	22
3. Longevidade - um novo desafio para a Educação	33
3.1. Envelhecimento da população no Brasil.....	37
3.2. O direito à Educação em todas as idades	40
3.3. As “Universidade Aberta para as Pessoas Idosas” – UNAPIs	44
3.4. A “Universidade Aberta Para Idosos” da UFPel	45
4. A História Oral como caminho metodológico.....	53
4.1. As Entrevistas:.....	60
5. Da produção de fontes à reflexão sobre seu conteúdo.....	64
5.1. Como a UNAPI é vista pelos idosos?	64
5.2. Como foi voltar à sala de aula?	69
5.3. E quanto à matemática?	71
6. Considerações finais	83
Referências:.....	88
Apêndices	94
Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	95
Apêndice 2 – Roteiro da Entrevista.....	96
Apêndice 3 – Transcrições das entrevistas	97
Transcrição da Entrevista com João Pereira	(p.1 - 12)
Transcrição da Entrevista com Rosa.....	(p.1 - 6)

Transcrição da Entrevista com João Carlos(p.1 - 11)

Transcrição da Entrevista com Ivete(p.1 - 9)

Transcrição da Entrevista com Cirlete(p.1 - 7)

1. Introdução

As motivações que deram origem a esta pesquisa são decorrentes de observações e experiências vivenciadas durante a minha atuação profissional como servidor técnico administrativo em educação. A minha atuação na Pró Reitoria de Extensão e Cultura – PREC, da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, não só me aproxima do campo da Extensão Universitária como me proporciona acompanhar de perto a execução de alguns projetos. Um dos projetos que tenho oportunidade de acompanhar de perto é o projeto de extensão “Universidade Aberta Para Idosos – UNAPI”.

O projeto UNAPI iniciou suas atividades na UFPel no ano de 2016 como forma de atender às políticas públicas que dão conta dos direitos sociais estabelecidos aos idosos através das leis brasileiras. Foi então construído por um grupo de docentes da universidade, que representavam diversas áreas do conhecimento e que possuíam em comum algum vínculo com pessoas idosas em suas áreas de atuação (CAVALLI, 2020).

No que diz respeito à legislação e às políticas públicas que preveem acesso à educação, em especial aos idosos, temos em 1994 a aprovação da Lei nº 8.842, chamada de “*Política Nacional do Idoso*”, que estabelece em seu artigo 10º, inciso III, na área da Educação, que seria necessário desenvolver programas educativos, com o objetivo de oportunizar o acesso à população acerca do processo de envelhecimento, assim como, aos programas educacionais destinados ao idoso adequando currículos, metodologias e material didático. Esta lei enfatiza o apoio à criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber (BRASIL, 1994).

Em 2003, surge o “*Estatuto do Idoso*” (Lei 10.741/03), que reafirma que o idoso tem direito à educação, respeitando a peculiar condição de sua idade e, em seu Art. 25, estabelece também, como obrigação do poder público, que as instituições de ensino superior ofertem cursos e programas de extensão, na perspectiva da educação ao longo da vida. (BRASIL, 2003).

Apesar da legislação salientar que “O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação” (Art. 21, Estatuto do Idoso), na

prática o que pode ser observado, ao menos no caso da UFPel, é que a organização dessas ações fica a cargo unicamente de iniciativas individuais da própria universidade através da colaboração dos seus servidores, o que pode ser percebido na própria dinâmica de funcionamento da UNAPI/UFPel.

No caso do referido projeto, em geral, as atividades são organizadas em forma de disciplinas, com carga horária de 45 horas semestrais, e são ofertadas à comunidade conforme a disponibilidade dos docentes colaboradores, o que em certa medida, atualmente, limita a natureza, os conteúdos e/ou as modalidades do que é oferecido, pois depende das áreas de atuação dos colaboradores que participam de forma voluntária no projeto.

Observar essas ofertas de atividades, motivou a realização dessa pesquisa, despertou a curiosidade de procurar entender à que se deve a pouca participação da matemática nesse contexto. O fato curioso é que, ao pesquisar nos editais publicados pelo projeto, foi observado que, das 34 disciplinas realizadas entre 2017 e 2020, somente uma teve alguma relação com matemática por trabalhar com raciocínio lógico e ser ministrada por uma professora do curso de Matemática da UFPel.

Soma-se a isso o fato de, em 2019, ter sido oferecido aos idosos participantes da UNAPI uma oficina intitulada “*Organize suas finanças com o auxílio de planilhas eletrônicas*”, a qual não teve nenhuma inscrição. A oficina fazia parte de uma atividade da disciplina “Tecnologias e Educação Matemática” do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática – PPGEMAT da UFPel, ao qual na época eu fazia parte como aluno especial.

A proposta da oficina era ensinar a fazer cálculos matemáticos básicos utilizando como tecnologia o software de planilhas eletrônicas *Excel*¹. Algum tempo depois a coordenadora do projeto, em conversa nas dependências da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, revelou que os idosos comentaram terem ficado com medo de participar da referida oficina de matemática pois acharam que seria algo muito difícil, ainda que não se saiba ao certo se eles consideraram difícil a matemática (presente na organização das finanças), as

¹ *Excel* é o nome pelo qual é conhecido o software desenvolvido pela empresa Microsoft, amplamente usado por empresas e particulares para a realização de operações financeiras e contábilísticas usando planilhas eletrônicas (folhas de cálculo). As planilhas são constituídas por células organizadas em linhas e colunas.

planilhas eletrônicas, ou a junção das duas coisas. A partir dessa experiência, surgiu mais uma reflexão a ser considerada: o quê poderia ser oferecido aos idosos em termos de matemática que pudesse ser útil a eles e facilitasse o seu dia a dia? Além das motivações pessoais, pesquisar nessa área me parece oportuno ao observar os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), que nos evidenciam o crescimento da população idosa e a projeção de que esse crescimento seja ainda maior nos próximos anos. Esse aumento da população idosa, de acordo com o IBGE, pode ser explicado pelos avanços tecnológicos na medicina, os quais influenciam diretamente no aumento da expectativa de vida. Devido a essas informações estatísticas, para mim, aumentam as preocupações em relação à definição de políticas públicas para assegurar direitos e condições às pessoas idosas, além de uma preocupação maior com relação à qualidade de vida delas.

Com a intenção de contribuir com esse tema surgiu a presente pesquisa, pensando que a melhor forma de provocar a ampliação desse debate seria, antes de propor qualquer ação, começar ouvindo o que os próprios idosos teriam a dizer a respeito da relação deles com a matemática, a partir de entrevistas que oportunizassem eles dizerem o que pensam a respeito e compartilhem suas experiências.

Antes, de partir para as entrevistas e para a realização deste trabalho, foi realizado um mapeamento da pesquisa, o qual consta no capítulo 2, no qual foi possível verificar a existência de poucos trabalhos abordando o tema Educação Matemática e Idosos. Desse modo, ao fazer entrevistas, a presente pesquisa pretende contribuir contemplando mais discursos, produzindo mais fontes a partir de narrativas de idosos sobre o tema, que podem servir, inclusive, como material para outras pesquisas e para reflexões no âmbito do planejamento do projeto.

O capítulo 3 aborda os novos desafios que o envelhecimento da população impõe à Educação. São apresentados elementos acerca das legislações que fazem referência à educação para idosos e suas modalidades e sobre o surgimento dos programas voltados a esse público. Na sequência, é apresentado um levantamento realizado com base nas atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão “Universidade Aberta Para Idosos” da

Universidade Federal de Pelotas, observando a presença, ou não, da matemática dentre essas atividades.

Para realizar a tarefa de ouvir os idosos, foi utilizada a História Oral como metodologia para a produção de fontes², conforme descrito no capítulo 4. Nesse sentido, são utilizados como referências teórico-metodológicas os estudos de Bosi (1994), Thompson (2002), Alberti (2004) e Portelli (2001, 2010, 2016).

Por fim, no capítulo 5, são analisadas as narrativas dos entrevistados, produzindo reflexões sobre o que os idosos disseram sobre suas experiências de participação no projeto, trazendo as percepções deles sobre como é ou como foi participar de um projeto educativo para idosos, e, em relação à matemática, procurando aproximar os discursos dos idosos que de alguma forma podem ser associadas com matemática, suas demandas, necessidades e interesses relativas ao tema, com aquilo que o campo da Educação Matemática tem dito a respeito.

Segundo D'Ambrósio (2013), a História nos ensina que os conteúdos matemáticos sempre foram propostos como resposta aos objetivos da educação da época. Isto é, são sempre contextualizados no espaço e no tempo, utilizando as metodologias disponíveis no momento. Nesse sentido, o presente trabalho propõe um olhar sobre uma Educação Matemática contextualizada aos desafios, interesses ou necessidades das pessoas idosas na época atual, entendendo que há grande necessidade de uma matemática atual e considerando como uma possibilidade de educação para a cidadania, visando a manutenção da autonomia do idoso e melhoria da qualidade de vida.

Considerando que o desenvolvimento de estudos como este envolvendo pessoas idosas, na área de Educação Matemática, são necessários, uma vez que ainda há poucos trabalhos desenvolvidos contemplando estes sujeitos, a presente pesquisa pretende acrescentar perspectivas ao que já se tem academicamente produzido sobre o tema e contribuir no aprofundamento de

² O termo “produção de fontes” é utilizado aqui sob a perspectiva de Portelli (2016), que nos diz que fontes orais não são *encontradas*, mas sim *cocriadas* a partir da relação (diálogo) entre entrevistador e entrevistado. A produção das fontes orais para este trabalho se deu partir da realização de entrevistas com idosos participantes do projeto UNAPI. Uma discussão sobre História Oral enquanto metodologia para esta pesquisa será feita no capítulo 5.

discussões acerca do papel e das potencialidades da Educação Matemática para as pessoas desta faixa etária, a partir da perspectiva dos idosos participantes das atividades do projeto “Universidade Aberta Para Idosos – UNAPI/UFPel”.

1.1. Do caminho percorrido até aqui

Sou o filho caçula em uma família de cinco irmãos, dez anos mais novo que o meu irmão mais próximo, o que fez que crescesse em um ambiente predominantemente composto por adultos e idosos, isso talvez tenha construído a minha personalidade de ouvir muito mais do que falar e também a admiração pela sabedoria e pelas histórias contadas pelos mais velhos.

Sempre fui curioso, no sentido de querer consertar as coisas, o que de certa forma me direcionou para a área da tecnologia, especialmente eletrônica e informática, as quais, desde o primeiro contato com um computador, lá no ano de 1998, já me despertaram a curiosidade e o interesse nestas áreas.

Ao concluir o Ensino Médio, prestei vestibular para o curso de Ciência da Computação da Universidade Federal de Pelotas - UFPel e para o Curso de Técnico em Eletrônica do Centro Federal de Ensino Tecnológico - CEFET-RS e em ambos não obtive êxito. Precisei guardar para um momento futuro este desejo de aprender mais da área da tecnologia, ingressando em um destes cursos, pois tive que começar a trabalhar.

Juntamente com o Ensino Médio tive a oportunidade de cursar o Curso Técnico em Contabilidade, sendo tal formação a que me abriu portas ao mercado de trabalho, onde trabalhei na função de auxiliar financeiro por sete anos em uma empresa do ramo do comércio em Pelotas. Neste tempo foi possível me qualificar e resgatar aquele desejo anterior, e ingressar no Curso Técnico em Eletrônica do CEFET-RS, o qual foi cursado no período noturno, em paralelo à atividade profissional.

Após a conclusão do Curso Técnico em Eletrônica em 2007, pedi demissão do emprego de sete anos e me tornei empreendedor na área da eletrônica e da informática, primeiramente de forma autônoma e, posteriormente, abrindo uma empresa de venda e manutenção de equipamentos de informática. Onde, além de administrar a empresa, eu

prestava assistência técnica nos equipamentos dos clientes. A empresa permaneceu ativa até 2014, quando ingressei na UFPel, por concurso público.

Desde então, atuo como servidor técnico administrativo lotado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, onde faço parte de uma equipe interdisciplinar cujo envolvimento com a formação de estudantes na dimensão extensionista é tema recorrente. Esta atuação profissional acabou me proporcionando o interesse e aproximação natural com o assunto Educação. Penso que estar neste momento da minha trajetória profissional como servidor, atuando em uma Pró-Reitoria acadêmica, me coloca em sintonia com aquilo que define essencialmente o meio universitário: a construção coletiva do conhecimento.

Uma das minhas primeiras atitudes após ingressar como servidor da Universidade foi me capacitar fazendo um curso de graduação, algo que até então não havia tido a oportunidade. Sendo assim, obtive em 2016 o título de Tecnólogo em Gestão Pública pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. A escolha por esta graduação deu-se como uma busca por mais conhecimento na área da gestão pública, na qual estou inserido.

Tive conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática - PPGEMAT através do convite de um amigo, aluno do programa, e assim retornei aos estudos, tendo o privilégio de participar de um programa de pós-graduação consolidado, primeiramente, em 2019 como aluno especial e, atualmente como aluno regular. Assim, além de buscar capacitação profissional, o que é importante na carreira de servidor público, busco, prioritariamente, debate e reflexão no âmbito da gestão da educação.

Da minha proposta de pesquisa para ingresso ao PPGEMAT manteve-se apenas o público-alvo, uma vez que a proposta inicial era investigar a compreensão dos elementos envolvidos no uso da matemática financeira no cotidiano dos idosos e, com isso, explorar tecnologias que pudessem contribuir neste processo.

Para minha surpresa, ao ser selecionado como aluno do programa, fui convidado a ingressar na linha de pesquisa *“História, Currículo e Cultura”*, diferente da pretendida *“Tecnologias e Educação Matemática”*. Tal desdobramento me causou um certo pesar naquele momento, pois tive que sair da minha “zona de conforto”, que é a área de tecnologias, tendo em vista a minha formação e o meu histórico profissional. Pensei “vai ser muito mais difícil

agora...”. Mas por outro lado, essa mudança no rumo que eu havia imaginado inicialmente, me abriu o horizonte para uma nova perspectiva, deixei um pouco de lado temas como tecnologias e comecei a me apropriar de outros, como entrevistas de História Oral e formas de inclusão na educação. Considero que esse redirecionamento foi muito oportuno, e, pensando bem, fez muito mais sentido para mim, desenvolver a pesquisa como uma construção coletiva, que considera o ponto de vista dos participantes. No fundo quando pretendia usar tecnologias, já era com o intuito de tentar aproximar os idosos da educação, só não tinha clareza disto naquele momento.

1.2. Objetivos e Questão de Pesquisa

O tema da presente pesquisa nos provoca a reflexão de que talvez os discursos sobre a relação dos idosos com a matemática não contemplem a perspectiva deles. Simone de Beauvoir (1990), em ‘A velhice’, ao abordar a relação idoso-sociedade, diz que a sociedade formula uma série de clichês baseados no fato de que, quando se considera o homem idoso um objeto da ciência, da história e da sociedade, procede-se a sua descrição em exterioridade, isto é, o idoso é descrito pelo outro e não por ele próprio.

Para esta pesquisa, importa saber o que os próprios idosos têm a dizer sobre a sua inserção no contexto da Educação Matemática. Para isso, partiremos de diálogos, o que chamaremos de fontes, que oportunizem a eles próprios compartilharem suas memórias e suas experiências cotidianas com relação à matemática, sejam elas passadas ou presentes.

Partindo da premissa de que não sabemos, ou não temos clareza, sobre quais seriam as necessidades ou interesses dos idosos em relação à matemática, essas fontes, somadas ao que já se tem academicamente produzido sobre o tema, podem contribuir para a construção de uma ponte de diálogo entre universidade e sociedade: de um lado a Educação Matemática, com suas possibilidades formativas, de outro, as pessoas desta faixa etária, com suas demandas.

Sendo assim, com a questão de pesquisa “*O que os idosos têm a dizer sobre a relação deles com a matemática?*”, o presente trabalho teve dois grandes objetivos. O primeiro foi o de produzir fontes, a partir de narrativas de

pessoas idosas que participaram de atividades oferecidas pelo projeto de extensão “Universidade Aberta Para Idosos” - UNAPI/UFPel, sobre a relação delas com a matemática e, o segundo, foi realizar um exercício de análise, com base nessas fontes produzidas através das entrevistas, buscando aproximações e distanciamentos entre o que academicamente já é entendido como necessidade e é oferecido a eles no campo da Educação Matemática e o que eles dizem a respeito.

Para isso foram observadas as narrativas dos idosos sobre a participação deles na UNAPI/UFPel, suas experiências e vivências em relação ao projeto e em relação à matemática, tanto em um contexto mais geral quanto no caso específico da matemática praticada no âmbito do projeto.

Antes de avançarmos para o cumprimento de tais objetivos, nos parece oportuno delimitar algumas questões como, por exemplo, apresentar melhor este grupo de participantes, começando com o termo pelo qual os chamaremos.

1.3. Idoso, velho ou terceira idade?

Ao longo da pesquisa, se demonstrou necessário delimitar sobre quem estamos falando. Neste sentido, um aspecto muito importante e que obteve destaque entre as preocupações na construção da dissertação foi, sem dúvida, a definição sobre qual termo utilizar para referenciar os participantes, tendo em vista que cada um desses termos traz consigo aspectos sociais e culturais e podem ser interpretados de maneiras diferentes, de acordo com o contexto.

No que diz respeito a essa categorização etária das pessoas com mais de sessenta anos é comum observarmos os termos “idoso”, “velho” e “pessoas da terceira idade” sendo frequentemente utilizados de uma forma geral na sociedade. Mas, afinal, de que forma podemos nos referir às pessoas nessa etapa da vida? Todos estes termos se referem aos mesmos sujeitos?

Para efeito legal, a palavra “idoso” é a denominação oficial de todos os indivíduos que tenham sessenta anos de idade ou mais. Esse é o critério adotado para fins de censo demográfico, utilizado também pela Organização

Mundial de Saúde (OMS) e pelas políticas sociais que focalizam o envelhecimento, como, por exemplo, a Política Nacional do Idoso (PNI)³.

Esse termo “idoso”, compreendendo todo e qualquer indivíduo acima de 60 anos de idade, advém de um conceito criado na França em 1962, em substituição à termos como velho e velhote, fazendo com que as pessoas envelhecidas passassem a ser olhadas com maior respeito. A designação de idoso era restrita aos indivíduos que tinham status social advindo de sua experiência em cargos políticos, decorrente de situação financeira privilegiada ou de alguma atividade valorizada socialmente. Logo depois esse termo foi adotado no Brasil em documentos oficiais (PEIXOTO, 1998).

Na mesma época, também na França, surgiu a expressão “Terceira Idade”, em virtude da introdução de uma política de integração social da velhice visando a transformação da imagem das pessoas envelhecidas. Ao abordar o surgimento da expressão “Terceira Idade” na França, Peixoto (1998) nos conta que, até então, o tratamento da velhice era pautado na exclusão social, tendo o asilo como seu principal símbolo. Os termos velho e velhote eram empregados para reforçar uma situação de exclusão daqueles que, despossuídos, indigentes, não detinham status social.

De acordo com a autora, essa classificação tem origem numa época em que, nas relações do processo de produção, a força de trabalho era o bem que o indivíduo das classes menos favorecidas tinha para vender. A partir da diminuição dessa força ele entrava na categoria de velho, que, sem trabalho e desassistido pelo Estado, potencializava seu estado de pobreza. Essa incapacidade para o trabalho produtivo associa, desde então até os dias atuais, a velhice à invalidez e à decadência.

Terceira Idade ficou sendo, então, uma nova fase da vida que se inicia pela aposentadoria, caracterizada por um envelhecimento ativo e independente, voltado para a integração e a autogestão. Constitui um segmento geracional dentro do universo de pessoas consideradas idosas, ou seja, são os “velhos jovens” com idade entre sessenta e oitenta anos. Já os

³ A Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994) tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. A Lei dispõe sobre os princípios, diretrizes, organização, ações governamentais e disposições gerais que deverão orientar a Política. (BRASIL, 1994).

idosos com mais de oitenta anos passaram a compor a “Quarta Idade”, ou seja, os “velhos velhos”, essa sim, identificada com a imagem tradicional da velhice. Vale ressaltar que estão excluídos da categoria de terceira idade os indivíduos com sinais de decrepitude e senilidade (PEIXOTO, 1998).

Entretanto, recentemente a utilização do termo “Terceira Idade” não está sendo bem-vista por muitos. O Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa (CNDI), por exemplo, não recomenda a utilização do termo Terceira Idade nos projetos dirigidos às pessoas idosas, justificando que o termo “Terceira Idade”, surgido na França, é um eufemismo que leva à invisibilidade da pessoa idosa enquanto sujeito, e leva à negação da velhice pelas próprias pessoas idosas, pela sociedade em geral e, principalmente, pela mídia. Como consequência dessa negação, surgem o preconceito, os mitos e os estereótipos acerca da pessoa idosa, da velhice e do envelhecimento. Conclui ainda que a Academia, ao utilizar esse eufemismo, reforça esse comportamento.

O termo “velho” também não é bem aceito por muitos, pois pode nos remeter a uma representação negativa da velhice, vinculando às piores características e transformações que estão ligadas ao conceito tradicional de velhice. No imaginário social, o velho está diretamente associado à estagnação e perdas que levam à ruptura e ao isolamento; inflexibilidade decorrente de apego a valores ultrapassados, podendo por isso levar ao isolamento social; imagem negativa do aposentado, significando um final de vida, falta de capacidade pessoal e a exclusão da rede produtiva; pessoa que necessita de cuidados, sem força, sem vontade, sem vida, doente, incapacitado e que por todos esses motivos fez opção pela passividade. (RODRIGUES, 2006).

Visando evitar as possíveis interpretações negativas relacionadas aos termos “velho” e “Terceira Idade” e considerando que, dependendo da interpretação, esses termos podem não fazer referência aos mesmos sujeitos, foi escolhido para a presente pesquisa o termo “idoso” ou “pessoa idosa”, por considerar um termo mais neutro e mais bem esclarecido na legislação e nos documentos oficiais.

2. Idosos e Educação Matemática: uma revisão

Para que comecemos a pensar sobre a matemática e sua possível relação com os idosos, optamos, primeiramente, por olhar o que foi produzido academicamente até então, sobre o assunto. Para tal, nesta seção, são apresentados trabalhos já realizados que contêm relação com o tema desta pesquisa.

Foram realizadas buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em anais dos principais eventos de Educação Matemática, no Portal de Periódicos da CAPES e, também, diretamente nos sites das revistas *Bolema* e *Zetetiké*, duas importantes revistas da área da educação matemática.

Começando pela busca na BDTD pelos termos “Inclusão”, “Educação Matemática” e “Educação ao longo da vida”, utilizando o período dos últimos cinco anos, de 2015 a 2019, nenhum resultado foi encontrado. A seguir, substituiu-se o termo “Educação ao longo da vida” por “Educação de Idosos” e foi encontrada uma dissertação. Mantendo os termos “Educação Matemática” e “Educação de Idosos” e substituindo o termo “Inclusão” pelo termo “Extensão Universitária”, foi encontrada desta vez uma tese.

Quando mantido apenas o termo “Educação Matemática” e simplificado o termo “Educação de Idosos” para o termo genérico “Idosos” foram encontradas mais três dissertações, além dos mesmos trabalhos anteriores que voltaram a aparecer, totalizando cinco trabalhos relacionados, sendo quatro dissertações e uma tese.

Tabela 1 – Buscas na BDTD

Palavras-chave	Dissertações Encontradas	Teses Encontradas	Dissertações Selecionadas	Teses Selecionadas
Educação Matemática, Inclusão e Educação ao longo da vida	0	0	0	0
Educação Matemática, Inclusão e Educação de Idosos	1	0	0	0

Educação Matemática, Educação de idosos e Extensão Universitária	0	1	0	0
Educação Matemática e Idosos	4	1	3	1

Fonte: Dados do autor.

Após a leitura dos cinco textos encontrados, foram selecionados quatro por terem alguma relação com a pesquisa proposta, sendo três dissertações e uma tese. Conforme relacionado na Tabela 2.

Tabela 2 – Trabalhos selecionados

Título	Autor/Orientador	Programa/IES	Ano	D/T	Palavras-chaves
Conversas sobre matemática com pessoas idosas viabilizadas por uma ação de extensão universitária	Luciano Feliciano de Lima / Miriam Godoy Penteadó	Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática / UNESP	2015	T	Educação Matemática; Educação de idosos; Diálogo; Ensino de Matemática; Parkinson.
Matemática no cotidiano de pessoas idosas (PIs): Memórias, saberes e práticas	Rômulo Tonyathy da Silva Manguiera / Zélia Maria de Arruda Santiago	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – PPGECM / UEPB	2017	D	Educação matemática; Saberes matemáticos; Memória escolar; Idosos; Prática docente.
Representações sociais de pessoas idosas sobre Matemática	Matheus Pereira Scagion / Miriam Godoy Penteadó	Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática / UNESP	2018	D	Terceira Idade; Educação Matemática; Educação de Idosos; Ações Inclusivas.
Memórias da tabuada em narrativas	José Jorge Casimiro dos Santos / Zélia	Programa de Pós-Graduação	2018	D	Prática docente; Educação de Jovens e Adultos –

intergeracionais: Temporalizando saberes, repensando a prática docente	Maria de Arruda Santiago	em Ensino de Ciências e Educação Matemática – PPGECEM / UEPB			EJA; Tabuada; Ensino de Matemática.
--	-----------------------------	---	--	--	--

Fonte: Dados do autor.

A seguir apresentam-se os aspectos mais relevantes de cada um dos textos selecionados.

Lima (2015) apresenta uma pesquisa cujo foco é uma ação extensionista que visou possibilitar um diálogo sobre matemática com pessoas idosas, tendo como pergunta diretriz: “O que se mostra em uma ação de Extensão Universitária envolvendo conversas sobre matemática com pessoas idosas?”. Visando contribuir com discussões nesse sentido, foi desenvolvida a ação denominada *Conversas sobre matemática* com um grupo de pessoas com idade superior a 50 anos, que se realizou em encontros quinzenais ao longo de um ano, cada um com duração de uma hora. Nos encontros eram sugeridos assuntos matemáticos como empréstimos para aposentados, faixa de *Moebius*, regularidades numéricas, simetrias, entre outros, utilizando recursos variados.

Os dados da pesquisa, de cunho qualitativo, foram constituídos por meio do diário de campo do pesquisador, pelas transcrições das entrevistas de oito participantes da ação e pelas produções do grupo. A análise dos dados mostrou duas temáticas que contribuem para a reflexão da pergunta diretriz, quais sejam: Motivos para frequentar a ação *Conversas* e Participação.

Em relação aos Motivos para frequentar a ação, apresentaram-se: contribuições das tarefas matemáticas para a cognição; possibilidades de interações sociais e de aprender coisas novas; desejo de aprender; gosto pela matemática. Em relação à Participação mostraram-se: realização das tarefas sugeridas; perguntas, respostas e considerações sobre os assuntos matemáticos discutidos; experimentação com os materiais disponibilizados; compartilhamentos do que foi visto na ação com pessoas que não pertenciam ao grupo.

O autor conclui sugerindo que trabalhos, nessa área, poderiam contribuir para uma melhor compreensão sobre possibilidades da Extensão Universitária

em ações envolvendo matemática com pessoas idosas como, por exemplo, Educação Financeira na Terceira Idade, Matemática e Arte, Jogos e Matemática, dentre outros.

O trabalho de Lima (2015) trouxe uma importante contribuição ao explorar a extensão universitária como uma possibilidade para chegar ao público-alvo pretendido, no caso os idosos. A extensão universitária também será explorada na presente pesquisa, à medida que os entrevistados participam de ações de extensão promovidas pela UFPel.

Mangueira (2017) discute em sua pesquisa a matemática aplicada no cotidiano de pessoas idosas, identificando saberes matemáticos por elas utilizados, em quais contextos e situações sociais. Tem como referência de análise as narrativas de educandos idosos, alunos da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), projeto desenvolvido pela Universidade Estadual da Paraíba no campus de Campina Grande. O autor os denomina como “educandos” por entender que, embora em um espaço informal extraescolar, eles retornaram às aulas para continuarem aprendendo, buscando inserir-se em um processo inacabado enquanto sujeitos aprendentes e ensinantes na sociedade (Freire, 1997 apud Mangueira, 2017).

Mangueira (2017) coloca ainda a educação ao longo da vida como uma necessidade de aprendizagem continuada do ser humano inserido numa sociedade permeada pelas redes da comunicação e informação, sobretudo uma demanda da população idosa, como um instrumento capaz de proporcionar-lhes novos conhecimentos necessários a continuidade de sua participação social e gerenciamento da vida pessoal em diversos contextos da sociedade.

Os idosos pesquisados demonstraram diversos saberes matemáticos relacionados a atividades de seu cotidiano. Pode-se contextualizar tais saberes citando as situações cotidianas relatadas, tais como: no contexto social (trabalho), na gestão financeira familiar, na cronologia (tempo), na arte (artesanatos e pinturas), na costura, na culinária e na dosagem dos medicamentos.

O autor conclui que, em linhas gerais, se conseguiu encontrar evidências, de acordo com as histórias de vida e as práticas sociais cotidianas dos educandos idosos, que demonstram que eles enfrentam situações sociais

que exigem operacionalização dos saberes matemáticos e que demandam usos e aplicações contínuas da matemática no dia a dia. Conclui ainda ter percebido que as pessoas idosas afirmam que gostam da matemática, reconhecem sua importância e, por isso, muitos, gostariam de voltar à escola para estudar Matemática.

O trabalho de Manguiera (2017), ao discutir a matemática aplicada ao cotidiano das pessoas idosas, provoca a reflexão de que a matemática pode contribuir no sentido da manutenção da autonomia dos idosos, sendo este um aspecto que se pretende abordar na presente pesquisa.

Scagion (2018) realiza uma pesquisa tendo como objeto pessoas idosas que frequentavam atividades oferecidas na Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Rio Claro. Por meio de realização de entrevistas, procura compreender o que dizem estas pessoas sobre a sua relação com a matemática e identificar as representações sociais dos idosos com base no conteúdo das entrevistas.

O autor pondera que questões relacionadas à escolaridade e ao futuro das pessoas idosas podem proporcionar processos de exclusão. O primeiro caso acontece pela falta de escolaridade ou por justificativas que indicam que o seu aprendizado do tempo escolar já possui grandes desatualizações ou diferenças em relação aos atuais. Quanto ao futuro, segundo caso destacado pelo autor, os processos de exclusão ocorrem pelo fato de a pessoa idosa ser considerada sem perspectiva de futuro, devido à idade avançada, não podendo fazer parte de novos projetos.

Cita ainda que a Educação Matemática pode oferecer algo, atendendo a possíveis objetivos e interesses de pessoas idosas, ou seja, pode proporcionar benefícios e contribuir com atividades educacionais, uma vez que as tarefas matemáticas estimulam o raciocínio lógico, deduções e cálculos mentais. Estas ações individuais, em um ambiente de compartilhamento, contribuem para a socialização. No entanto, o autor pondera que é preciso identificar o quê da Matemática pode ser explorado.

Por fim, destaca que a existência de locais exclusivos para pessoas idosas é importante, mas também é importante a organização de projetos que proporcionem relações entre várias gerações (intergeracionais), pois estes ambientes realizam contribuições para todos os participantes.

O trabalho de Scagion (2018) vem contribuir muito com a presente pesquisa, principalmente pela utilização do método de realização de entrevistas para ouvir dos idosos quais os seus interesses e a maneira em que analisa os dados coletados nas entrevistas.

Santos (2018) apresenta uma pesquisa onde analisa registros de saberes escolares acerca do uso da tabuada em narrativas intergeracionais orais e escritas de educandos jovens, adultos e idosos, verificando como estes saberes influenciam na atual prática do professor de Matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa foi aplicada numa turma de 5ª série na modalidade EJA na cidade de Campina Grande/PB.

Observa que o ensino na EJA se destina a jovens e adultos, porém, atualmente, se reconfigura com a presença de educandos idosos, tendo-se turmas multietárias com diferentes expectativas de aprendizagens em relação aos conteúdos disciplinares, sobretudo à Matemática. Observa ainda que, no local onde foi aplicada a pesquisa, verifica-se um aumento da população idosa nas aulas do ensino na EJA e atribui isto ao aumento da expectativa de vida aliado ao fato de que muitos desistiram da formação escolar quando jovens e à crescente demanda social quanto ao uso da leitura e da escrita para inclusão nas mídias digitais.

O autor relata ter observado, em sua prática docente como professor de EJA, que os alunos que retornam à escola nesta modalidade de ensino possuem experiências metodológicas de aprendizagem e avaliação Matemática com aulas expositivas, muitas vezes com lista de atividades mecânicas, reduzindo a Matemática a exercícios repetitivos. Esses alunos fazem parte de um público que conviveu com a tabuada como um recurso didático com as operações básicas, sendo memorizada por estudantes expostos à avaliação oral do professor de Matemática. Relata que muitos destes alunos desejam rever este conteúdo, estudar as operações básicas na tabuada, conforme vivenciado no seu tempo escolar.

Essas observações despertaram o interesse do autor em pesquisar lembranças escolares intergeracionais sobre o uso da tabuada narrada por jovens, adultos e idosos, sendo que cada um desses grupos, provavelmente, protagonizou experiências educacionais distintas, por pertencerem a um

contexto social cronologicamente demarcado por diferentes décadas e faixas etárias.

O autor define a tabuada como um instrumento didático, muito utilizado para o ensino de cálculo, que perdura desde os primórdios do ensino tradicional até os dias de hoje. O pesquisador indagou aos educandos se eles já haviam estudado a tabuada em anos anteriores e, caso tivessem estudado, como eram essas aulas. A maioria respondeu que sim, mas que tinha ocorrido há muito tempo. A forma relatada pela maioria foi que a tabuada era estudada de forma mecânica, era necessário memorizar, “*saber de cor*”.

Após a aplicação de algumas atividades elaboradas levando em consideração elementos que os educandos sentiram a necessidade no processo de aprendizagem, como o diálogo e a dinamicidade nas aulas, o autor conclui que tais atividades potencializam a aprendizagem da matemática, no que diz respeito às operações básicas contidas na tabuada, proporcionando a percepção dos educandos do quanto aprender matemática pode ser dinâmico e prazeroso e de que a matemática não é tão difícil quanto parece.

Concluindo, o autor pondera a importância de os Educadores Matemáticos repensarem o contexto da EJA sob um olhar mais sensível, levando em consideração suas especificidades sociais, culturais e etárias.

O trabalho de Santos (2018) trouxe uma importante reflexão a respeito dessas especificidades sociais, culturais e etárias. No caso dos idosos, essas particularidades precisam ser observadas e consideradas no desenvolvimento de qualquer atividade.

Considerando-se periódicos científicos, foi feita busca nas revistas Zetetiké e Bolema, duas importantes revistas da educação matemática. Na pesquisa pelos termos “Idosos” e “Educação Matemática”

Tabela 3 – Resultados de buscas em periódicos

Periódico	Ano	Encontrados	Selecionados
Bolema	2015-2020	1	1
Zetetiké	2015-2020	0	0

Fonte: Dados do autor.

Após a leitura do resumo, foi possível identificar que a publicação selecionada se trata de um recorte da tese de Lima (2015), apresentada anteriormente, que foi publicada no periódico.

No artigo o autor demonstra algumas ações educativas envolvendo Educação Matemática e pessoas idosas e discute alguns resultados obtidos na pesquisa realizada para sua tese de doutorado.

Tabela 4 – Trabalhos selecionados em periódicos

Periódico /ed. / Ano	Título	Autor(es)	Palavras-chave
Bolema / vol.33 no.65 / Dec. 2019	Há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender: <i>como e por que educação matemática na terceira idade?</i>	Luciano Feliciano de Lima, Miriam Godoy Penteado, Guilherme Henrique Gomes da Silva	Diálogo. Educação de Idosos. Educação Matemática

Fonte: Dados do autor.

Para a pesquisa no Portal de Periódicos da CAPES foram utilizados os termos “idosos” e “Educação Matemática”, o resultado obtido foi de quinze artigos no total, contudo apenas um teria relação com a presente pesquisa e se trata do artigo de Lima (2019) na revista Bolema, já selecionado anteriormente.

Utilizando apenas o termo “Idosos” no mesmo recorte de tempo de cinco anos, foram feitas buscas nos seguintes eventos: Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM), Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática (SIPEM), Congresso Ibero Americano de Educação Matemática (CIBEM) e Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática (EBRAPEM). Na Tabela 5 são mostrados os resultados obtidos.

Tabela 5 – Resultados de buscas em anais de eventos

Evento	Ano do evento	Encontrados	Selecionados
XII ENEM	2016	1	1
XIII ENEM	2019	0	0
VII SIPEM	2015	0	0

VII SIPEM	2018	0	0
VIII CIBEM	2017	0	0
XIX EBRAPEM	2015	0	0
XX EBRAPEM	2016	0	0
XXI EBRAPEM	2017	0	0
XXII EBRAPEM	2018	0	0
XXIII EBRAPEM	2019	0	0

Fonte: Dados do autor.

Após a leitura do resumo do trabalho encontrado, foi possível selecioná-lo para utilização, conforme apresentado na Tabela 6.

Tabela 6 – Trabalhos selecionados em anais de eventos

Edição/Evento	Título	Autor(es)	Palavras-chave
XII ENEM / 2016	MATEMÁTICA E MEMÓRIA ESCOLAR: SABERES LEMBRADOS E SIGNIFICADOS POR EDUCANDOS IDOSOS (AS)	Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira Zélia Maria de Arruda Santiago	Matemática; Memória; Pessoas Idosas; Envelhecimento Saudável.

Fonte: Dados do autor.

Foi possível identificar, observando os nomes dos autores, que o trabalho apresentado no XII ENEM em 2016 é parte integrante da dissertação que seria defendida no ano seguinte por Rômulo T. S. Mangueira. Na ocasião, Mangueira (2016) apresentou um trabalho em que discute aprendizagens da matemática narradas por educandos idosos, aplicadas à sua vida cotidiana. A abordagem foi realizada por meio da observação de registros e de depoimentos e aplicação de questionário com educandos idosos num curso de Extensão na Universidade Aberta à Maturidade (UAMA/UEPB).

Na abordagem descrita pelos autores foi realizada a seguinte questão: “Quando estudava, gostava de Matemática?”, onde se verificou que, dos 43 educandos idosos pesquisados, 20 afirmaram ‘não gostarem de Matemática’, correspondendo a 47% dos participantes, e 23 educandos responderam que ‘sim’, equivalente a 53% dos participantes. Com base nesse resultado, buscou

saber os motivos que levaram os participantes a afirmarem não gostar de Matemática e entende que a metodologia utilizada pelo(a) professor(a) exerce um papel fundamental na assimilação do conteúdo matemático e, também, na motivação para se gostar da Matemática.

Os autores concluem que a natureza da relação professor-aluno está ligada, diretamente, à construção ou à desconstrução do conhecimento matemático, pois a forma como o educando interage com o educador, ou o educador interage com o educando, reflete no desempenho deste. Finaliza destacando que os saberes matemáticos se inserem nas práticas sociais cotidianas e que a maioria dos participantes afirmou que gostaria de estudá-la, pois além de reconhecerem que a matemática contribui para estimular a memória, por meio dela é possível um envelhecimento mais ativo e saudável.

A partir da análise dos trabalhos relacionados, foi possível primeiramente observar que o tema é abordado por poucas pessoas. Pode ser verificado, na Tabela 2, que dos quatro trabalhos selecionados se repetem os nomes das professoras orientadoras, havendo apenas duas professoras que orientaram dois trabalhos cada uma. Pode-se observar também que os trabalhos encontrados em eventos e periódicos foram gerados pelos mesmos autores de dissertações e teses anteriormente citadas, o que nos deixa restritos a um pequeno grupo de pessoas produzindo material sobre o tema.

Outro dado que chama atenção é de que os trabalhos encontrados foram desenvolvidos nas regiões Sudeste e Nordeste do Brasil, parecendo assim não haver nenhuma representatividade do Sul do país quanto a este tema de pesquisa.

Todos os textos analisados relatam, de alguma forma, os benefícios que a matemática pode proporcionar às pessoas idosas, seja na estimulação da cognição, memorização e raciocínio lógico, além de contribuir com a socialização quando são disponibilizados espaços educacionais. Estes relatos nos sugerem que a Educação Matemática pode oferecer algo, seja a partir da Extensão Universitária ou das escolas de Educação de Jovens e Adultos – EJA, atendendo a possíveis objetivos e interesses de pessoas idosas e promovendo inclusão deste grupo social na educação. Além disso, muitos participantes ouvidos nestes trabalhos demonstraram ter vontade de voltar à escola e

estudar Matemática, o que também nos sugere haver uma demanda dos idosos por uma educação voltada às suas necessidades e/ou interesses.

Os trabalhos apresentados aqui, específicos da Educação Matemática, relacionados com os idosos dialogam com um campo mais amplo de debate que inclui alguns aspectos que são importantes de serem tratados, como questões referentes à Educação ao longo de toda a vida, de que forma isto se apresenta nas legislações vigentes, suas modalidades e, ainda, algumas informações demográficas que dizem respeito à longevidade da população e o que isso pode representar para o campo da Educação.

3. Longevidade - um novo desafio para a Educação

A aprendizagem pode ocorrer ao longo de toda a vida, mesmo na velhice ela pode ser desenvolvida como em todas as outras fases. Papalia e Olds (2000, p. 511), ao afirmar que “as pessoas mais velhas podem e efetivamente continuam a adquirir novas informações e habilidades e são capazes de lembrar e usar aquelas que já conhecem”, nos sugere que os idosos podem continuar adquirindo novas informações agregando àquelas que eles já têm.

Entendemos que é possível aprender durante toda a vida, inclusive na velhice, vários assuntos ou conceitos, que estejam relacionados com experiências, vivências e perspectivas. É possível também revisitar assuntos já estudados e produzir novos significados.

No caso desta pesquisa, trazemos a questão da matemática, que é o que nos interessa, e perguntar aos idosos o que eles querem saber de matemática tem muito a ver com isso, porque acreditamos que eles podem aprender matemáticas que os auxiliem com as suas necessidades atuais e podem, também, atualizar ou relembrar saberes matemáticos que usaram em outros momentos da vida.

Claxton (2005) defende que, ao longo de toda a vida, somos aprendizes, e sugere que essa aprendizagem abrange vários aspectos:

Durante a vida toda, em cada aspecto dela, as pessoas são aprendizes. A aprendizagem ao longo da vida abrange a paternidade / a maternidade, a separação e a perda; enfrentar a doença e o infortúnio, tanto de si mesmo quanto dos outros; viver em novas culturas; aprender novas habilidades; praticar hobbies e atividades de lazer; dominar nova tecnologia; desenvolver uma posição com relação às questões atuais (CLAXTON, 2005, p. 221).

O autor fala ainda em aprender novas habilidades, como dominar novas tecnologias e se manter atualizado, o que nos remete novamente àquilo que mobilizou a construção desta pesquisa: saber dos idosos o que lhes interessa relativo à matemática.

Lembrando que, no caso da Matemática, observada no projeto UNAPI da UFPel, ocorreram duas ações oferecidas aos idosos, sendo uma disciplina para a qual houve baixa procura e outra oficina para a qual não houve inscritos, até então não sabemos o motivo disso, mas talvez ao perguntar a eles [aos

idosos] possamos começar uma aproximação que oportunize observar o que lhes interessa sobre matemática.

Em se tratando de pessoas idosas, entendemos que há uma particularidade em termos de aprendizagem, pois esta acontece depois que a pessoa deixa a vida profissional, ou muda de papel no arranjo familiar, podendo, em alguns casos, diminuir algumas obrigações e passar a dedicar parte do seu tempo para “fazer coisas de que gosta” ou aquelas que não foram realizadas por conta da “falta de tempo”. Essa “coisa” pode ser muito variada e relacionada com praticamente todas as áreas do conhecimento, mas certamente envolvendo uma grande dose de aprendizagem.

Em geral, os idosos buscam aprender coisas que sejam do interesse deles. De acordo com Valente (2001), no caso dos idosos “Há uma predisposição para uma aprendizagem centrada na resolução de problemas ou projetos específicos e de superação de desafios impostos pelo próprio indivíduo.” (VALENTE, 2001, p. 31 - 32).

Esses interesses, ou desafios impostos ao indivíduo, podem estar muito relacionados às mudanças que o corpo do indivíduo sofre durante esta fase da vida que, como diz Stano (2001), é um período marcado por mudanças biológicas, sociais e econômicas, no qual é necessário que a educação, entre outros, contribua para que possam redefinir projetos de vida; na sua opinião, “às rugas e ao corpo gasto pelos anos, soma-se o desafio da vida que pulsa e se nega a calar. Dar vozes às falas e dar espaço aos corpos são próprios de um trabalho educativo” (STANO, 2001, p. 156).

Nesse sentido, ressalta-se a importância de propiciar aos idosos diversos espaços, inclusive educativos, que favoreçam a escuta de suas experiências, valorizando suas vivências, bem como propiciem estimular e desenvolver suas capacidades intelectuais, de modo a melhorar a qualidade de vida. (PEREIRA, 2007).

Cabe aqui refletir acerca das possíveis necessidades e problemas enfrentados nessa idade, à medida que novas habilidades são necessárias e elas podem não serem condizentes com a formação recebida no período escolar e em que medida a Matemática, ao ser oferecida em projetos, como a UNAPI da UFPel, que buscam promover essa integração universidade-idoso, podem contribuir sob o aspecto da qualidade de vida, compreendendo que

alguns, ou vários, conhecimentos matemáticos podem ter muito potencial para estimular a pessoa idosa ao exercício de suas funções cognitivas, bem como contribuir no sentido de auxiliar na resolução de tarefas cotidianas que tenham relação com esses conhecimentos.

Mas de que forma a Educação pode proporcionar melhoria de qualidade de vida para os idosos? Esta questão parece bastante complexa e não pretendemos respondê-la nesta pesquisa, apenas esclarecer que, quando falamos em melhorar a qualidade de vida através da Educação pensamos, para além dos aspectos que remetem à ideia, bastante presente no senso comum, de melhora da memória ou da capacidade cognitiva. A melhora que nos referimos é, sobretudo, no sentido de possibilitar uma condição de autonomia social, adquirindo sustentação para suas práticas sociais. Melhora que possibilitaria ao idoso, por exemplo, aumentar ou manter a autonomia para ler e compreender documentos, informações em rótulos de produtos e bulas de remédios, ou não precisar de auxílio para desempenhar atividades de compra, venda e troca no supermercado, feiras, açougues, bem como operações bancárias (saques, depósitos, transferências de valores) sem a necessidade de constrangimentos.

Ainda refletindo sobre qualidade de vida e autonomia social, entendemos que a educação perpassa essa concepção ao pensar que todos nós buscamos nos tornar melhores e mais felizes, com melhores condições de compreender o mundo. Para isso, precisamos de educação, de formação permanente. Aprendemos ao longo de toda a vida, não só na escola, conhecendo nossas circunstâncias e o mundo em que vivemos, mas “em todos os cantos” (PADILHA, 2007). Assim, entendemos que a educação é um processo ininterrupto e interminável, pois todo dia aprendemos ou ensinamos algo novo.

Nesse sentido, podemos fazer aqui uma analogia com o que Paulo Freire (2000) diz sobre formação permanente:

Não é possível ser gente senão por meio de práticas educativas. Esse processo de formação perdura ao longo da vida toda, o homem não para de educar-se, sua formação é permanente e se funda na dialética entre teoria e prática (FREIRE, 2000, p. 40).

Ao falar em formação permanente, ao longo de toda vida, Freire (2000) não se referia a idosos, mas sim a adultos em geral, em especial analfabetos. No entanto, consideramos que essa mesma lógica se aplica também aos idosos, pois também podem estar incluídos nesse conceito de educar-se permanentemente, e acreditamos que a educação tem o poder de proporcionar uma maior autonomia a essas pessoas, as quais buscam uma nova representação perante a sociedade, tomam a iniciativa de se autogerir, ou seja, de buscar por soluções para os problemas que lhes afetam, engajando-se num movimento de luta por mais participação nas decisões dos acontecimentos sociais, políticos, econômicos, culturais, etc., reivindicando direitos que lhes dizem respeito e exigindo garantias de uma vida melhor para todos, especialmente para aqueles que sofrem os efeitos da discriminação social em nosso país.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho se aproxima do que Freire defende como libertação: dar ouvidos a um grupo populacional que por muitas vezes não tem lugar de fala, muitas vezes é descrito pelo outro e não por ele próprio, é trabalhar no sentido de tentar mitigar os efeitos da discriminação social para com esse grupo.

Ainda, é reconhecer que eles necessitam utilizar diferentes saberes da matemática para resolverem diversos problemas, enfrentando diversas situações cotidianas, a exemplo das operações bancárias que exigem cálculos simples (crédito, débito) ao sacarem, depositarem e transferirem valores em dinheiro. Ou ainda para venderem, comprarem, pagarem, que são situações comuns vivenciadas por qualquer cidadão (MANGUEIRA, 2017). Ao refletirmos sobre o que os idosos podem querer aprender mais de matemática ou como eles se relacionam com esses conhecimentos, queremos construir essa compreensão a partir do que eles dizem.

Para que se possa avançar nessas questões que envolvem as possíveis necessidades das pessoas idosas no que diz respeito à Educação Matemática, será oportuno apresentar, a seguir, algumas leituras sobre a condição dos idosos no Brasil.

3.1. Envelhecimento da população no Brasil

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) e conforme regulamentado no Brasil pelo Estatuto do Idoso⁴ no seu artigo primeiro, idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais.

O Brasil tem mais de 28 milhões de pessoas nessa faixa etária, número que representa 13% da população do país. Esse percentual apresenta uma tendência de crescimento no Brasil nas próximas décadas, como aponta a pesquisa de Projeção da População⁵, atualizada em 2018 pelo IBGE e publicada em 2019, (IBGE, 2019).

Segundo a pesquisadora e demógrafa do IBGE Izabel Marri, na referida publicação, a partir de 2047 a população no país deverá parar de crescer, contribuindo para o processo de envelhecimento populacional, quando os grupos mais velhos ficam em uma proporção maior comparados aos grupos mais jovens da população.

A relação entre a porcentagem de idosos e de jovens é chamada de “índice de envelhecimento”⁶, que deve aumentar de 43,19%, em 2018, para 173,47%, em 2060. Esse processo pode ser observado graficamente pelas mudanças no formato da pirâmide etária⁷ ao longo dos anos, que segue a tendência mundial de estreitamento da base (menos crianças e jovens) e alargamento do corpo (adultos) e topo (idosos).

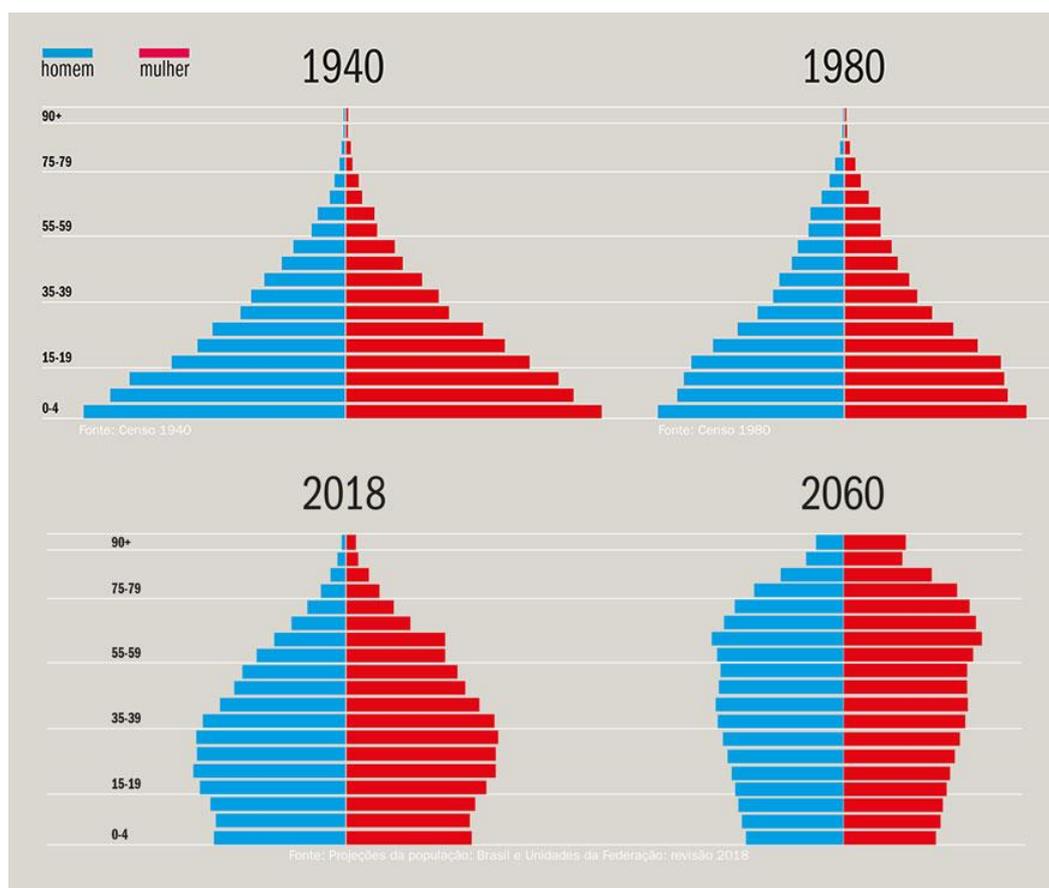
Figura 01 – IBGE - Evolução dos grupos etários 2010 – 2060.

⁴ (BRASIL, 2003), o Estatuto do Idoso foi criado pela Lei 10.741, em 1º de outubro de 2003, quando o Brasil tinha 15 milhões de idosos, o estatuto trouxe, de forma inédita, princípios de proteção integral e de prioridade absoluta às pessoas com mais de 60 anos e regulou direitos específicos para essa população.

⁵ As Projeções da População do Brasil e das Unidades da Federação são elaboradas com base nas informações sobre as componentes da dinâmica demográfica oriundas dos censos demográficos, das pesquisas domiciliares por amostragem e dos registros administrativos de nascimentos e óbitos investigados pelo IBGE.

⁶ O Índice de Envelhecimento é calculado pela relação da População idosa (60 e mais) / População jovem (0 a 14 anos) X 100.

⁷ As pirâmides etárias são gráficos que auxiliam a visualizar a distribuição populacional por sexo (homens à esquerda e mulheres à direita) e faixas etárias – na base temos os mais jovens e no topo os mais velhos.



Fonte: IBGE: Projeção da população por sexo e idades simples - 2010/2060

É possível observar ao longo dos anos que, com o envelhecimento populacional, ou seja, a queda do número de nascimentos a cada ano combinado ao aumento da expectativa de vida do brasileiro, o formato da pirâmide etária vem deixando de ser piramidal, o que, segundo o relatório do IBGE, é característico de países desenvolvidos.

Ainda de acordo com os dados mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, divulgada pelo IBGE em 2018, no período de 2012 a 2017, a quantidade de idosos cresceu em todas as unidades da federação, sendo o estado do Rio Grande do Sul o que apresentou maior crescimento na proporção de idosos, representando atualmente um percentual de 18,8% da população total. Cabe dar esse destaque aos dados referentes ao Rio Grande do Sul por ser o local onde a presente pesquisa é desenvolvida e chama a atenção o fato de ser o estado com o mais alto índice de envelhecimento do Brasil.

Segundo dados demográficos do Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul, publicado em 2019, o índice de envelhecimento apresentou significativa alteração no Estado. Em 1970 havia uma proporção de 14,8 idosos (60 anos ou mais de idade) para cada 100 jovens (de 0 a 14 anos). Os dados revelam que esta proporção vem subindo a cada ano. Em 2020, segundo as projeções populacionais, esse índice já passou de 100%, são 103,3 idosos para cada 100 jovens, sendo o valor mais alto do País. (RIO GRANDE DO SUL, 2019).

Todas essas informações demográficas e estatísticas apresentadas nos evidenciam de forma clara o crescimento da população idosa no Brasil. Diante disso, é possível pensar que, proporcionalmente, crescem as demandas referentes a este grupo populacional em todas as áreas, uma vez que necessitam de maior atenção e, ao mesmo tempo, precisam de políticas de diferentes naturezas que propiciem condições dignas para o exercício de suas vidas. No caso dessa pesquisa, serão observadas as possíveis demandas na área da Educação, em especial no campo da Educação Matemática.

Essas demandas que emergem de um contexto social fazem jus à existência de políticas públicas. O entendimento de política pública normalmente está vinculado à ação do Estado. Envolve suas iniciativas, suas prioridades e os grupos atingidos em uma determinada área ou setor. No entanto, essas ações não nascem de necessidades do próprio Estado, mas são decorrentes de demandas dos diversos grupos que compõem a sociedade como, por exemplo, negros, jovens, mulheres e também os idosos.

Políticas públicas direcionadas às pessoas idosas começaram a surgir no Brasil a partir da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), em que se obteve grandes avanços no que se refere à proteção social do idoso e garantia de direitos à saúde. Em 1994, através da Lei nº 8.842, foi promulgada a Política Nacional do Idoso - PNI, que tem como principal finalidade “assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. (BRASIL, 1994). E em 2003 foi aprovado e sancionado o Estatuto do Idoso, Lei 10741/03, que “amplia a resposta do Estado e da sociedade às necessidades da população idosa”. (BRASIL, 2003).

E quanto à Educação? Existem legislações e Políticas Públicas nesta área relacionada às pessoas idosas? A seguir avançaremos nessa discussão

sobre o direito dos idosos, especificamente sobre os que envolvem Educação e suas modalidades.

3.2. O direito à Educação em todas as idades

A educação, de modo geral, prepara o ser humano para o desenvolvimento de suas atividades no percurso de sua vida. Nesse sentido, faz-se necessária uma educação ao longo da vida, a fim de dar suporte aos vários aspectos, sejam eles, econômicos, sociais, científicos e tecnológicos, contribuindo assim com a manutenção da autonomia, sobretudo às pessoas idosas, diante de um mundo em constante atualização.

Ainda que a educação seja considerada como um direito fundamental, que está incluso em algumas políticas públicas destinadas para o público idoso⁸, ainda não existe nenhuma política que referencie exclusivamente a educação para a pessoa idosa, tanto no âmbito da educação formal quanto no da não formal.

Cabe aqui demarcar o que se entende por educação formal, informal e não formal. Consideramos que é oportuno distinguir e demarcar as diferenças entre essas modalidades, para melhor identificar o caso estudado na presente pesquisa.

Gohn (2006) faz uma distinção entre as três modalidades, demarcando que a educação formal é aquela que tem um espaço educacional próprio para ser desenvolvida, é institucionalizada e prevê conteúdos. É metodicamente organizada, segue um currículo, é dividida em disciplinas, segue regras, leis, divide-se por idade e nível de conhecimento. A educação informal não é sistematizada, ela envolve as peculiaridades e a cultura própria de cada lugar, pode ocorrer em vários espaços, tem como objetivo socializar os indivíduos e desenvolver hábitos e atitudes. Por último, a educação não formal atua sobre aspectos subjetivos do grupo, é desenvolvida a partir da troca de experiências entre os indivíduos, sendo promovida, normalmente, em espaços coletivos.

⁸ Destacamos aqui somente as legislações que de alguma maneira mencionam educação e idosos, são elas: Política Nacional do Idoso, Lei 8.842/1994, (BRASIL, 1994), Estatuto do Idoso, Lei 10.741/2003, (BRASIL, 2003), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 13.632/2018, (BRASIL, 2018).

Tem por finalidade proporcionar conhecimento sobre o mundo que envolve os indivíduos e suas relações sociais.

Oliveira, Scortegagna e Silva (2017), quando classificam a educação nas modalidades educação informal, educação não formal e educação formal, exemplificam que: a família é o cerne e o agente centralizador da educação informal, onde a pessoa aprende em suas vivências no dia a dia, contando com a interação social com outras pessoas, mesmo sem uma sistematização ou intencionalidade, na educação não formal, existe a intencionalidade e o respeito às diferenças, sendo que o tempo e o ritmo de aprendizagem são relevados nos diferentes espaços educativos, por exemplo, programas e projetos voltados aos idosos, e a educação formal é compreendida como uma educação sistematizada, através de uma legislação específica e com objetivos definidos.

Apesar de reconhecer que há certas sobreposições, especialmente na compreensão entre a educação informal e a não formal, consideramos que, de um modo mais geral, a educação não formal seja a mais abrangente e, possivelmente, a mais adequada ao se pensar em educação para o público idoso.

A educação não formal, em hipótese alguma, substitui ou compete com a educação formal, escolar. No entanto, por meio da educação não formal, os sujeitos buscam novos saberes, novos aprendizados em espaços onde tenham a liberdade de escolher, a liberdade para decidir quais ações são de seu interesse. Os processos educativos são embasados na experiência de vida de cada um buscando a valorização de si, o olhar para a vida, seus percursos e obstáculos. Para um aprendizado significativo, esses processos devem acontecer de forma coletiva, com os sujeitos da ação, em que novas experiências humanizadas são construídas a partir das trocas estabelecidas na coletividade (GOHN, 2009).

A seguir, vamos observar de que forma cada uma dessas modalidades se insere nas políticas públicas e nas legislações vigentes no que diz respeito ao público idoso.

No Brasil a legislação educacional contempla a Educação Básica (educação infantil, ensino fundamental, médio) e o Ensino Superior, juntamente com as modalidades de ensino (ensino profissionalizante, educação de jovens e adultos, educação indígena, educação especial, entre outras), mas quando

se pensa no público idoso, este fica deslocado, ou seja, não há até então um regramento específico que sistematize um formato de educação para atender a este público.

Nas legislações que fazem referência ao idoso, observa-se que a educação possui destaque. No artigo terceiro da Lei 8842/94, propõe-se a melhoria das condições de estudo para que os idosos possam aprender com mais facilidade, criando programas voltados ao idoso, além de educar a população para melhor entender o processo de envelhecimento (BRASIL, 1994).

Na perspectiva da educação formal, o público idoso encontra-se incluso em legislações específicas da modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, conforme o parecer da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação - Parecer CNE/CEB 11/2000, o idoso é citado, porém somente dentro desta modalidade. (BRASIL, 2000).

Apesar da inclusão do idoso na EJA⁹, percebe-se que caracterizá-lo simplesmente como adulto desconsidera muitas das suas peculiaridades, além das diferenças conceituais e necessidades educacionais. Marques (2009) evidencia que existem vários estudos sobre a EJA na atualidade, no entanto alerta que “[...] quase nada tem sido produzido especificamente sobre os idosos na EJA” (MARQUES, 2009, p. 482). As peculiaridades dos idosos deveriam ser consideradas para que se pudesse desenvolver uma metodologia e pensar em materiais educacionais adequados, além de um profissional preparado para trabalhar com este público.

No Estatuto do Idoso, Lei 10741/03, fica estabelecido que o idoso tem direito à educação, respeitando a peculiar condição de sua idade, conforme pode ser observado a seguir:

Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003

Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna. [...]

⁹ Maiores informações ou índices sobre matrículas de pessoas idosas na EJA, não serão trazidos neste trabalho, que irá se restringir, como mostraremos, ao âmbito da educação não formal.

Art. 25. As instituições de educação superior ofertarão às pessoas idosas, na perspectiva da educação ao longo da vida, cursos e programas de extensão, presenciais ou a distância, constituídos por atividades formais e não formais.

Parágrafo único. O poder público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual. (NR) [...]

Art. 30. É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2003).

Como pode ser observado, o Estatuto do Idoso, em seu artigo 25, estabelece também como obrigação do poder público que as instituições de ensino superior ofertem cursos e programas de extensão, na perspectiva da educação ao longo da vida.

Diante disso, no âmbito da educação não formal, entendemos que as “Universidade Aberta para as Pessoas Idosas” – UNAPIs, que embora já existissem desde antes do Estatuto do Idoso, mas foram estabelecidas através desta legislação como uma política pública relacionada à educação para idosos, representam, atualmente, a principal possibilidade de levar a educação para essas pessoas, com potencial de oferecer a elas uma série de informações e contatos sociais, capazes de melhorar sua qualidade de vida.

Dos trabalhos que compõem as referências desta pesquisa, todos reconhecem as UNAPIs como importantes políticas públicas relacionadas à educação para idosos, sendo que a maioria deles foram desenvolvidos neste contexto. Scagion (2018) contou com a participação de idosos que possuíam vínculo com o projeto Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Rio Claro, e as pesquisas de Manguiera (2017) e Santos (2018), foram desenvolvidas com participantes da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Mesmo assim, ainda existem poucas pesquisas da Educação Matemática que olham para as UNAPIs dando à elas a importância de política pública em que a área tem um papel e portanto pode ainda ser mais explorada.

Nos próximos itens deste capítulo serão apresentados, primeiramente, um breve histórico sobre o surgimento das UNAPIs e, em seguida, um levantamento sobre a UNAPI da Universidade Federal de Pelotas, objeto de estudo deste trabalho.

3.3. As “Universidade Aberta para as Pessoas Idosas” – UNAPIs

No final da década de 1960 foi criado na França, país com tradição em educação de adultos, já remetendo ao envelhecimento ativo, um programa pioneiro para os aposentados, conhecido como “Universidade do Tempo Livre”, com o objetivo de oportunizar maior ocupação aos aposentados, integrando-os mais socialmente. (ARRUDA, 2007).

Conforme Arruda (2007), a proposta inicial não era de educação permanente, e sim uma promoção de atividades ocupacionais e lúdicas. Sendo assim, somente no início da década seguinte, em 1973, na Universidade de Toulouse, França, através da idealização do professor Pierre Vellas, foi fundada a primeira Universidade da Terceira Idade (UnTI), com o intuito de ofertar aos idosos atividades que satisfizessem as necessidades e aspirações nesta fase da vida.

No Brasil, sob influência francesa, a ação educacional pioneira com idosos foi feita pelo SESC – Serviço Social do Comércio. Na década de 60, essa organização fundou os primeiros Grupos de Convivência e, na década de 70, as primeiras Escolas Abertas para a Terceira Idade. Ofereciam informações sobre o envelhecimento, programas de preparação para aposentadoria, atualização cultural e atividades físicas, de expressão e de lazer. Sustentados numa proposta de educação permanente, buscavam o desenvolvimento de potencialidades, de novos projetos de vida e estimulavam a participação ativa do idoso na família e na comunidade (CACHIONI, 1999).

Na universidade, as primeiras ações foram no âmbito da extensão universitária na área gerontológica e datam do início da década de 80. Nessa modalidade de ação, em 1982 foi fundado o NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade –, da Universidade Federal de Santa Catarina, o qual dava ênfase à realização de estudos e à divulgação de conhecimentos

gerontológicos. Tinha como objetivos formar recursos humanos em todos os níveis e promover o cidadão idoso (NETI, 2021).

No final da década de 80, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), foi criado um grupo interdisciplinar de profissionais interessados nas questões da terceira idade, o Núcleo de Assistência ao Idoso (NAI), que posteriormente deu origem à Universidade Aberta à Terceira Idade – UnATI (VERAS; CAMARGO JR., 1995).

No caso de Pelotas, em 1990, com o objetivo de refletir sobre o comportamento dos idosos na sociedade, orientar, elaborar e coordenar ações de promoção à terceira idade, a Universidade Católica de Pelotas organizou o Centro de Extensão em Atenção à Terceira Idade - CETRES, subordinado à Coordenadoria de Extensão da Universidade (LEITE NETO, 1993).

De acordo com o estudo realizado por Cachioni (2002), foi a partir da década de 1990 que a extensão universitária teve uma grande expansão de programas voltados aos idosos nas universidades brasileiras, com denominações e formas de organização diversas, porém com propósitos comuns, como o de rever os estereótipos e preconceitos com relação à velhice; promover a autoestima e o resgate da cidadania; incentivar a autonomia, a integração social e a autoexpressão, e promover uma velhice bem-sucedida em indivíduos e grupos. Segundo a autora, essa expansão ocorreu a partir da criação da Universidade da Terceira Idade da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em agosto de 1990, e compreende as instituições do ensino superior particulares, estaduais e federais.

Tendo em vista o projeto de extensão UNAPI, da Universidade Federal de Pelotas, como objeto de estudo da presente pesquisa, cabe aqui trazer um pouco mais de informações referentes a este projeto que busca atender a essa política pública constituída a partir do estatuto do idoso e um pouco do que vem sendo desenvolvido desde a sua criação.

3.4. A “Universidade Aberta Para Idosos” da UFPel

Na UFPel, *locus* da presente pesquisa, somente em 2016 teve início o projeto de extensão intitulado “Universidade Aberta à Terceira Idade – UNATI/UFPel”, com o objetivo de:

Oportunizar ao idoso um espaço de aprendizado, de qualidade de vida, inclusão social, conhecimento científico, de troca de experiências e informações, reflexão e manutenção e/ou resgate da cidadania; partindo da perspectiva da educação continuada disseminada no contexto acadêmico. (UFPEL, 2016).

A iniciativa implementada em 2016, foi concebida inicialmente como um “Programa de Desenvolvimento Institucional” descrito em seu projeto pedagógico como um novo espaço na UFPel direcionado à população considerada idosa, com a finalidade de organizar estratégias de ação, traçar coordenadas teórico-metodológicas, conduzir um processo educativo e oportunizar à essa parcela da população pelotense um espaço não somente educacional, mas também social e cultural (UFPEL, 2016).

O projeto pedagógico da UNATI/UFPel propõe as ações educativas fundamentando-se em quatro princípios norteadores: O primeiro deles é o da **“Valorização”**, neste princípio entende-se que a educação deve ser concebida como um processo de humanização e promoção do ser humano, valorizando-o como um sujeito que tem suas experiências, valores e conhecimentos prévios. A história de vida de cada indivíduo é única e deve ser respeitada. Essas construções pessoais permitem o processo de aprendizagem que se faz por meio da troca de experiências, de ideias, informações e de habilidades. O segundo princípio se refere à **“Atividade”**. Aqui a aprendizagem é tida como um processo de reconstrução e reapropriação do conhecimento. Isso requer do aprendiz o envolvimento e a efetiva participação dentro de uma ação que deve ser interativa. São as atividades físicas e mentais que permitirão o aprendizado e conseqüentemente a (re)construção do saber. Isso exige do aprendiz a capacidade de mobilizar-se para ser protagonista de seu saber. O terceiro princípio diz respeito a **“Autonomia”**, o qual diz que as ações educativas devem ofertar ações que permitam um aprendizado libertador. É preciso estabelecer a relação entre o objetivo do saber e o aprendizado. Tudo isso deve acontecer num ambiente favorável e deve ser visto como um constante processo de construção. O quarto e último princípio é o da **“Avaliação para a Promoção”**. As atividades desenvolvidas deverão comprometer-se com a aprendizagem de todos sem perder o foco na formação da cidadania. O idoso deve ter a possibilidade de agir de formas diferentes e de autoavaliar-se buscando sempre melhorias. Essa busca por melhorias se dá por meio de

diálogos, de encontros, enfim, de um processo interativo entre o educador e o aprendiz.

Ainda de acordo com o projeto pedagógico da UNATI/UFPel, esses princípios anteriormente citados representam o desejo e o compromisso com a qualidade das atividades a serem ofertadas e conclui dizendo que “a educação deve favorecer ao idoso a aptidão natural da mente e estimular a resolução de problemas [...]” (Ibid., p.11). Trazê-los aqui representa uma oportunidade de observar como o projeto foi pensado e como se dão, na prática, as atividades.

A ideia inicial de implementação da UNATI não se concretizou exatamente da forma em que foi pensada, como um “programa de desenvolvimento institucional” e, em 2017, por não haver na instituição um regimento próprio que regulamentasse programas institucionais, foi estabelecida uma parceria com a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel e o projeto foi registrado na extensão com o status de projeto estratégico da Universidade.

Em 2018, por solicitação e orientação do então Presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa – CNDI, Rogério Luiz Barbosa Ulson, através de Ofício enviado à UFPel, o qual recomendava a não utilização do termo “terceira idade”, houve a alteração de seu nome de Universidade Aberta à Terceira Idade – UNATI para Universidade Aberta Para Idosos – UNAPI.

Desde 2017, o projeto, através de editais específicos divulgados pelas mídias oficiais da UFPel, ofertou as seguintes atividades semestrais no formato de disciplinas destinadas a pessoas com 60 anos ou mais:

Tabela 7 – Atividades/Cursos desenvolvidos pela UNAPI/UFPel – período 2017-2019¹⁰

Semestre	Nome da Disciplina
2017/1	Memória e Aprendizagem na 3ª Idade e Problemas Filosóficos
2017/1	História de Pelotas e Envelhecimento e qualidade de vida: a dinâmica da vida contemporânea
2017/1	Educação Patrimonial e Informática
2017/2	Dança na Maturidade
2017/2	Produção de Vídeo
2017/2	Introdução à Informática
2017/2	Direito do Idoso
2017/2	Memória e Museus

¹⁰ Estão elencadas aqui somente as atividades que ocorrem no formato de disciplinas com período de duração de um semestre, estão de fora as oficinas oferecidas pelo projeto que acontecem de forma mais pontual.

2017/2	Uma Vida Bordada
2018/1	Taquigrafia
2018/1	Produção de Vídeo
2018/1	Literatura: Contos e Poemas
2018/1	Educação Patrimonial
2018/1	Informática
2018/1	Memória e Aprendizagem na Terceira Idade
2018/2	Envelhecimento saudável na Terceira Idade
2018/2	Inglês Básico para viagem
2018/2	Dança na Maturidade
2018/2	Plantas Medicinais
2018/2	História de Pelotas II
2018/2	Literatura II
2019/1	Tópicos em Memória e Filosofia
2019/1	Jogos de Raciocínio Lógico
2019/1	O Lazer nosso de cada dia –Entretendo e Recreando
2019/1	Literatura: Contos Clássicos e 100 melhores Brasileiros
2019/1	Plantas Medicinais
2019/1	Dança
2019/2	O cérebro se transforma
2019/2	Neuróbica
2019/2	Educação Patrimonial
2019/2	Espanhol básico
2019/2	Plantas Medicinais
2019/2	Inglês para viagem
2019/2	Tópicos de Literatura: do século XVIII ao XXI

Fonte: Produzido pelo autor¹¹

São trazidos na tabela dados até o segundo semestre de 2019 pois, no ano de 2020, o projeto não abriu nenhuma turma nova devido à pandemia de *Covid-19*¹². No Brasil, a aparição dessa doença fez com que diversas ações governamentais fossem tomadas com o intuito de sanar a proliferação do vírus na sociedade. Nas diferentes esferas do governo, políticas públicas foram sancionadas, adotando a medida de distanciamento social e medidas não farmacológicas, assim, a restrição de circulação da população em locais públicos em determinadas horas do dia, a proibição ou restrições de aberturas nos diferentes ramos econômicos como restaurantes, shoppings, bares,

¹¹ A partir de dados disponibilizados no site da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prec>, acesso em 01/02/2021.

¹²A pandemia de COVID-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma pandemia em curso de COVID-19, uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2). A doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, em 1 de dezembro de 2019, mas o primeiro caso foi reportado em 31 de dezembro do mesmo ano. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou o surto uma pandemia. (BRASIL, 2020).

cinemas, fábricas, supermercados, academias, entre outros estabelecimentos (PREFEITURA DE PELOTAS, 2020).

Nesse contexto, assim como em outros setores da sociedade já mencionados, a Universidade Federal de Pelotas, através do seu Comitê UFPel Covid-19 divulgou em março do ano de 2020, a recomendação da permanência da comunidade acadêmica em suas casas e a suspensão de atividades presenciais (COMITE UFPEL COVID-19, 2020). A UNAPI, respeitando tais recomendações, realizou neste período apenas algumas atividades remotas (on-line) com a participação de ex-alunos do projeto.

Além das atividades organizadas no formato de disciplinas, que compreenderam uma carga horária semestral de 45 horas, o projeto ofertou, a partir de 2016, atividades didático-culturais na forma de oficinas e palestras com carga horária média de duas horas, abordando os seguintes temas: “Meditação”, “Alimentação Saudável”, “Incontinência Urinária”, “Língua Alemã”, “Desafios matemáticos”, “Plantas medicinais”, “Varal de poesias”, “Fotografia”, “Utilização de serviços de emergência por idosos”, “Sexualidade na terceira idade”, “Turismo para idosos” e “Pelotas a pé” (CAVALLI, 2020).

A autora relata ainda que, em 2018, foi realizado um estudo com os idosos matriculados regularmente nas disciplinas da UNAPI/UFPel e que estavam presentes nos dias da coleta dos dados. Participaram voluntariamente do estudo 45 idosos, dentre eles 39 mulheres e 6 homens. Já em relação à idade, a grande maioria estava na faixa etária de 60 a 70 anos ($n=30$, 67%); 9 idosos entre 71 a 80 anos e 6 indivíduos com mais de 80 anos. (*Ibid.*, 2020).

No mesmo texto, dentre outras questões, ela conta que, ao perguntar aos participantes como souberam do Programa UNAPI, quase um terço da amostra relatou ter tido conhecimento através dos filhos ($n=14$), onze através da internet, nove idosos responderam que souberam através dos amigos, oito deles através do jornal local e oito pelos funcionários da própria instituição, sendo alguns por mais de uma fonte. (*Ibid.*, 2020).

Na ocasião da pesquisa, foi ainda solicitado aos participantes do estudo que sugerissem temas de interesse para serem abordados no projeto.

Com o intuito de dar voz aos idosos, foi solicitado que eles próprios sugerissem temas a serem abordados nas palestras e oficinas. De acordo com os idosos, o tema “meditação” foi citado por 7 pessoas; “memória” por 5 pessoas; “envelhecimento, memória e literatura”

foram sugeridos por 4 pessoas; “moda” por 3 pessoas; “Informática; História de Pelotas; História; Direito; Saúde” por 2 pessoas; e as demais exaltaram o interesse em: “Como fazer projetos para trabalhar com a melhor idade; Tudo o que se refere à idade e memória; Tecnologias; Esportes; Filosofia; Psicologia; Biologia; Nutrição ênfase dieta vegetariana; Ansiedade e Depressão; Incontinência Urinária; Espiritualidade; Relações Humanas; Terapias Holísticas; Conhecimentos gerais; Poesia; Artesanato (CAVALLI, 2020, p. 6).

Em 2021, adaptando-se ao ainda necessário contexto remoto, o projeto abriu inscrições para atividades semestrais, as quais foram denominadas como “Cursos de Atualização para idosos”. As atividades foram realizadas em formato totalmente online utilizando uma plataforma própria da UFPel de aulas e reuniões remotas. Os cursos consistiam em palestras ou oficinas realizadas semanalmente, sendo cada semana um tema diferente.

Ao longo do ano de 2021 foram oferecidas as palestras: “Ansiedade e Pandemia”; “Cinema: da imagem a poesia”; “Alimentação e Nutrição em Tempos de Pandemia”; “Incontinência Urinária em Idosos: uma epidemia silenciosa”; “Um passeio pela arte Espanhola”; “Leitura Literária”; “Organização da Rotina na Pandemia”; “Hortas Urbanas: semeando solidariedade”; “Equilíbrio e Quedas” e “Ateliê de Teatro: Memória e Poesia”. Já no segundo semestre as palestras oferecidas foram: “Segurança Virtual: Como utilizar a internet sem riscos”; “Cuidados de Animais de Companhia”; “Cinema e invenção de novos mundos”; “Compartilhando: Redes Sociais e Comunicação”; “Cultivo de microverdes: recomendações e dicas para você cultivar em casa”; “Cultura e Arte Espanhola”; “Cartilha educativa de prevenção de quedas em idosos”; “Ateliê de Teatro: Memória e Poesia – segundo ato” e “Leituras Literárias”.

Diante das informações levantadas, referentes ao projeto UNAPI, da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, é possível observar a quase inexistência de atividades e assuntos relacionados à matemática, tanto nas disciplinas semestrais, realizadas conforme demonstrado na tabela 7, quanto nas outras atividades realizadas no formato de palestras e oficinas. Ainda no estudo realizado com os participantes, quando questionados sobre assuntos de interesse, a Matemática também não se fez presente. Tais informações nos levam a querer entender os motivos dessa pouca presença da Matemática nesse contexto, de atividades educacionais realizadas com idosos, e nos

sugerem a necessidade da realização de mais pesquisas relacionando o público idoso com a Matemática, contribuindo com a reflexão sobre este assunto.

O caminho pensado para contribuir com essa reflexão, no caso da presente pesquisa, foi ouvir os idosos, procurando saber deles próprios qual a relação deles com a matemática e, a partir do que disseram sobre interesses e demandas relativos a ela, buscar aproximações com o que pode ser trabalhado academicamente sob esta perspectiva da educação não-formal e utilizando a extensão universitária, através do projeto UNAPI/UFPel, como uma importante ferramenta dialógica para estabelecer essa via de mão dupla entre a universidade e a sociedade.

Ao fazer o levantamento sobre a UNAPI/UFPel, algo que chamou atenção é haver poucos dados referentes aos participantes, apenas os essenciais para validação e certificação, não existe uma sistematização do registro de matrículas contendo informações mais detalhadas sobre os alunos, algo que poderia ser interessante encontrar para se ter um perfil dos participantes e que poderia ser importante para momentos de avaliação e de reflexões sobre o projeto. Conhecer um pouco as pessoas que participam de tal projeto pode ser importante, não tanto para classificá-las, seja por faixa etária, perfil socioeconômico, grau de escolarização ou algum outro aspecto, mas para entender até onde o projeto chega, qual o seu alcance na sociedade ou até mesmo como ele pode ser útil para este grupo social.

Como foi dito anteriormente, a UNAPI/UFPel foi pensada como um programa institucional, o que viabilizaria, por exemplo, a utilização do sistema de registro de matrículas da instituição. No entanto não ocorreu desta forma e ela foi registrada como um projeto com ênfase em extensão, o qual não necessita de maior detalhamento no cadastro dos participantes, tampouco há essa possibilidade no sistema de registro dos projetos. Fato este que de certa forma justifica a falta de informações mais completas a respeito dos participantes, mas que demonstra fragilidade no que diz respeito à sua concepção enquanto política pública.

No próximo capítulo será descrito o caminho metodológico escolhido, a História Oral, por ser uma metodologia de pesquisa que nos proporciona acolher e registrar os relatos dos idosos, o que, no caso desse estudo, faz

sentido, pois o que se pretende é reconhecer os interesses e as demandas deles em relação à matemática, estabelecendo um diálogo em que eles próprios possam falar sobre suas experiências, como foi afirmado anteriormente na questão de pesquisa *“O que os idosos têm a dizer sobre a relação deles com a matemática?”*.

4. A História Oral como caminho metodológico

A presente pesquisa, de abordagem qualitativa, orienta-se na História Oral enquanto metodologia para a produção de narrativas de pessoas idosas sobre experiências do passado e do presente em relação à matemática. Consideramos como narrativas o conteúdo produzido pelos entrevistados na ocasião das entrevistas. Neste trabalho, assim como Rios (2016),

Narrativas são consideradas como elaborações produzidas pelos entrevistados a respeito daquilo que viveram e que estão impregnadas pelo modo como ainda se relacionam com seu passado e pelos significados que lhe atribuem no tempo presente. Além disso, é preciso dizer que tais elaborações são produzidas durante ocasiões (as entrevistas) em que certa tensão está estabelecida, seja por condicionantes sociais que ainda regulam o entrevistado, seja pela presença de um ouvinte (pesquisador) que não lhe é familiar. (RIOS, 2016, p. 1225).

Em relação à História Oral, a presente pesquisa utiliza como principais referências para fundamentação teórico-metodológica os estudos de Bosi (1994), Thompson (2002), Alberti (2004) e Portelli (2001, 2010, 2016).

Tanto Bosi (1994) quanto Thompson (2002) trazem a importância social da História Oral, visto que esta trabalha com pessoas e suas memórias, dando grande ênfase para cada uma dessas memórias.

Ao refletir sobre importância social, a História Oral, como caminho metodológico, se mostra como a opção que melhor contempla esta questão tão relevante para a presente pesquisa, sobretudo no que se refere à gama de possibilidades que ela oportuniza, sistematizadas nas palavras de Thompson:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e dos outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E

oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (THOMPSON, 2002, p. 44).

Bosi (1994) acrescenta ainda mais esse olhar especial quando as entrevistas são realizadas com idosos, que na maioria das vezes são deixados de lado pela sociedade e agora têm uma nova e importante função social: lembrar e contar para os mais jovens suas histórias. Essa importância vem das suas experiências, das suas lembranças, sobre o que podemos refletir usando as palavras de Bosi, quando ela diz que:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente de seu grupo: nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994, p. 63).

Contudo, no caso da presente pesquisa, não basta saber das histórias referentes às memórias passadas relacionadas à matemática, importa saber também das experiências atuais dos idosos em relação à matemática, em que circunstâncias ela é utilizada em seu dia a dia e o quão útil eles a reconhecem, se gostariam de aprender mais ou relembrar alguns conteúdos, se o espaço físico educacional é importante nesse contexto, entre outras questões.

Como já foi dito, sabemos que existem algumas políticas públicas em relação à Educação para idosos, como a sua inserção na modalidade EJA e os projetos UNAPI dentro das Universidades, que tem despontado como a principal possibilidade para formação de idosos em espaços não formais. Mas, essas políticas existentes dialogam com os interesses, necessidades e/ou expectativas do seu público-alvo? O que eles teriam a dizer em relação à matemática? Neste trabalho, ao produzir essas narrativas procuramos dar oportunidade aos idosos de exporem seu ponto de vista em relação ao assunto, possibilitando analisar em alguns aspectos se esses pontos de vista dialogam de alguma forma com o que existe academicamente no campo da Educação Matemática.

Ao explicar o papel da História Oral referindo sobre a característica de contemplar discursos pouco usuais e sobre essa diferença de pontos de vista, Portelli (2016) fala que:

A história oral, em essência, é uma tentativa de reconectar o ponto de vista nativo, local, vindo de baixo, e o ponto de vista científico, global, visto de cima: de contextualizar aquilo que é local e de permitir que o global o reconheça. A história oral, então, junta a história vinda de cima e a

história vinda de baixo em um mesmo texto – em uma mesa de negociação – criando um diálogo igualitário entre a consciência que os historiadores têm dos padrões espaciais e temporais mais amplos e a narrativa pessoal, mais pontualmente focada, do narrador local. (PORTELLI, 2016, p. 150).

Neste caso, os idosos representariam as perspectivas “vindas de baixo” se conectando às discussões da Educação Matemática já produzidas no país relativas a atividades educacionais para esse grupo que é muito particular e pouco contemplado quando se pensa no que lhes pode ser oferecido nesse âmbito.

Sabendo que existem algumas iniciativas no campo da Educação voltadas para os idosos e conhecendo algumas delas, em especial a UNAPI – Universidade Aberta para Idosos da UFPel, podemos fazer uma analogia com a fala de Portelli, ao observarmos que, em grande parte, o conteúdo oferecido aos idosos parte dos gestores que coordenam esses projetos e de iniciativas dos professores que atuam de forma voluntária.

Dando aos idosos oportunidade de exporem o seu ponto de vista, temos a intenção de contribuir para o enriquecimento desse debate de como a Educação Matemática pode se inserir neste contexto. Para tal, a melhor forma de descobrir esse ponto de vista é justamente perguntar-lhes diretamente quais suas experiências, seus anseios, motivações, desejos, enfim, aquilo que se pretende conhecer de seu universo de vivência e podendo incluir esses aspectos na construção de propostas educativas no âmbito da UNAPI.

Nesse aspecto, a História Oral, sendo uma metodologia de pesquisa que permite trazer à tona dados relevantes do cotidiano dos entrevistados, que talvez por outra fonte não se conseguisse em tal medida, se adéqua perfeitamente no alcance destes objetivos, tendo em vista que, apoiando-se em narrativas orais, pode-se produzir conhecimentos. Sem falar que, com esta metodologia, é possível colocar em evidência o ponto de vista dos participantes, tornando-os atores da construção teórica que se pretende com a pesquisa. Permite, ainda, que durante toda a fase de investigação a reflexão e análise façam parte do processo.

Um dos primeiros questionamentos que surge ao se formular uma pesquisa como essa é sobre quem entrevistar e com quais critérios selecionar os entrevistados, preocupando-se principalmente com a representatividade do

participante a ser entrevistado e não tanto com o número de participantes. A História Oral, enquanto metodologia, enfatiza a importância de se partir do local que o entrevistado ocupa no grupo e do significado de sua experiência. Tal metodologia de pesquisa defende que pessoas que participaram, vivenciaram, presenciaram fatos ou situações ligadas ao assunto em estudo podem fornecer depoimentos e informações relevantes, importantes, significativas para a questão (ALBERTI, 2004).

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), uma instituição de ensino superior pública brasileira, mantida pelo Governo Federal, com sede administrativa na cidade de Pelotas, situada ao sul do estado do Rio Grande do Sul; os participantes da pesquisa são idosos, participantes de ações oferecidas pela UFPel com envolvimento deste público, dentre as quais destaca-se o projeto de extensão UNAPI – Universidade Aberta Para Idosos, o qual já foi apresentado anteriormente.

Pensando na representatividade do entrevistado no contexto da presente pesquisa, entende-se que o idoso que participa de atividades da Universidade está procurando por algo relacionado à Educação, e tentar saber o que ele procura pode ser de grande valia para a pesquisa. Portanto, esse critério de escolha dos entrevistados pareceu ser o mais adequado, tendo em vista que é maior a chance de que um idoso que participa ou participou de alguma atividade dentro da Universidade tenha mais subsídios para falar sobre o assunto do que algum outro escolhido aleatoriamente ou mediante outro critério.

Nesse sentido, foram convidados para participarem das entrevistas, idosos que estavam devidamente cadastrados nas atividades da UNAPI em 2021 através dos Editais publicados no site da Instituição.

As entrevistas não contaram com um roteiro fechado ou estruturado, ou seja, com perguntas pré-definidas, se constituíram em conversas com os entrevistados, nas quais se procurou contemplar o tema da entrevista tensionando o entrevistado a falar sobre o tema fazendo uso de algumas intervenções ou provocações sempre que oportuno.

Quanto ao critério para definição da quantidade de idosos entrevistados, considera-se que tal decisão advém como consequência da própria escolha da metodologia adotada. Tendo em vista que, na presente pesquisa, a História Oral é utilizada como metodologia, defende-se, então, a não exigência de quantidade,

por partir da compreensão de que os pesquisados não devem ser considerados como “unidades estatísticas” (ALBERTI, 2004 p. 32), mas sim como pessoas humanas de valor inestimável, as quais representam um referencial qualitativo “em função de sua relação com o tema estudado” (ALBERTI, 2004 p. 32). Portanto, no que se refere à quantidade “[...] tal decisão depende diretamente dos objetivos da pesquisa [...] o número de entrevistados pode até se restringir a uma única pessoa, se seu depoimento estiver sendo tomado como suficientemente significativo [...]” (ALBERTI, 2004 p. 35).

Neste caso, foi preciso chegar a um bom termo, de forma que não se tornasse algo inviável de ser feito e, ao mesmo tempo, conseguisse trazer fontes suficientes para cumprir com os objetivos dessa pesquisa. O número de entrevistados desta pesquisa deveu-se ao fato de não haver disponibilidade de mais participantes e de que a realização das cinco entrevistas que compõem esta pesquisa se mostrou satisfatório para abordar os temas pretendidos e ouvir as experiências dos idosos em relação a matemática e à UNAPI. É importante contextualizar que a presente pesquisa teve seu início em 2020, ano marcado pelo início da pandemia mundial de Covid-19, o que impactou sensivelmente a execução do projeto, sobretudo no que tange à realização de entrevistas envolvendo pessoas idosas, as quais são consideradas como grupo de risco para tal doença (BRASIL, 2020) e, por isso, estavam fortemente recomendadas a não participarem de quaisquer atividades que não fossem consideradas essenciais. Portanto, para viabilizar o estudo, foram utilizadas alternativas para realização das entrevistas de modo não presencial, como, por exemplo, a utilização de softwares aplicativos de vídeo conferência, o que em alguma medida pode ter prejudicado no andamento da entrevista, tendo em vista todas as peculiaridades e limitações de um ambiente virtual, como a ausência do contato pessoal “olho no olho” com o entrevistado. Outro problema é que isso demandou do entrevistado alguma familiaridade com a tecnologia utilizada, além de conexão com a internet que suportasse o fluxo de dados resultante dessa comunicação.

Ao pensar no formato das entrevistas surgiram duas questões abordadas por Thompson (1992). Uma delas diz respeito às qualidades primordiais para o entrevistador ser bem-sucedido, que segundo Thompson (1992, p. 254), são: “interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em

relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo ficar calado e escutar”. Entretanto, o próprio autor reconhece que a entrevista não pode ser completamente livre, cabendo ao entrevistador sua condução, de modo que a entrevista não se perca do tema proposto.

A outra questão abordada pelo autor diz respeito ao local da entrevista. Segundo Thompson (1992, p. 265), a entrevista “deve ser [em] um lugar em que o informante se sinta à vontade”. Essa questão em especial se impôs como um desafio para a presente pesquisa devido ao contexto da pandemia: como fazer o entrevistado se sentir à vontade utilizando um formato de entrevista totalmente remoto? Uma vez que muitas pessoas não se sentem à vontade ao falar através de vídeo chamadas, não agem com a mesma naturalidade que agiriam em uma conversa presencial.

No caso dessa pesquisa, podemos considerar como local da entrevista não só o local físico onde o entrevistado se encontra, mas também o meio de comunicação utilizado para realizar a mesma. Quando for questionado “onde” foi realizada a entrevista, duas respostas são possíveis: o local físico onde entrevistado e entrevistador estavam no momento e em qual meio de comunicação ocorreu. Por exemplo, algumas das entrevistas realizadas ocorreram no *WhatsApp*¹³, que é um aplicativo de telefonia, mas que, neste contexto, pode também ser considerado um local.

Quanto ao equipamento utilizado para a gravação das entrevistas, todos os autores consultados, destacam como sendo um dos cuidados fundamentais. Alberti, por exemplo, ao destacar a importância do gravador no contexto da entrevista de história oral, diz que:

É claro que não se pode pensar em história oral sem o equipamento de gravação, de áudio ou vídeo: é o gravador que permite falar em produção de documento, no retorno à fonte, na montagem de acervos de depoimentos, na autenticidade de trechos transcritos e na análise de entrevistas.

Uma entrevista que não pode ser gravada é apenas uma entrevista durante a qual o pesquisador certamente faz anotações de próprio punho, adquire conhecimento e subsídios para trabalhos posteriores,

¹³ O *WhatsApp* é um aplicativo desenvolvido para a troca de mensagens instantâneas entre usuários conectados à internet através de *smartphones*. O aplicativo foi criado em 2009 e atualmente é compatível com todas as principais marcas e sistemas operacionais de *smartphones* do mundo. O nome do aplicativo é uma brincadeira com a expressão “What’s Up?”, em inglês, que pode ser traduzida como “E aí?” ou “Como vai?”.

mas à qual não pode retornar para checar informações, tirar novas conclusões, recuperar associações, ou ainda reavaliar sua análise. (ALBERTI, 2013, p. 203).

Entretanto, gravadores, hoje em dia, são equipamentos de certa forma já obsoletos. Embora ainda existam e possam ser utilizados em algumas situações, foram ultrapassados tecnologicamente pela ascensão dos smartphones, que podem facilmente realizar a tarefa da gravação em áudio e vídeo da entrevista. No entanto, voltamos para o contexto da pandemia: como as entrevistas ocorreram de forma remota, foi necessário que, além do entrevistador, os entrevistados possuíssem um equipamento (smartphone ou notebook) compatível com os aplicativos utilizados e uma conexão com a internet para que a entrevista ocorresse de forma satisfatória.

Quanto à gravação da entrevista, foi necessário se adaptar a situação que melhor atendesse ao entrevistado, dando-lhe a oportunidade de utilizar o sistema de vídeo chamadas que melhor soubesse utilizar. Para isto, foi utilizado um software de computador chamado *OBS Studio*, capaz de realizar essa tarefa de captura e gravação de vídeo com uma qualidade satisfatória, tendo em vista que a qualidade, principalmente do áudio capturado, teve fundamental importância para que o conteúdo pudesse ser transcrito corretamente.

Para viabilizar as entrevistas, a primeira aproximação foi realizada mediante contato telefônico com a coordenadora do projeto de extensão UNAPI/UFPel, a qual informou na ocasião a existência de um grupo no aplicativo *WhatsApp* do qual fazem parte ex-participantes do projeto, o que se apresentou como uma boa alternativa de meio de comunicação para apresentar brevemente do que se tratava a pesquisa e fazer o convite a quem se interessasse de forma voluntária a participar da pesquisa concedendo entrevista sobre o tema proposto.

Ficou acordado com a coordenação da UNAPI que o convite seria feito pela coordenadora através do grupo de *WhatsApp* e, posteriormente, passados os contatos dos interessados em participar da pesquisa para que entrássemos em contato diretamente.

A seguir serão descritos os procedimentos referentes à realização das entrevistas, desde a elaboração do roteiro, passando pelos procedimentos éticos

de autorização de utilização do nome, até ter em mãos as entrevistas transcritas e devidamente autorizadas pelos entrevistados.

4.1. As Entrevistas:

As entrevistas foram realizadas entre o ano de 2021 e início de 2022. Como já mencionado anteriormente, se trata de um período marcado pela pandemia de *Covid-19*, e mesmo na ocasião das últimas entrevistas, em janeiro de 2022, permanecíamos ainda sob cuidados devido ao surgimento de novas variações do vírus e novas ondas de contágio da doença. Por esta razão, visando preservar a saúde de todos os participantes, todas as entrevistas referentes à presente pesquisa foram realizadas remotamente.

A abordagem inicial com os participantes, em todos os casos ocorreu da mesma forma. O primeiro contato foi informal, por telefone ou por mensagens de texto, para apresentações e para contextualizar um pouco sobre do que se tratava a pesquisa. A partir deste contato, foram agendados datas e horários das entrevistas.

Foram realizadas entrevistas com seis idosos, que participaram de atividades da UNAPI em 2021, entretanto, um dos participantes não se sentiu suficientemente seguro e declinou de assinar o termo de autorização. Independente das razões que fizeram com que a pessoa não autorizasse a utilização da sua entrevista, ela apenas exerceu o seu direito, e é importante salientarmos que esta situação é comum no contexto de uma pesquisa desta natureza, que envolve interações com pessoas e toda complexidade que envolve estas relações, ou como melhor define Portelli:

Como sabemos, as pessoas não são livros, não podem ser estudadas como livros nem sequer podem ser colocadas nos livros. Há uma relação complexa entre as pessoas, as histórias que contam, e os livros que lemos, que estudamos e que escrevemos. Para refletir a esse respeito, devemos penetrar em um território relativamente inexplorado, localizado no cruzamento entre História, Antropologia, Linguística e Literatura. O nome desse território é história oral: uma narração dialógica que tem o passado como assunto e que brota do encontro de um sujeito que chamarei de narrador e de outro sujeito que chamarei de pesquisador – encontro geralmente mediado por um gravador ou um bloco de anotações (PORTELLI, 2010, p. 210)

Portanto, foram utilizadas nesta pesquisa as cinco que tiveram as devidas autorizações. Compõem este grupo de participantes, três mulheres e dois homens, com idades entre 64 e 82 anos.

As entrevistas seguiram um roteiro (Apêndice 2) composto de tópicos considerados importantes no contexto da pesquisa, ao se pensar nesse roteiro, foram priorizados os assuntos que consideramos fundamentais que fizessem parte das conversas. Nesse sentido, cabe esclarecer que as perguntas não foram feitas exatamente como colocadas no roteiro, elas serviram para orientar as conversas e puderam serem compostas no momento das entrevistas de acordo com as circunstâncias dos diálogos. Existem algumas perguntas pensadas para provocar o entrevistado a abordar os assuntos, no entanto, o mais importante é que o entrevistado se sinta confortável e em condições favoráveis de confiança para narrar sobre o tema. Cabe ao entrevistador tentar proporcionar esta condição de conforto e confiança, ouvindo atentamente, registrando o que os entrevistados têm a dizer e, quando necessário, fazendo provocações e articulando perguntas a partir do que Alberti (2013) chama de “ganchos” fornecidos pelo próprio entrevistado, para que ele se aprofunde mais em algumas falas pertinentes à pesquisa. Essas “provocações” são a forma que o entrevistador tem de participar desse processo, o da criação das fontes que são decorrentes das entrevistas.

Ao elaborar o roteiro pensamos não só em questões que julgamos importantes para o contexto da pesquisa, mas também em uma sequência que consideramos mais lógica para colocá-las. Nesse sentido, foi pensado em abordar o assunto “matemática” não no início, mas sim no decorrer da entrevista, mais para o final, entendendo que poderia ser mais bem explorado o assunto ao se fazer deste modo.

Entretanto, a entrevista de história oral se caracteriza por sua forma dialógica (Alberti, 2013). Ao ser colocada a primeira questão, a entrevista sai um pouco “das mãos” do entrevistador e se torna uma via de mão dupla, onde também o entrevistado, na condição de sujeito ativo desse processo de *cocriação*, traz em suas falas questões que julga pertinentes ou que simplesmente tem vontade de falar sobre.

A entrevista pode ser entendida, também, como um jogo de interesses, onde o interesse do entrevistador é o de produzir fontes para sua pesquisa

coabrindo os pontos do roteiro, e o interesse do entrevistado pode ser de trazer assuntos um pouco fora desse roteiro, mas que encontram aí a oportunidade ou o lugar para serem ditos. (PORTO, 2019).

Um exemplo disso, no caso desta pesquisa, é que não estava previsto entre seus objetivos incluir um debate sobre a percepção dos idosos em relação à UNAPI/UFPel, sobre o quanto a integração no projeto se demonstrou importante na vida deles. Entretanto, esse assunto apareceu de forma muito forte já na primeira entrevista realizada, demonstrando a importância de incluir na dissertação um espaço para evidenciar o quanto esse modo de se relacionar com o projeto ajuda a compreender a importância desse tipo de projeto para os idosos. Portanto, a partir de então, este aspecto também começou a ser observado. É necessário refletir que, se projetos dessa natureza são bem-vistos e bem aceitos pelos idosos, é importante a Educação Matemática se fazer também presente nos conteúdos que são disponibilizados.

Por terem sido realizadas de forma remota, algumas entrevistas contaram com algumas dificuldades, como quedas de conexão com a internet, além de um certo prejuízo no que diz respeito às interações com os entrevistados, o que são consequências desse formato de comunicação, como, por exemplo, a difícil observação, pelo vídeo, dos gestos que os entrevistados fazem durante suas falas.

Após a realização de cada entrevista, foi feita a transcrição e, posteriormente, foi enviada uma cópia impressa juntamente com o termo de consentimento¹⁴ para o endereço do respectivo entrevistado. As transcrições sofreram o mínimo de intervenções quanto necessárias, a fim de garantir melhor fluidez ao texto, ao mesmo tempo tentando preservar, da melhor forma, a performance da narrativa oral. Eventualmente, alguns trechos foram omitidos na transcrição visando não expor, desnecessariamente, aspectos privados dos entrevistados.

Além disso, os participantes haviam sido esclarecidos previamente de que nenhum material decorrente das entrevistas seria publicado sem a sua anuência. Todos os participantes cujas entrevistas foram utilizadas neste trabalho, após

¹⁴ O modelo de TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO utilizado encontra-se no Apêndice 1.

revisarem o material, autorizaram a utilização das transcrições bem como sua identificação no trabalho.

Quanto à identificação, uma vez que eles autorizaram e entendendo não haver, nesta pesquisa, nenhum tema sensível que pudesse expor ou causar algum desconforto aos participantes, foi optado por manter a identidade real dos entrevistados.

Visando facilitar a leitura e melhor organização do trabalho, por se tratar de um material volumoso e que pode nele conter assuntos que não fazem parte do objeto estudado, as transcrições das entrevistas foram colocadas, integralmente, ao final do documento, no Apêndice 3.

5. Da produção de fontes à reflexão sobre seu conteúdo

Como já foi dito anteriormente, o objetivo desta pesquisa está relacionado com produzir fontes e realizar um exercício de análise com o material produzido a partir de entrevistas com idosos, que tiveram experiências de participação em atividades oferecidas pela UNAPI da UFPel, sobre a relação deles com a matemática. Pois bem, finalmente apresentamos neste capítulo essas reflexões decorrentes do processo de diálogo com os participantes.

Após a realização das entrevistas, e a partir dessas fontes, pudemos produzir algumas reflexões, problematizar e buscar compreensões para aquilo que nos propusemos a estudar, que é a relação dos idosos com a matemática no contexto da UNAPI/UFPel. Embora, se tenha clareza de que se trata da eleição de alguns aspectos para análise, apresentamos alguns temas que destacamos como importantes para serem discutidos aqui.

Quanto aos temas escolhidos para análise, se distribuem em três blocos, que são: “*Como a UNAPI é vista pelos idosos?*”, que trata da relação deles com a UNAPI; “*Como foi voltar à sala de aula?*”, que discute um pouco sobre a importância do espaço educacional no contexto da educação para os idosos; e, por fim, o tópico “*E quanto à matemática?*”, em que discutimos a relação deles com a matemática no momento atual de suas vidas.

Em relação à UNAPI, para além do que já foi apresentado nesta pesquisa, como, por exemplo, um breve histórico sobre a origem desse tipo de projeto e um panorama sobre a criação da UNAPI na UFPel e suas atividades desenvolvidas atualmente, compete agora apresentar o que os idosos disseram a respeito do vínculo deles com o projeto, como acompanharemos no item a seguir.

5.1. Como a UNAPI é vista pelos idosos?

Como ponto de partida, podemos começar refletindo um pouco sobre o papel da UNAPI, trazendo as narrativas dos participantes desta pesquisa sobre a relação deles com o projeto. O objetivo central da pesquisa diz respeito à relação deles com a matemática, entretanto, importa trazer para o leitor *como*

um projeto de extensão, que oferece atividades de educação para idosos, é visto por eles. Este assunto chamou atenção durante a primeira entrevista, e, por esta razão fez sentido a partir de então, no contexto desta pesquisa, começar a observar este aspecto e procurar refletir a respeito.

Uma das questões colocadas no roteiro das entrevistas foi sobre as motivações para participar da UNAPI. Entre as respostas, uma das motivações apresentadas faz menção ao desejo de preencher o tempo livre, “*ocupar a cabeça*”, conforme falas das participantes Rosa e Cirlete:

Foi mais para ocupar o tempo livre, né?! Porque eu sempre trabalhei, desde os 17 anos eu já comecei a trabalhar, eu fazia o magistério e já comecei a dar aula no antigo Colégio Diocesano. Então eu sempre trabalhei desde nova. Depois eu saí da parte de ensino, fui trabalhar com o meu ex-marido, nós tínhamos uma loja, uma confecção, enfim... Eu saí totalmente do que eu fazia..., mas eu trabalhava sempre! De repente eu me aposentei, por idade, me aposentei por problemas de saúde e me sentia muito inútil, muito inútil. (ROSA, 2021, p.3)

Quando apareceu a UNAPI aí foi muito bom..., porque eu me envolvo com alguma coisa, meus filhos se sentem bem de saberem que eu tô fazendo alguma coisa também que me deixa com a cabeça ocupada, não fico pensando bobagem, sobre doença, coisas assim, pra mim foi muito bom, fiz bastante amizades também. (CIRLETE, 2022, p. 4)

Jordão Netto (2001) aponta as *UNAPIs* como um dos novos caminhos a seguir como forma de integração e participação do segmento idoso, rompendo de certa forma, com algumas concepções e práticas atribuídas aos idosos no escalonamento tradicional da vida, infância/adolescência/juventude/idade adulta/velhice, onde cada um destes períodos tinham associadas práticas consideradas próprias aos mesmos, sendo que era estabelecido que as crianças deveriam brincar, os adolescentes e jovens estudar, os adultos trabalhar e os velhos apenas descansar.

Dispondo, teórica e praticamente, de maior liberdade de tempo e de escolhas, numa proporção maior do que em qualquer outro momento de sua existência, os indivíduos podem ter acesso a coisas e atividades que preencham suas horas livres de forma atraente e gratificante, sem o peso de obrigações rígidas, horários apertados, tarefas desagradáveis, imposições insuportáveis, chefias ou supervisões sufocantes, dependência de transporte em horários de pico, solicitações impositivas no trabalho e no lar, enfim, pressões de todos os tipos pelo fato de estarem engajados rigidamente no mundo da produção e das responsabilidades de sustentação e criação do universo familiar. (JORDÃO NETTO, 2001, p. 48-49)

Segundo o autor, cada vez mais, os próprios idosos estão rejeitando as representações negativas a respeito da idade e vencendo os preconceitos, os

estereótipos e as barreiras que cercam a sua condição e estão buscando novos espaços e novas formas de participação social como forma de tentar evitar, de todas as formas, se entregar à ociosidade pura e simples ou permanecer totalmente inativo. (JORDÃO NETTO, 2001)

Além desta, foram apresentadas ainda outras motivações para participação no projeto, como o incentivo dos filhos, convivência com outras pessoas da mesma faixa etária, mas também reforçando as questões envolvendo manutenção da atividade. Por exemplo, para a sra. Ivete, a participação em projetos como a UNAPI vai ao encontro ao desejo de se manter em atividade:

Para manter em atividade assim... eu gosto de ter essa ideia assim de que, fisicamente eu estou velha, mas mentalmente não né. Eu até digo pro meu companheiro isso aí né... mentalmente não porque eu não quero parar assim, de ficar... Eu não sei, mas hoje em dia as pessoas estão diferentes né, quem é mais velho, quer aprender cada vez mais, interagir com as pessoas, isso aí eu acho muito importante na nossa idade eu acho que é o que mais se levanta o astral da gente é estar junto com outras pessoas que tem a mesma idade, que mais ou menos têm os mesmos problemas, têm vidas diferentes, a gente troca experiências... e eu gosto dessa troca, de pegar uma coisinha aqui outra ali, para dizer assim “ah tá, mas eu penso assim...”, assim a gente analisa as coisas, as situações. (IVETE. 2021 p. 3)

Estas motivações apresentadas para participar das atividades propostas pela UNAPI nos remetem a uma busca dos idosos por bem-estar e qualidade de vida, mas além disso, a inserção social proporcionada por tais atividades oportuniza que os idosos utilizem o seu tempo ocioso para adquirir novos conhecimentos, aprimorar capacidades, ampliar ou manter relacionamentos sociais significativos e ainda ocupar a mente para superar momentos difíceis de suas vidas, como contou o sr. João P. em sua entrevista:

A minha entrada na UNAPI deu-se quando eu tive uma perda muito desagradável, foi minha esposa, tínhamos 50 anos de casados e ela veio a falecer de um câncer. E daí eu fiquei traumatizado... perdi o chão, mas graças a Deus recuperei, graças à UNAPI. (JOÃO P., 2021, p. 1)

O sr. João afirma que sua participação nas atividades da UNAPI fez parte de um processo de recuperação emocional, lhe ajudando a superar um momento difícil da sua vida. Tal narrativa nos leva a refletir que este tipo de projeto pode ter uma função social que vai muito além dos conteúdos ministrados. A iniciativa de promover atividades educacionais para idosos, proporciona também uma

oportunidade de socialização destes indivíduos que segundo seus relatos costumam se sentirem muito solitários.

Esclareça-se, entretanto, que nem todos aqueles que procuram os cursos das Universidades Abertas são indivíduos deprimidos, desconsolados ou carregados de perdas. Conforme destacou o professor Antônio Jordão Netto, quando coordenador da Universidade Aberta para a Maturidade da PUC-SP, há, em quantidade bastante razoável, pessoas de perfil psicológico bastante otimista, cheias de alegria de viver, que enfrentam galhardamente a passagem do tempo. Para estas “a frequência às aulas é um prazer constante e seu comportamento um grande estímulo para as demais que chegam meio por baixo, contribuindo, junto com os professores, no processo de ressocialização e integração do conjunto de alunos”. (JORDÃO NETTO, 2001, p. 54)

Embora tenham relatos de superação de dificuldades, o que se mostrou no breve convívio com esses idosos através das entrevistas é que são pessoas alegres, com disposição para enfrentar os desafios que lhe são impostos e que buscam por isso e nos demonstram que a velhice pode ser um período satisfatório. Neste sentido, concordamos com os pesquisadores Freire (2000) e Lima (2019) ao entender que um envelhecimento bem-sucedido se relaciona a um bem-estar psicológico, que leva em conta uma relação de qualidade com os outros, ou seja, uma relação calorosa, satisfatória e verdadeira; que se preocupa com o bem-estar alheio; em que se é capaz de relações empáticas e afetuosas. Isto requer, igualmente, um crescimento pessoal contínuo. Pode-se considerar o fato de participarem das atividades em grupo promovidas pela UNAPI como algo que revela uma abertura dos participantes a outras experiências.

Como já foi dito, as motivações para participar do projeto foram perguntadas nas entrevistas, mas cabe aqui acrescentar outro aspecto, que não foi perguntado diretamente, mas dito de forma espontânea pelos participantes, que diz respeito a como eles veem a contribuição de tal participação na vida de cada um deles. Neste sentido tivemos algumas avaliações como, por exemplo, o sr. João, ao contar sobre a sua participação no projeto, considerou que:

Eu acho que a UNAPI me guindou, me incentivou a procurar alternativas de vida... porque as pessoas não podem ficar “socadas” dentro de casa, sentadas no sofá vendo televisão... Isso envelhece... Isso enruga... e o pior não é enrugar o rosto, é enrugar a alma... (JOÃO P., 2021, p. 3)

A sra. Rosa disse que não gostaria nunca de perder o contato com a UNAPI, e conta como foi para ela a participação:

Eu só tenho a dizer que a UNAPI pra mim fez uma diferença muito grande na minha vida. Eu sou uma pessoa muito só, né. Eu só moro com uma das minhas filhas, que trabalham muito, eu vejo muito pouco, eu sou uma pessoa muito sozinha, então a UNAPI pra mim foi muito bom. Eu aprendi a conviver de novo com as pessoas, a participar de grupos, coisa que eu não fazia mais né... A entender cada um, porque cada um tem o seu jeito de ser né, eu não posso querer que as pessoas sejam iguais a mim, então eu aprendi muito a conhecer cada uma das colegas do grupo. Enfim... Eu achei muito bom. (ROSA, 2021, p. 6)

Já para a sra. Ivete, o principal benefício é em relação a interação social que é proporcionada, conforme ela conta:

Eu amei! Adorei. É uma atividade assim que a gente conhece outras pessoas e aprende muita coisa... eu sempre tenho essa opinião de que tu vais para um curso e tu não aprende só o curso né... às vezes tu aprende mais com as outras pessoas. Não mais, mas assim... a gente agrega muito valor, assim, aprende muita coisa no relacionamento, na troca de experiências com outras pessoas. (IVETE, 2021, p. 2)

Neste mesmo sentido, a sra. Cirlete considera que:

foi super bom participar do projeto e me trouxe um monte de benefícios... eu acho que se não tivesse... porque eu estava numa época assim que eu não tinha muito o que fazer né, não tinha nada a não ser ali em casa né, e... eu tinha muita vontade de ter mais conhecimento, de ter amizades também porque eu ficava muito sozinha... quer dizer, eu sou casada, é eu e o meu esposo só, e meus dois filhos... mas eu não tinha muitas amizades, mais era casa mesmo e aí então com isso, foi muito bom porque eu tive... eu fiquei amiga de várias pessoas que eu conheci. (CIRLETE, 2022, p. 6)

E complementa dizendo que:

Não quero parar mais né, eu achei muito bom mesmo. E todas as minhas colegas, as conhecidas que eu fiz, também adoram... nós já temos uma turminha já bem... como se fosse uma turma de faculdade mesmo, que vai indo junto, muito legal! (CIRLETE, 2022, p. 7)

Esta participante tem ainda uma peculiaridade, pois ela possui uma doença degenerativa conhecida como esclerose múltipla, e nos contou que participa das atividades da UNAPI como uma forma de se manter em atividade, visto que uma das recomendações de seu médico para abrandar os efeitos desta doença é “não parar”.

Como pudemos observar nas narrativas dos participantes, eles atribuem benefícios diversos que envolvem desde a ocupação de tempo ocioso e socialização com outras pessoas de faixa etária semelhante até a superação de

perdas ou de desafios impostos por alguma doença. Neste sentido, entende-se que projetos como a UNAPI, que viabilizam a participação de idosos em ações socioeducativas, podem ser uma possibilidade para promover interações, possibilitando que os idosos tenham contatos com outras pessoas, compartilhem vivências/experiências e atualizem conhecimentos, além de possibilitar o preenchimento do tempo livre com atividades educativas, favorecendo a valorização da autoestima e a manutenção da independência.

Mesmo com as narrativas dos participantes do projeto sugerindo ganhos de qualidade de vida, é incerto indicar como ponto de partida o individual ou o coletivo. Há neste contexto uma articulação estreita entre cada pessoa como ser carregado de experiências únicas, lembranças solitárias e com uma história que lhe é peculiar, e, entre tais elementos, com um perfil específico criado pelas vivências do próprio grupo. (STANO, 2001). Neste sentido podemos acrescentar outro elemento à esta reflexão: o espaço escolar ou espaço educacional.

5.2. Como foi voltar à sala de aula?

Foi perguntado aos idosos como foi voltar à sala de aula? A partir do que eles responderam podemos refletir sobre qual a importância neste contexto de um espaço destinado a receber este público dentro de uma instituição de ensino. Scagion (2018), destacou em sua pesquisa que a existência de locais exclusivos para pessoas idosas é importante, mas também é importante a organização de projetos que proporcionem relações entre várias gerações (intergeracionais), pois estes ambientes realizam contribuições para todos os participantes. A UNAPI, ao utilizar vários dos prédios da UFPel para realização das atividades acaba proporcionando essas relações intergeracionais, o que fica exemplificado na fala do sr. João ao dizer que ao frequentar os prédios da universidade “*entrou numa de aluno*”:

...então eu entrei também numa de aluno, hoje eu sou um aluno, eu cheguei a me sentir um aluno da universidade, até cheguei a pensar em retomar meu estudo, ver qual é a possibilidade de ver meu currículo lá no Colégio Pelotense e ver o que eu posso fazer, quem sabe fazer outro curso, retornar, 71 anos para mim não é nada, eu acho que a gente vive até o último suspiro, então até o último suspiro a gente pode estudar. (JOÃO P., 2021, p. 7)

Sabemos que, por inúmeras razões, o acesso ao ensino superior não é uma realidade para muitos, ainda mais para a geração dos participantes desta pesquisa que viveram uma época em que, comparada aos dias de hoje, havia muito menos ofertas de cursos superiores em termos de quantidade, além de outras questões sociais que envolvem tal acesso. E frequentar o ambiente da universidade, mesmo que em atividades não formais, demonstrou-se nas falas dos participantes como algo satisfatório. A exemplo do que foi mencionado pela sra. Ivete como “se sentir importante”.

Pra mim foi fantástico! Eu amei! Porque, eu não fiz um curso superior na faculdade né, então, eu nem conhecia a UFPel por dentro, então eu fui conhecendo e me senti muito bem lá dentro, e, achei fantástico o projeto né, da UNAPI, porque eu acho que é importante para gente assim, se sentir importante, porque a gente sabe que têm pessoas que estão envolvidas, que estão preocupadas com o envelhecimento da população, a gente sabe né que... quando os meus filhos ficarem velhos, a maior parte será de velhos, então eu me senti bem integrada porque é aquele tipo de coisa que eu gosto de fazer, que é ter uma atividade, interagir, que é aprender, principalmente aprender né. Para mim foi muito bom... (IVETE, 2021, p. 4)

A sra. Cirlete, ao classificar como “Muito boa” a experiência de voltar à uma sala de aula nos revelou ainda seu desejo de cursar um curso superior o qual acabou não se concretizando ainda por circunstâncias de sua vida.

Ah! Muito boa! Eu estava tentando até o... eu estava fazendo o ENEM, fiz duas ou três vezes, mas por um pouquinho não passava, assim sabe, porque também não fazia cursinho, não estudava e já tava bem por fora assim da área... Então... porque eu queria voltar a estudar, na verdade, queria fazer pedagogia há uns anos atrás... Aí depois surgiu esse meu problema também, e tudo foi dificultando... (CIRLETE, 2022, p. 4)

Já a sra. Rosa, professora aposentada, além de classificar como “ótima” a experiência de voltar à uma sala de aula na condição de aluna, ainda destacou a questão da troca de experiências com alunos do curso de Pedagogia, proporcionada em um dos cursos em que ela participou.

Ai, foi ótimo! Foi ótimo! Eu me senti uma guria de 17 anos, com certeza, muito bom, foi ótimo! Inclusive, a professora Cristina, por um semestre nos deu aula junto com a turma dela de Pedagogia, das meninas dos rapazes né... Melhor ainda! Foi um entrosamento muito gostoso, muito bom, muito proveitoso. Eu acho que tanto para nós, idosos, como para eles também jovens né! Porque a gente conseguiu passar muitas experiências para eles. Foi ótimo! (ROSA, 2021, p. 2-3)

Cabe reconhecer o aspecto social deste tipo de projeto que possibilita a inserção de idosos em um ambiente diferente, o da universidade, e viabiliza canais de comunicação de assuntos distintos do cotidiano, com pessoas da própria geração e de outras gerações. Além disso, a participação em atividades educativas, como defendido por Pereira (2009, p. 172), “favorece o envolvimento ativo com atividades e pessoas, a integração social e os investimentos pessoais e, assim, leva a um envelhecimento bem-sucedido”. Nesta mesma direção, concorda-se com a pesquisadora Sueli Aparecida Freire (2000), que entende que as relações sociais compõem um conjunto de elementos importantes para o bem-estar psicológico e para uma melhor qualidade de vida.

Lima (2019) nos sugere que a inclusão dos idosos em espaços educativos pode ainda, ajudar a viabilizar canais de comunicação de assuntos diferentes daqueles aos quais eles estão habituados, como a Matemática, objeto de interesse deste trabalho. Nesse sentido, foram feitas algumas perguntas durante as conversas com os entrevistados, especificamente sobre a matemática, que possibilitaram algumas reflexões, as quais serão tratadas a seguir.

5.3. E quanto à matemática?

Antes de abordarmos o que foi dito por eles em relação à matemática, merece esclarecermos sobre que matemática estamos tratando. No contexto desta pesquisa, não nos pareceu muito oportuno fazer alusão à uma matemática escolar, da educação formal, tampouco pensar em conceitos de aritmética, álgebra, geometria, trigonometria, estatística etc. Mas sim, em uma matemática aplicável ao contexto da vida prática e cotidiana, seja em uma simples compra de pão até a aplicação de um grande investimento financeiro. Considerando que a matemática está presente em nosso cotidiano e em muitas tarefas que realizamos no nosso dia a dia como, por exemplo, ao acordar, o despertador expressa as horas utilizando o princípio da contagem do tempo, quando fazemos uma refeição utilizamos o conceito da proporção, e assim por diante.

No caso específico dos idosos podemos pensar em algumas outras relações, sem dúvida a mais citada pelos idosos nas entrevistas foi a relação envolvendo controle financeiro e operações comerciais, sobretudo com as instituições bancárias. Quando perguntados sobre sua relação com a

Matemática, responderam com afirmações como a da sra. Ivete que disse que, para controle das suas finanças e pagamento de contas, interage bem com a tecnologia utilizada atualmente pelos bancos em que muitas operações são realizadas através do celular, como pode se ver em sua fala:

“...eu uso bastante, eu tô totalmente interagindo com banco no celular, pagando conta online... é... eu consigo copiar todo o código de barras, bem tranquilo, se precisar montar um código de barras... porque pra quem nunca usou é difícil né, tu acertar e não errar nenhum número, pagar o boleto direitinho pra não pagar boleto de outra pessoa” (IVETE, 2021, p. 7)

Assim como a sra. Ivete, a sra. Rosa também vinculou a matemática presente no seu cotidiano com a realização de operações bancárias, conforme ela descreve:

“...eu faço todos os serviços de banco, isso aí, eu sempre me determinei. Eu faço tudo, só que hoje eu faço tudo online, não é mais como antes, que eu ia pagar as minhas continhas na lotérica, não, agora é tudo online, eu tenho o aplicativo do Banco do Brasil, que é onde eu recebo né... E ali eu faço todas as transações através do aplicativo e me adaptei bem direitinho, no início talvez um pouco difícil, mas me adaptei direitinho, eu faço tudo pela internet, tudo online. (ROSA, 2021, p. 4)

Neste mesmo sentido, a sra. Cirlete demonstrou também ter domínio das operações bancárias mediadas por tecnologia e, por consequência, de algumas operações matemáticas envolvidas em tais operações. Ela contou que transfere o dinheiro necessário para os filhos e eles é que fazem os pagamentos, como se observa:

[...] eu faço Pix, passo dinheiro, quando precisa, para os meus filhos, coisa assim... e eles pagam as minhas contas, porque hoje eu não estou pagando, a não ser que seja uma conta assim através do Pix, senão são eles que pagam pra mim... essa parte aí eu faço [...] (CIRLETE, 2022, p. 5).

Chamou atenção ela ter dito que utiliza o “Pix”, que é um sistema de transferência eletrônica implantado recentemente, em 2020, pelas instituições bancárias, o que nos demonstra primeiramente que no caso dela isto não foi um problema pois ela fala que utiliza este sistema, mas também estamos diante de um exemplo que nos demonstra que este tipo de interação, com os bancos e com seus sistemas tecnológicos, exigem uma constante atualização das

peças e que, no caso dos idosos, cursos como os oferecidos pelas UNAPIs podem ser uma alternativa neste sentido.

Já o sr. João C. não falou diretamente das operações bancárias intermediadas por tecnologia, ao mesmo tempo que destacou o controle das finanças pessoais e o quanto isso é importante para ele:

[...] assim..., de... fazer tipo um orçamento entendeu? Anotar os gastos, fazer projeção, sempre gostei de usar a matemática nessa parte, tudo manual, entendeu? Nada de... nunca usei o computador e aquilo, inclusive, me serve como uma distração, entendeu? Gastei tanto hoje, amanhã tem que pagar aquilo..., tipo... tem que tirar daquilo e aplicar naquilo... Uma coisa mais ligada à aplicação de... poucos recursos, essa parte, não seria bem matemática financeira. (JOÃO C., 2021, p. 6)

Pode-se perceber que todos os participantes vincularam as questões envolvendo suas finanças pessoais com a matemática. Nota-se que neste grupo de idosos não houve relatos de dificuldades neste sentido, pelo contrário, a maioria falou que consegue lidar bem com estas questões, inclusive se utilizando do auxílio de tecnologias e internet para realizar as operações. Entretanto, o sr. João P. faz um alerta em sua fala ao contar sobre uma experiência envolvendo a obtenção de um empréstimo de crédito consignado junto ao banco, que acabou por comprometer uma parte da sua renda mensal, conforme ele conta:

Os empréstimos, eu te diria que aquilo é o famoso “pega rato” [...] Eu também entrei nessa e vou te dizer uma coisa, realmente a maioria dos aposentados entram, não sabem o que estão fazendo, hoje mesmo, eu recebo 70% do meu salário, poderia receber 100% [...] Aí a coisa aperta né, vai apertando cada vez mais e tu não fez aquela conta necessária, tu não estudou o contrato [...] tu consegue um empréstimo de cinco mil e na verdade vai pagar trinta mil, só de juros tu paga uns vinte e cinco mil. Então, não é justo isso, é injusta tu não saber. Se tu souber fazer uma conta é bem provável tu não vá entrar nessa! (JOÃO P., 2021, p. 8)

Outra menção feita ao tema foi feita pela sra. Rosa que comentou sobre os empréstimos, quando respondeu se sentia segurança para realizar tais negociações:

[...] Segurança eu não tenho quanto a isso né. Porque eu sou muito desconfiada, eu sempre acho que aquilo que tão te oferecendo, que é tudo muito bom, não é bem assim! Mas eu já fiz empréstimo consignado, somente, na agência do Banco do Brasil onde eu tenho conta, eu jamais fiz empréstimo [por telefone], porque durante o dia tu recebe uns 20 telefonemas querendo te tirar os empréstimos do banco, para renegociar, eu nunca fiz isso, não tenho confiança mesmo! Faço no Banco do Brasil, mas sempre com o pé atrás! (ROSA, 2021, p. 4).

Essa desconfiança a qual ela se refere, além de ser em relação às instituições financeiras, que oferecem com insistência esse tipo de empréstimo, também é uma desconfiança matemática, pois quando ela fala que aquilo que estão oferecendo parece muito bom, mas que não é bem assim, provavelmente refira-se à hipótese de que os cálculos da negociação possam estar sendo mais favoráveis ao banco do que a ela e que poderiam vir a desfavorece-la financeiramente, especialmente no caso de não ficarem completamente esclarecidos quanto aos cálculos que envolvem esse tipo de transação.

Nesse sentido, seria importante se todos os idosos tivessem acesso à uma formação matemática ligada aos aspectos financeiros para qualificar a reflexão crítica sobre esse tipo de oferta muito comum aos idosos, de modo a ficarem mais atentos e poderem avaliar de maneira mais segura este tipo de negociação, tendo em vista que envolvem muitas taxas bancárias¹⁵ referentes à essa operação.

Além disso, uma das características principais dos empréstimos de crédito consignado é que as prestações são descontadas diretamente da aposentadoria ou pensão, o que significa que o valor da aposentadoria nos anos seguidos ao crédito pode diminuir em até 35%. Se esta diminuição da renda está prevista e integrada no orçamento familiar, não há problema. No entanto, se a contratação deste crédito for feita sem a realização de alguns cálculos matemáticos básicos ligados à gestão financeira pessoal, como a subtração do valor da parcela ao valor do salário líquido para saber o que sobra, pode ocasionar problemas financeiros graves e difíceis de resolver. Esta questão envolvendo endividamento ou, no caso da obtenção de um empréstimo, uma diminuição de longo prazo na renda mensal, por óbvio, impacta diretamente na qualidade de vida da pessoa idosa, à medida que pode lhe faltar recursos que viabilizem, por exemplo, a participação em atividades de lazer.

Muito diretamente ligado a isso, chama atenção que nas narrativas dos idosos entrevistados, é possível perceber que eles falam com orgulho que seguem fazendo as atividades relacionadas ao controle financeiro pessoal, e sem dúvida há muita matemática envolvida neste contexto. Eles reconhecem a

¹⁵ Além da taxa mensal de juros que é informada ao consumidor, outros valores compõem o cálculo do empréstimo, como tarifa de cadastro, algum tipo de seguro, e o IOF que é um imposto federal cuja sigla significa Imposto sobre Operações Financeiras (SERASA, 2022).

necessidade e a importância da matemática no seu dia a dia, sobretudo no que envolve operações comerciais e bancárias. Percebe-se aqui um aspecto diretamente relacionado à qualidade de vida da pessoa idosa, que é o de manter sua autonomia e continuar gerenciando o seu próprio dinheiro, aspecto que pode ser relacionado quando se pensa no papel da educação ao longo de toda vida, especialmente no que refere a pessoas idosas. Podemos imaginar que seja algo muito doloroso, ou no mínimo desconfortável, para o idoso perder autonomia ou não conseguir executar suas tarefas pessoais como antes. Ninguém quer depender de um terceiro, mesmo que seja um filho, para lidar com essas questões e, o fato de um filho ou algum outro familiar assumir o controle dos recursos pode representar inclusive uma situação de abalo emocional, além daquele que já pode acontecer no caso de a aposentadoria representar uma redução de rendimentos.

Avançando nas reflexões decorrentes das entrevistas, outro aspecto presente em algumas das falas de alguns dos entrevistados nos remete à uma questão bem interessante que merece ser destacada aqui e que tem a ver com a pergunta inicial deste item: *“de que matemática estamos tratando?”*. Por exemplo, o sr. João C. demonstrou dúvida se poderia vincular questões de controle financeiro pessoal à matemática financeira ao relacionar a matemática do seu cotidiano se referindo a *“[...] uma coisa mais ligada à aplicação de... poucos recursos, essa parte, não seria bem matemática financeira...”* (JOÃO C., 2021, p. 6). Mesma dúvida demonstrada pela sra. Cirlete ao falar sobre possíveis interesses referentes a conteúdos matemáticos, quando sugeriu que gostaria de aprender a *“[...] fazer umas tabelas mesmo... coisas pra se guiar, pra fazer o controle da renda né... acho que mais ou menos isso... não sei..., mas aí não é matemática né, seria economia...”* (Cirlete, 2022 p. 6).

Para além desse contexto que envolve finanças pessoais, já mencionado, percebe-se também que, em geral, eles não conseguem expressar, ou têm dúvidas se é possível relacionar as questões de interesse deles com conteúdos que sejam efetivamente de matemática, ou talvez não tenham clareza de como diferentes conteúdos matemáticos possam ser úteis para a solução de problemas vividos na atual fase de suas vidas. Mesmo assim houve algumas relações interessantes a serem destacadas aqui como, por exemplo, a que a sra.

Rosa fez quando respondeu sobre a matemática presente nas suas atividades do dia a dia:

Acho que nessa parte de bordado, eu acho que eu me encontrei muito, sempre fui boa aluna de matemática, sempre gostei da matemática e eu acho que nessa parte do bordado eu uso muito, porque eu tenho que fazer muito cálculo antes de bordar, eu tenho que pegar o tamanho da folha ou do tecido que eu vou usar, tenho que ver o desenho que eu vou fazer, eu tenho que calcular direitinho para não ficar nem para um lado, nem para outro, eu acho que eu uso bastante a matemática nessa parte, na parte de bordar. (ROSA, 2021, p. 4)

A entrevistada nos trouxe um exemplo de como saberes matemáticos são aplicados em muitas atividades do cotidiano. Chamou atenção por ser um exemplo diferente do que os outros entrevistados trouxeram, possivelmente pelo fato dela ser professora e ter uma relação pedagógica diferente dos demais. O exemplo trazido por ela foi o bordado, que ao pensarmos rapidamente, podemos estabelecer algumas vinculações utilitárias em relação a alguns saberes matemáticos. Tendo em vista que para bordar é necessário, além de saber realizar os cálculos mais básicos, ter uma boa visão espacial e geométrica, noções de proporção e de medidas, entre outras habilidades.

Esses saberes matemáticos, desenvolvidos no cotidiano, como esse exemplo trazido pela entrevistada, se aproximam e podem nos remeter à algumas ideias da perspectiva d'ambrosiana da Etnomatemática pois se manifestam através da relação dos idosos com seus conhecimentos informais, saberes esses que se redefinem e se aprimoram na experiência diária. Tal perspectiva é sintetizada por Lara (2001) da seguinte forma:

[...] a perspectiva d'ambrosiana considera, como formas de Etnomatemática, a Matemática praticada pelos matemáticos e por categorias profissionais específicas; a Matemática escolar, legitimada; a Matemática que ocorre nas brincadeiras infantis; a Matemática praticada pelas mulheres e homens para atender às suas necessidades de sobrevivência; entre outras. Com isso, o conhecimento matemático acadêmico passa a ser visto como uma das suas formas possíveis. (LARA, 2001, p. 55-56).

D'Ambrosio concretiza na Etnomatemática, ou a matemática praticada no cotidiano das culturas, sejam elas a cultura escolar, a cultura do trabalho ou a cultura da família, a base para o conhecimento a ser incorporado pela comunidade escolar e lapidado pelo docente de forma a reconstruir e solidificar saberes significativos. Verifica-se, portanto, a preocupação de fazer com que

situações do cotidiano sejam vivenciadas dentro do ambiente escolar no sentido de dar significado a esses saberes praticados fora da escola (VELHO, 2011, p. 10).

No caso específico dos idosos, a etnomatemática poderia oferecer um campo de possibilidades de associação entre a matemática e as demandas e interesses ligados ao cotidiano dos idosos. A fala da sra. Rosa relacionando saberes matemáticos com os seus bordados, nos provoca a reflexão sobre uma das possibilidades que poderiam ser exploradas em atividades a serem desenvolvidas com idosos no âmbito da UNAPI/UFPel. Uma abordagem que levasse em conta a realidade dos participantes e seus conhecimentos prévios, constituindo uma oportunidade desses saberes serem aprofundados em diálogo com o saber matemático acadêmico.

Sobre essa relação que envolve aprendizagem e também alguns conteúdos e métodos de ensino, podemos destacar aqui algumas relações referentes às memórias escolares dos participantes. Nem todos entrevistados falaram sobre isso, mas algumas afirmações chamaram atenção como, por exemplo, a fala do sr. João P. em que se referiu à Matemática ensinada na escola: *“eu sou do tempo da tabuada né”, “a tabuada era tomada diariamente nas aulas” e “eu nunca gostei da matemática porque..., sabe aquela mente meio devagar, meio tartaruga...? Então, eu não gostava da matemática por causa disso, porque que ela exigia muito”* (JOÃO P., 2021, p. 6, 8). Tais afirmações remetem às dificuldades que o entrevistado considera ter tido em relação à matemática em sua época de estudante do primário¹⁶, entre elas a exigência de saber a tabuada e a lembrança de que isso era cobrado regularmente.

Também referente à tabuada, a sra. Ivete contribuiu com uma recordação nesse sentido e acrescentou sua percepção, ou impressão, de que a forma de aprender matemática está diferente:

Eu cresci na época que decorava a tabuada... agora a maneira de raciocinar é diferente, eu já percebi isso aí, não acompanho tanto, mas eu vi que é diferente a maneira de aprender matemática. (IVETE, 2021, p.6).

¹⁶ No Brasil, até 1971, o ensino primário constituía historicamente o primeiro estágio da educação escolar. Era constituído normalmente por quatro séries, cada um correspondendo a um ano. Podia prolongar-se por até mais duas séries complementares, com vista a ampliar o conhecimento do aluno e a sua formação para o trabalho. A conclusão do ensino primário permitia o ingresso no ensino ginasial. (RIBEIRO, 1993)

Memórias de idosos relativas à tabuada não é uma exclusividade dos participantes desta pesquisa. Santos (2018), em sua dissertação de mestrado sobre memórias escolares de idosos, constatou que a lembrança da tabuada é uma das mais marcantes. Muitas vezes associadas a situações traumáticas, que envolviam inclusive condutas violentas por parte dos educadores da época. A fala da sra. Ivete ao compartilhar sua percepção de que atualmente a maneira de aprender matemática é diferente, nos faz refletir sobre avanços ou sobre as modificações no campo educacional relativas à Matemática presentes nos últimos anos.

Tais modificações na Educação Matemática não se restringem apenas aos conteúdos, mas também modificaram as práticas docentes, possibilitando uma crítica à figura do professor de matemática da infância do sr. João P., quando se refere a ela como “terrível”:

Eu nunca vou esquecer a minha professora de matemática, lá em Cachoeira do Sul, a professora Leda, ela era terrível, ela ensinava matemática, Deus do céu... brava... Ela pegava a régua e vinha assim “João, me diz aí... [fazendo referência ao exercício passado no quadro]” e eu demorava, e ela perguntava por quê? e eu falava “Professora, eu sempre tive esse problema com a matemática”. Mas graças a ela, hoje muito do que eu sei foi ela que me ensinou. (JOÃO P., 2021, p. 8)

O entrevistado nos indica que, talvez, o “não gostar” de matemática esteja em alguma medida associado à relação professor-aluno, pois sua fala foi um pouco controversa à medida em que ele demonstra gratidão quanto aos ensinamentos da professora, mas sugere uma relação difícil quando se refere à professora como “brava”, sugerindo um trato pedagógico que nos dias de hoje seria tratado como inadequado.

Essas memórias do sr. João P. sugerem que o quanto dificuldades na relação professor-aluno podem ser lembradas pelo resto da vida e repercutir decisivamente para que a pessoa não goste de determinado conteúdo ou disciplina escolar, dependendo das marcas que carrega consigo. Costa, Nunes e Archanjo (2019) destacam que a postura docente adotada em relação à matemática pode permitir aos alunos percebê-la como uma ferramenta para a resolução de problemas do cotidiano, pode fazer com que os alunos sintam interesse em aprender a matemática porque saberão como e onde aplicar o que foi aprendido em sala de aula. A preocupação com tais posturas tem impulsionado uma série de discussões no âmbito da Educação Matemática mais

recentemente levando à compreensão de que “[...] a função do professor é criar condições para que o aluno possa exercer a sua ação de aprender participando de situações que favoreçam isso” (D’AMBROSIO, 2012, p. 25).

No caso da UNAPI/UFPel, as falas dos idosos entrevistados aqui nesta pesquisa demonstram haver uma ampliação no campo de atuação que pode ser explorado pelos educadores matemáticos, reaproximando os idosos da matemática, não mais pela via escolar formal, a partir de atividades que lhes façam sentido, tendo em vista que o reestabelecimento do vínculo com conhecimentos matemáticos pode trazer benefícios ao idoso, no sentido de se manter mais autônomo matematicamente e assim seguir por mais tempo desempenhando atividades correlatas.

Sem pretender esgotar as possibilidades de reflexões a partir das entrevistas, para encerrar, mostraremos aqui em sequência as respostas e sugestões que os idosos deram quando perguntados sobre se teriam interesse em participar caso houvesse oferta de atividades ou cursos de matemática na UNAPI/UFPel, a começar pelas sugestões do sr. João P.:

[...] acho que tinha que avançar um pouquinho mais, puxar pela memória ou puxar no aprendizado do idoso o que ele não sabe. [...] Eu acho que esse tipo de coisa assim, “cálculos matemáticos” ... eu acho que deveria ter uma matéria de matemática dentro da UNAPI. [...] ...Tem também a questão da defasagem da aposentadoria, as pessoas se aposentam com um valor e aí tem a inflação, depois de um tempo estão recebendo bem menos do que era quando se aposentou. Poderia ter alguma coisa de economia ou de matemática que ajudasse o idoso com essas coisas [...] (JOÃO P., 2021, p. 10).

A fala do participante reforça o interesse dos idosos sobre questões que já discutimos anteriormente que envolvem gestão financeira e acrescenta ainda sua percepção sobre a defasagem no valor da aposentadoria que somada à inflação pode representar uma diminuição no poder de compra do salário e considera que se houvesse algum conteúdo nesse sentido poderia, segundo as palavras dele, “*ajudar o idoso com essas coisas*”.

A sra. Rosa, quando questionada se teria interesse em participar de atividades de matemática, se ofertadas pela UNAPI, respondeu: “*Ah! Gostaria muito, gostaria muito!*” (ROSA, 2021, p. 4), mas perguntada se teria alguma ideia ou sugestão de conteúdo disse não lhe ocorrer nenhuma ideia naquele momento. Na ausência de resposta e como anteriormente havia se falado sobre operações bancárias, foi perguntado se matemática financeira seria uma opção,

ela concordou e disse “*Talvez... isso! Seria uma boa! [...] Para a gente ter mais segurança, não é? Seria bom!*” (ROSA, 2021, p. 5).

Para além da sra. Rosa concordar com a indicação que foi feita, o fato dela dizer que gostaria muito reforça a importância de conversar com os idosos sobre o tema para poder construir propostas que cheguem nesse “gostaria muito” dito por ela, para que antes delas serem produzidas e disponibilizadas elas passem por uma etapa de diálogo. E essa proposta feita a ela sugerindo um exemplo de tema, nos mostra também que uma vez que haja um melhor esclarecimento sobre o que será discutido em possíveis atividades, há uma boa chance de os idosos aderirem.

Além disso, essa fala da sra. Rosa se conecta à uma anterior que diz respeito a desconfiança em relação às negociações bancárias, aqui, ela confirma o que havia dito antes e nos dá indícios de que a “segurança” a que ela se refere, pode ser uma segurança matemática, no sentido de conseguir saber, por exemplo, se os cálculos apresentados na negociação estão corretos, se os valores correspondem ao que lhe foi oferecido e se há viabilidade em seu orçamento de cumprir com os pagamentos.

O sr. João C., também disse ter interesse de participar em atividades de matemática, “[...] *principalmente se for essa parte de matemática financeira... Problemas de aritmética... uma recordação também...*” (JOÃO C., 2021, p. 8), disse também se interessar mais por algo referente ao dia a dia e dá inclusive algumas sugestões, segundo ele:

[...] O grande problema da matemática, principalmente a matemática do superior, é que não se via finalidade naquilo..., e, a matemática financeira, que é dada em Administração e Contabilidade, essa é ótima porque a gente tá vendo ali, mas como eu não fiz curso de Administração nem Contabilidade, eu realmente, para mim seria muito útil! Matemática financeira... matemática em geral..., aritmética e tal... Seria sim! Seria uma boa pedida, assim como algumas aulas de Filosofia..., Economia..., aulas assim, palestras, inflação, ah...tema tem muito aí! (JOÃO C., 2021, p. 8)

Percebe-se que novamente o tema “matemática financeira” esteve presente, mas aqui o entrevistado nos indica uma possível razão para esse tema ter aparecido tantas vezes nas falas dos idosos, que é o fato deles visualizarem de forma mais clara e direta em suas práticas cotidianas a utilização desses cálculos comuns à matemática financeira. Percebe-se também que esse é um critério importante para eles decidirem se querem ou não querem algo, pois em

geral, quando se fala em matemática, eles parecem se interessar mais por conteúdos em que conseguem estabelecer algum significado ou alguma relação de utilidade no contexto atual de suas vidas.

A sra. Ivete também respondeu que sim, que tem interesse em participar de atividades envolvendo matemática, com a diferença que, no seu caso, lhe chamam mais atenção conteúdos relacionados a raciocínio lógico, pois ela considera que:

O raciocínio lógico é bem melhor do que a matemática em si né, estudar aquela matemática tradicional... porque pelo que eu percebo pelos meus netos, a maneira deles aprenderem matemática tá totalmente diferente da minha época [...] ...Então não sei como seria atualmente para idoso né, mas raciocínio lógico eu acho bem interessante porque eu gosto muito de deduzir... às vezes eu vou por dedução..., por exemplo se eu vou fazer uma prova de um concurso..., eu, geralmente, acerto por dedução, por intuição, por análise daquilo ali, porque que muitas vezes não sei fazer a fórmula, mas se vou parar para pensar... assim, assado... por aqui, por ali... e, [conclui] tem que ser isso!... (IVETE, 2021, p. 6-7).

Na fala da entrevistada percebemos que ela não tem interesse pelo que ela chama de “matemática tradicional” pois considera mais interessante algum conteúdo relacionado ao raciocínio lógico. No caso ela associa raciocínio lógico à uma lógica aplicada a situações problemas do cotidiano, não necessariamente àquela lógica que é sim parte integrante da matemática tradicional.

Já a sra. Cirlete, hesitou um pouco antes de responder se teria interesse em participar de algo relacionado à matemática por, atualmente, estar se interessando mais por literatura, mas disse que sim: *“que de repente seria interessante de participar... acho que sim! Já que eu trabalhei tantos anos com números né... agora que eu estou afastada... acho que sim!”* (CIRLETE, 2022, p. 5-6), e sugeriu:

Acho que tipo fazer umas tabelas mesmo... coisas pra se guiar..., pra fazer o controle da renda né... acho que mais ou menos isso. [...] jogos que tivessem alguma coisa com matemática também, algum joguinho, alguma coisa... (CIRLETE, 2022, p. 6).

As falas das duas últimas entrevistadas, sra. Ivete e sra. Cirlete, apresentam uma relação em comum pois sugerem um conteúdo matemático mais voltado ao exercício do raciocínio e estímulo da memória através de atividades com jogos matemáticos, remetendo a uma relação lúdica entre jogos e raciocínio lógico. Lembramos que já foi realizada pela UNAPI/UFPel uma

atividade nesse sentido, mesmo assim destacamos como uma alternativa de conteúdo que poderia ser mais explorada no âmbito do projeto.

Por fim, entendemos que, de acordo com as falas desses idosos, eles querem matemática, mas não querem qualquer conteúdo, eles se interessam sobretudo por coisas que façam sentido em seu dia a dia. Como vimos, alguns sugeriram temas relacionados ao raciocínio lógico, possivelmente por parecer mais relacionado com situações problema do cotidiano ou por já terem participado de uma atividade neste sentido, o que fez que esse tema fizesse sentido para eles. Mas, sem dúvida, o conteúdo que foi relacionado de forma mais clara como algo “útil” no atual momento de suas vidas foi referente à Matemática Financeira, vista como algo que pode contribuir para a essa manutenção autonomia deles, que abordamos. Entretanto, entendemos que além desses conteúdos mencionados, muitos outros conhecimentos matemáticos podem ser oferecidos aos idosos procurando aliar algo que seja significativo para a atual fase de vida deles, mas que= também seja prazeroso de participar.

6. Considerações finais

Havia, no começo desta pesquisa, a expectativa de que os idosos falassem mais sobre matemática, o que acabou não se confirmando com este grupo de participantes. Uma hipótese para essa ausência de falas em maior quantidade sobre o tema pode estar relacionada a um distanciamento que as pessoas têm da matemática pois percebe-se que, geralmente, pensam em matemática como algo escolar e não vinculam diretamente a situações do cotidiano. Mesmo assim o material obtido das entrevistas nos permitiu que pudéssemos fazer algumas reflexões sobre esse assunto, assim como abre possibilidades para outras reflexões pois, ao se trabalhar com História Oral, “é muito frequente que se colete muito mais coisas do que se necessita para seu objetivo” (THOMPSON, 2002, p. 232). Neste sentido, as entrevistas podem constituir também um acervo que sirva a consultas, para posterior pesquisa e produção de conhecimento, pois elas trazem outros assuntos que não serão tratados nesta pesquisa, mas que são passíveis de serem analisados por quem se interessar.

É preciso também, dizer que esta pesquisa teve início antes da pandemia de covid-19, e que a ideia inicial de entrevistar os idosos foi mantida, afinal não sabíamos quanto tempo ela duraria tampouco imaginávamos a dimensão que ela tomaria. Ninguém imaginava, nem mesmo os especialistas da área, que em 2022, dois anos depois de seu início, ainda estaríamos sob as restrições impostas por esta doença que somente no Brasil vitimou, até então, mais de 600 mil pessoas¹⁷. A gravidade demonstrada por estes números nos recomendou que fossem tomados todos os cuidados possíveis no que diz respeito à interação com os participantes da pesquisa, e assim foi feito, o contato com os entrevistados foi mínimo, apenas entrega/retirada das entrevistas transcritas para assinatura das respectivas autorizações de uso, as demais interações foram realizadas por via de telefone e de mensagens de texto.

¹⁷Dados do Consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde, disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movei>, Acesso em: 21/01/2022

Estes fatos nos levam a pensar que os resultados obtidos certamente foram impactados por conta deste cenário, à medida que foram estabelecidos pré-requisitos para participação na pesquisa, como ter um equipamento e uma conexão à internet que permitissem a participação em uma entrevista remota e, principalmente, ter a aptidão necessária no manuseio deste equipamento. Esses “pré-requisitos” não foram pensados para a pesquisa, não foram passados aos participantes nem tampouco foram impostos pelo pesquisador, se estabeleceram naturalmente em decorrência do contexto vivido no período em que o estudo foi realizado, uma vez que eram necessários que para que o idoso pudesse participar.

Como consequência, observamos que poucos idosos se dispuseram a participar das entrevistas, talvez por não terem interesse pelo assunto, ou talvez por não se sentirem aptos no manuseio com a tecnologia. É fato que os que participaram conseguiram interagir sem grandes dificuldades com a tecnologia utilizada na realização desse estudo que utilizou formato remoto de entrevistas para garantir a segurança de todos os envolvidos.

Outra consequência observada, que pode ter a ver com o perfil dos participantes, foi que esses idosos entrevistados na presente pesquisa, não demonstraram em suas falas terem grandes dificuldades em relação à matemática, o que pode nos fazer pensar que, possivelmente, aqueles que teriam maiores dificuldades para relatar, são os mesmos que possuem dificuldades em relação à tecnologia e que por isso não se sentiram aptos a participar das entrevistas.

Por outro lado, também é válido pensarmos que, se mesmo estes idosos que não demonstraram grandes dificuldades em relação à matemática, nos indicaram que existe demanda da parte deles, de cursos que possam explorar uma matemática que seja contextualizada às suas necessidades do dia a dia, é de se esperar que esses interesses trazidos por eles sejam bastante semelhantes aos dos demais, os quais não foi possível consultar mas que compõem a mesma faixa etária e compartilham de desafios e demandas sociais semelhantes e portanto também poderiam se interessar caso houvesse a disponibilização de alguma atividade (curso/palestra/oficina) neste sentido.

No que diz respeito ao projeto de extensão estudado, pode-se afirmar que, embora os cursos oferecidos por este tipo de projeto aos idosos (quaisquer

que sejam as temáticas) não se constituam como solução para todos os males e anseios que afetam a população idosa, nem sejam um trabalho isento de reparos, eles representam, sem dúvida, uma excelente alternativa à indesejável e temida inatividade e surgem como um canal eficiente de participação e reintegração social, contribuindo de modo concreto para possibilitar melhor qualidade de vida às pessoas idosas.

Considerando que iniciativas como essa, de projetos que promovem atividades educacionais voltadas ao público idoso, representadas aqui pela UNAPI da UFPel, funcionam muito com a força do voluntariado, contam com a participação de professores de diversas áreas que se disponibilizam a oferecer atividades para esse público, talvez esteja faltando um olhar mais sensível dos educadores da área da Matemática no sentido de reconhecer essa demanda e pensar em atividades que possam ser incluídas neste contexto.

Para que os educadores matemáticos reconheçam essa demanda, primeiramente é preciso que saibam que ela existe. Neste caso compete à universidade, enquanto gestora desse projeto que representa uma importante política pública, reconhecer também as demandas dos idosos e estabelecer o elo que falta para que os educadores, não só os da Matemática, mas de diferentes áreas possam articular conteúdos e atividades para esse público.

Com exceção dos trabalhos encontrados no mapeamento, ainda há muito pouca produção da Educação Matemática sobre o tema. Isso significa que o idoso ainda é muitas vezes ignorado enquanto agente aprendente ou como objeto de pesquisa. As aproximações que se buscavam como objetivo desta pesquisa dependem muito mais da academia do que dos idosos, não podemos esperar que os idosos proponham discussões sobre matemática, cabe a academia fazer isso, e podemos propor essa aproximação indicando aos educadores matemáticos que esse público merece atenção, que é um campo de atuação que pode ser mais explorado.

Devemos estar abertos e capazes de refletir sobre essa problemática e, junto com os idosos, encontrar soluções e novos caminhos, edificar uma aprendizagem cidadã, possibilitando manter a dignidade da condição humana. Uma educação inclusiva, voltada aos idosos, é capaz de proporcionar a eles situações de aprendizagem significativas, além de uni-los por um período de tempo, gerando vínculos através da participação em grupos permeados por um

sentimento de identidade e pertencimento. Unidos, ganham força, coragem para reagirem ao estigma da velhice (de perdas, isolamento, incapacidade), e se encaminham a viverem um novo paradigma de velhice (de ganhos, de lutas, de participação, de autonomia). Estando assim, fortalecidos para sua inserção na família e em outros grupos sociais.

Nota-se que os idosos nem sempre tem clareza de saber que estão falando de matemática, muitas vezes fazem vinculações à outras áreas de conhecimento. Por exemplo, falou-se muito sobre o que pode ser definido academicamente como gestão financeira. Aqui pode se considerar como um distanciamento entre o discurso acadêmico e o discurso dos idosos. Reconhecer esse distanciamento não é propriamente impedir que os idosos estudem gestão financeira, pelo contrário, é construir uma aproximação com a Educação Matemática que possibilite a inclusão dentro dos conteúdos oferecidos ao público idoso, de elementos da matemática que dialoguem com esse tema que eles mesmos consideram como importante e que de certa forma contribui com uma melhora de qualidade de vida no sentido da manutenção da autonomia da pessoa idosa.

Finalizo destacando que o cumprimento dos objetivos desta pesquisa, que eram o de produzir fontes orais, a partir de entrevistas com idosos que participaram do projeto UNAPI/UFPel e a partir disso trazer alguns elementos para discussão, pode contribuir proporcionando alguns subsídios para uma ampliação das reflexões sobre a Educação Matemática para idosos, uma vez que demonstra aos profissionais da área que esta demanda existe, trabalhar matemática com idosos pode sim ser um campo de atuação, bem como pode contribuir para o reconhecimento de tal campo e para um eventual planejamento de atividades.

A partir daqui o que pode ser feito? Este trabalho se encerra aqui, mas, obviamente, esse tema não se encerra, a importância de ouvir os idosos continua. O que se fecha aqui não é o problema, mas o reconhecimento da demanda do ponto de vista dos entrevistados, e a partir desse reconhecimento, pessoas interessadas em trabalhar com idosos podem pensar ou repensar em possibilidades neste sentido. Para a UNAPI/UFPel fica o convite para continuar ouvindo os idosos e pensar como os diversos campos acadêmicos presentes na universidade podem de alguma maneira construir diálogos, uma vez que ficou

posto na fala dos idosos que há muitas possibilidades de discussão, no caso dessa pesquisa, com a matemática em sua relação com uma educação para toda a vida, mas que também poderia representar muitas possibilidades se explorado em diversas outras áreas.

Para encerrar, compartilho um bastidor de uma das entrevistas. Após dar por finalizada a entrevista e já ter parado com a gravação, nas despedidas antes de finalizar a chamada de vídeo uma das participantes falou uma frase que de certa forma recompensou e deu sentido a este trabalho:

“Obrigado por nos dar a oportunidade de falar”.

Referências:

ALBERTI, V. **Manual da História Oral**. (3. ed.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ALBERTI, V. **Manual da História Oral**. São Paulo: Editora FGV, 2004.

ARRUDA, I. E. D. A. **Reflexões sobre o idoso e o programa Universidade da Terceira Idade**. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p.94-113, jul./dez. 2007.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8842 de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em: 15 mai. 2021.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB 11/2000**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf. Acesso em: 21 set. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 27 dez. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.632, de 06 de março de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre educação e aprendizagem ao longo da vida. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2018/Lei/L13632.htm. Acesso em: 15 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus Covid-19**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br> / Acesso em: 06 dez. 2020.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. (6ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CACHIONI, M. **Universidades da terceira idade: das origens à experiência brasileira**. In: NERI, A. L. (Org.). Velhice e sociedade. Campinas: Papirus. p. 141-178, 1999.

CACHIONI, M. **Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de Universidades da Terceira Idade**. 2002. 276f. Tese. (Doutorado em Educação: Concentração em Gerontologia) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2002.

CAVALLI, A. S. **A formação permanente de idosos através da Universidade Aberta**. In: MICHELON, F. F.; BANDEIRA, A. R. (Org.). A Extensão Universitária nos 50 Anos da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: Editora UFPel, p. 117-126, 2020.

CIRLETE dos Santos Ferreira. **Entrevista**. Pelotas, 14 jan. 2022.

CLAXTON, G. **O desafio de aprender ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COSTA, J. C.; NUNES, N. N.; ARCHANJO, P. C. V. **A relação professor/aluno e sua influência no processo de ensino e aprendizagem de matemática no Ensino Fundamental**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, São Paulo/SP, p. 151-166, 2019.

D'ABROSIO, U. **Educação Matemática: Da teoria à prática**. 23º ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

D'AMBRÓSIO, U. **Por que se ensina Matemática**. Disciplina à distância SBEM, Disponível em https://www.academia.edu/download/51494584/D_Ambrosio.pdf, 2013.

FAURE, E. et al. Learning to be: **The world of education today and tomorrow**. Unesco, 1973.

FREIRE, P., **Educação como prática de liberdade**. 11 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

FREIRE, P., **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, S. A. **Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico**. In E por falar em boa velhice. Campinas, SP: Papirus, 2000.

GOHN, M. G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Revista Ensaio-Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro/RJ, v. 14, n. 50, p. 11-25, 2006.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e o papel do educador (a) social**. Revista Meta: Avaliação, Rio de Janeiro/RJ, v. 1, n. 1, p. 28-43, 2009.

GUEDES, N. M. e Vahl, I. A. C. **O despertar de uma força: Experiência da Universidade Federal de Santa Catarina com a população idosa**. In: A

população idosa no Brasil. I Seminário Nacional de Especialistas Multidisciplinares em 3ª Idade. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. 1992.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050** - revisão 2004. Portal do IBGE, Rio de Janeiro, out. 2004. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Projecao_da_Populacao/Revisao_2004.../metodologia.pdf. Acesso em: 20 dez. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação 2019**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/> Acesso em: 20 dez. 2019.

IVETE de Souza Mascarenhas. **Entrevista**. Pelotas, 21 dez. 2021.

JOÃO Carlos Braga Jantzen. **Entrevista**. Pelotas, 20 dez. 2021.

JOÃO Pereira da Silva Filho. **Entrevista**. Pelotas, 08 fev. 2021.

LARA, I. C. M. **Histórias de um “lobo mau”: a matemática no vestibular da UFRGS**. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

LEITE NETO, G. O. **Epidemiologia da terceira idade em Pelotas - RS**. A Terceira Idade, São Paulo/SP, Ano V, n. 7, p. 20-44, jun. 1993.

LIMA, L. F. **Conversas sobre matemática com pessoas idosas viabilizadas por uma ação de extensão universitária**. 2015. 186 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2015.

LIMA, L. F.; PENTEADO, M. G.; SILVA, G. H. G. D. **Há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender: como e por que educação matemática na terceira idade?**. Bolema: Boletim de Educação Matemática, Rio Claro/SP, v. 33, n. 65, p. 1331-1356, dez. 2019.

MANGUEIRA, R. T. S. **Matemática no Cotidiano de Pessoas Idosas (PIs): memórias, saberes e práticas**. 2017. 165f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2017.

MANGUEIRA, R. T. S.; SANTIAGO, Z. M. D. A. **Matemática E Memória Escolar: Saberes Lembrados E Significados Por Educandos Idosos(as)**. In: XII ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA. 12., 2016, São Paulo. XI ENEM, 2016, p 1-12.

MARQUES, D. T. **Educação de jovens e adultos: uma perspectiva de alfabetização com idosos**. 2009. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009.

NETI. UFSC. **História**. Disponível em: < <https://neti.ufsc.br/historia/>>. Acesso em 15 out. 2021.

NETTO, A. J. **Universidade Aberta para a Maturidade: avaliação crítica de uma avançada proposta educacional e social**. Longevidade: um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, p. 45-61, 2001.

OLIVEIRA, R. C. S.; SCORTEGAGNA, P. A., SILVA, F. O. A. **A educação permanente protagonizada pelo idoso na universidade aberta para a terceira idade/UEPG**. Extensio: Revista Eletrônica de Extensão, Florianópolis/SC, v. 14, n. 27, p. 19-33, 2017.

PADILHA, P. R. **Educar em todos os cantos: reflexões e canções por uma Educação intertranscultural**. São Paulo: Instituto Paulo Freire/Cortez, 2007

PAPALIA, D.; OLDS, S. W., **Desenvolvimento Humano**. Trad. Daniel Bueno. 7ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PEIXOTO, C. **Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade**. Velhice ou terceira idade, v. 2, p. 69-84, Rio de Janeiro: FGV, 1998.

PEREIRA, L.H.F.; KRIPKA, R.M.L.; SPALDING, L.E.S. **Matemática para a inclusão de idosos: estimulando a memória e o raciocínio**. Revista Educação Pública, v. 17, n. 8, Rio de Janeiro/RJ, 2017.

PORTELLI, A. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, A. **História Oral como gênero**. Projeto História: História e Oralidade, São Paulo, n. 22, p. 9-36, jun. 2001.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTO, N. S. G. **O que dizem os Tradutores Intérprete de Libras sobre atuar em disciplinas de matemática no ensino superior**. 2019. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

PREFEITURA DE PELOTAS. **Decreto nº 6.252, de 20 de março de 2020**, Pelotas. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/decreto/2020/625/6252/decreto-n-6252-2020-declara-situacao-de-emergencia-no-municipio>

RIBEIRO, P. R. M. **História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão**. Paidéia (Ribeirão Preto), n. 4, p. 15-30, 1993.

RIO GRANDE DO SUL, Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão, 2019. **Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul**. (4ª ed.). Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/>, Acesso em 20 nov. 2020.

RIOS, D. F. **Memórias de Ex-alunos do Colégio de Aplicação da Bahia: contribuições para a História da Educação Matemática.** Bolema: Boletim de Educação Matemática, v. 30, n. 56, p. 1223-1243, 2016.

RODRIGUES, L. S.; SOARES, G. A. **Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea.** Revista Ágora, Vitória, n.4, 2006, p. 1-29.

RODRIGUES, M. B. F. (Org.). **Exercícios de indiciário.** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, Rumos da história; v. 6, 93 p., 2006.

ROSA Maria de Almeida Reis. **Entrevista.** Pelotas, 20 dez. 2021.

SANTOS, J. J. C. **Memórias da tabuada em narrativas intergeracionais: Temporalizando saberes, repensando a prática docente.** 2018. 93f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2018.

SCAGION, M. P. **Representações sociais de pessoas idosas sobre matemática.** 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2018.

SERASA, **Quais taxas de empréstimo podem ser cobradas?.** Disponível em: <https://www.serasa.com.br/ensina/seu-credito/quais-as-taxas-de-emprestimo/>, acesso em: 06 jun. 2022.

STANO, R. C. M. T. **Espaço escolar: um tempo de ser-na-velhice.** In: KACHAR, V. Longevidade: um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, p. 155-168, 2001.

THOMPSON, P. R. **A voz do passado: história oral.** 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VALENTE, J. A. **Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade.** Longevidade: um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, p. 27-44, 2001.

VELHO, E. M. H.; DE LARA, I. C. M. **O saber matemático na vida cotidiana: um enfoque etnomatemático.** Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v. 4, n. 2, p. 3-30, Florianópolis/SC, 2011.

VERAS, R. P.; CAMARGO JR, K. R. **Idosos e universidade: parceria para a qualidade de vida.** In: VERAS, R. P. (Org.). Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro/RJ: Relume-Dumará, p. 11-28, 1995.

UFPEL COVID-19. **Comitê UFPel Covid-19.** Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/covid19/boletim-diario/>

UFPEL. **Universidade Aberta à Terceira Idade – UNATI-UFPel: Projeto Pedagógico.** Pelotas, 24 p., 2016. Disponível em processo físico nº 23110.005644/2016-18 da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel.

UFPEL. Portal Institucional. **Universidade Aberta Para Idosos.** Pelotas, 2020. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u692>, Acesso em 19 dez. 2020.

Apêndices

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Apêndice 2 – Roteiro da entrevista

Apêndice 3 – Transcrições das entrevistas

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da carteira de identidade nº _____, Órgão Expedidor _____, CPF nº _____, residente e domiciliado à rua _____, estou esclarecido sobre a pesquisa de mestrado que participei e autorizo o uso, de forma gratuita e espontânea, da entrevista de caráter histórico que prestei ao pesquisador Mateus Schmeckel Mota, em Pelotas, ficando, conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, a mencionada entrevista anexa, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso a mesma para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e identificação de fonte e autor.

Opção 1 - Autorizo que quando publicada em trabalhos científicos e acadêmicos a referida entrevista concedida por mim, expresse o meu nome como entrevistado.

Assinatura _____

Opção 2 - Desejo que na referida entrevista concedida por mim, meu nome seja omitido, sendo substituído por “ _____ ” para que a mesma possa ser utilizada em trabalhos científicos e acadêmicos.

Assinatura _____

Pelotas, dia _____ /mês _____ /ano _____

Assinatura _____

Apêndice 2 – Roteiro da Entrevista

Entrevistador: _____

Entrevistado(a): _____

Local / Plataforma utilizada: _____

Data: _____ Hora de início: _____ Tempo da entrevista: _____

Roteiro

Tópicos que se pretende abordar:

- Sobre o entrevistado (idade, formação ou escolaridade)
- UNAPI (experiências e motivação)
- Matemática (relação, utilizações práticas, necessidades, dificuldades ou facilidades)

Perguntas:

- Me fale um pouco sobre você (nome, idade, naturalidade)
- Me conte como foi a sua experiência na UNAPI, em que atividades participou (o que o entrevistado quiser contar)
- Como foi voltar à sala de aula?
- Qual foi a motivação para participar no projeto UNAPI? Me conte como surgiu o interesse.
- Como ficou sabendo...
- Além da UNAPI, você conhece outras iniciativas direcionadas ao público idoso?
- Das atividades que você participa ou participou, alguma se aproxima das aprendizagens do tempo da escola, especialmente com a Matemática?
- Qual sua relação com Matemática hoje? (Matemática do dia a dia / relações comerciais)
- Você consegue identificar a Matemática envolvida de alguma forma nas atividades do seu cotidiano?
- Desses temas relacionados à Matemática. Tem alguma coisa que você gostaria que fosse oferecido por projetos tipo a UNAPI?

Apêndice 3 – Transcrições das entrevistas

- João Pereira (p. 1 – 12)
- Rosa (p. 1 – 6)
- João Carlos (p. 1 – 11)
- Ivete (p. 1 – 9)
- Cirlete (p. 1 – 7)

Transcrição da Entrevista com João Pereira

Entrevistador: Mateus Mota

Local / Plataforma utilizada: Google Meet

Data: 08/02/2021

Hora de início: 14h

Tempo da entrevista: 45 minutos

Mateus: Por favor, se apresente, conte um pouco sobre você e sobre a participação na UNAPI

João: Eu sou o João Pereira da Silva Filho, nascido em Rio Pardo no Rio Grande do Sul, tenho 71 anos, nasci no dia 4 de outubro de 1949, sou filho de Maria Correia da Silva e João Pereira da Silva, levo o mesmo nome do meu pai.

Acho que até já posso falar direto, a minha entrada na UNAPI deu-se quando eu tive uma perda muito desagradável, foi minha esposa, tínhamos 50 anos de casados e ela veio a falecer de um câncer. E daí eu fiquei traumatizado... perdi o chão, mas graças a Deus recuperei, graças à UNAPI. Na época a minha filha me inscreveu no curso de literatura, eu sempre gostei muito de escrever, e daí eu vim para a UNAPI, junto com um pessoal da professora Cristina Rosa, (uma sábia), uma escritora, professora da universidade e parece que agora está se aposentando. Então ela e a equipe dela, começou um curso com mais ou menos umas 30 pessoas, eu não me lembro bem, lá em 2018, e eu era o único homem do grupo, hoje somos dois, mas eu era o único homem do grupo, o restante eram mulheres. Eu inicialmente me achei meio estranho porque a gente é assim mesmo, a gente se acha discriminado, não sei... eu não me senti discriminado, graças a Deus, me receberam muito bem, e assim começou.

Em seguida, após as aulas, começamos a fazer reuniões entre o grupo, a professora Cristina separava por grupos, então começamos esse trabalho de grupo, eu me lembro que ali começou até um romance, eu estava viúvo mesmo, eu buscava arrumar uma vida nova né, sei lá, não era na UNAPI, com certeza a UNAPI não era para isto, mas eu achei ali uma bela criatura, não vou citar o nome, mas não deu em nada porque eu não estava preparando para isso, eu estava lá era pra me recompor depois daquele pandemônio, daquele tsunami que passou na minha vida.

Então, falando agora mais sobre a UNAPI... sabe que para mim foi tão útil, tão útil e é tão útil a UNAPI, que na época era UNATI, que ela ajuda as pessoas, talvez nem seja esse o objetivo, mas, ajuda as pessoas a se reencontrarem, os idosos, pessoas lá que conversam e depois vão se conhecendo aos poucos, mas a ideia era nós irmos nos completando com o que a professora nos apresentava. A professora lia o texto pra nós e a gente tinha que interpretar à nossa maneira e reescrever aquele conto, então foi por aí que a gente começou a se descobrir, mas tudo começou numa reunião depois, um chazinho, era costume nosso, era costume da professora Cris fazer um chá depois da aula e daí ela pediu opinião e eu dei minha opinião: Professora, eu quero escrever, eu quero aprender a técnica de escrever. Ler eu sei, e sei que precisamos ler bastante, mas eu sempre tive vontade de escrever um livro, mas, eu tenho algumas coisas na memória e eu posso passar para o papel. E ela disse assim: - *Ah! boa sugestão!* E já a partir daquele dia, começamos a cuidar mais disso aí e a minha sugestão valeu, porque nós estávamos lendo, o objetivo era leitura, era promover a leitura nos idosos da UNAPI, que é a Universidade para a terceira idade.

Fomos assim crescendo no curso, juntamente com a professora que era uma pessoa maravilhosa, sabe muito de literatura, ela lê muito, ela foi nos passando aquilo e aquilo foi contaminando, mexendo com a gente, a ponto de as pessoas começarem a colocar para fora o que tinham de vontade de escrever, enfim... resultado, hoje eu tenho o meu primeiro livro, que foi editado pela professora que ajudou muito nesse trabalho.

Então esse apoio da UNAPI para a terceira idade é muito importante porque às vezes, eu já vi, infelizmente as pessoas precisam trabalhar e precisam colocar os seus pais em algum lugar, não pode deixar sozinho em casa, e acaba por coloca-los na casa de saúde geriátrica, uma coisa assim... e nenhum velhinho gosta de parar nesses lugares... a maioria não gosta, mas acaba indo por necessidade e nós já estamos indo para essa situação... eu aqui com 71 anos... ninguém aqui quer ser eterno... nós não somos eternos!

É nesse momento que entra a UNAPI... ela coloca vida no idoso, ela objetiva a pessoa a aprimorar aquilo que ela tem dentro de si. Uns gostam de escrever, outros gostam de ler, então ela motiva, a UNAPI é incrível como ela motiva as pessoas. Eu tô falando de literatura, mas também eu fiz na UNAPI inglês, um semestre de inglês, aquele inglês prático para viagem né, eu não sabia muito,

realmente eu não tinha nada de inglês, mais era mesmo ler algum nome de música, mas lá eu aprendi bastante. Também eu fiz outro curso, foi de patrimônio, excelente também. Depois “cérebro em desenvolvimento”, outro excelente curso, só parei porque não dava para absorver tudo, porque na verdade eu além da UNAPI, da literatura, que eu me dediquei com todo meu ardor, minha vontade, eu pratico “câmbio”¹⁸ que é da Prefeitura, é outra coisa, não tem nada a ver com a UNAPI, apenas estou dizendo para ti, porque isso aí é que faz as pessoas se motivarem em caminhar. Então juntamente com a UNAPI eu fiz várias coisas... Graças a Deus, pois eu não participava de nada disso.

Eu acho que a UNAPI me guindou, me incentivou a procurar alternativas de vida... porque as pessoas não podem ficar “socadas” dentro de casa, sentadas no sofá vendo televisão... Isso envelhece... Isso enruga... e o pior não é enrugar o rosto, é enrugar a alma... Eu, graças a Deus, através da UNAPI, sem nenhum “puxa-saquismo” aqui, é uma coisa muito séria e sincera o que eu estou dizendo, porque a partir daí eu parti para a prática, através do Centro Espírita e eu comecei a desenvolver outras coisas, entende? Eu pertenço ao coral, estou cantando, vou para o meu notebook e escrevo, sempre que posso, tenho alguns contos já preparados para quem sabe um próximo livro.

Recapitulando, eu acho que a UNAPI é assim, uma luz para o idoso, é o reconhecimento da universidade, nesses cursos de extensão, colocando professores maravilhosos à disposição dos idosos, que não são tão velhos assim... apesar de que nós tínhamos lá pessoas com 80, 90 anos, e a partir dos 60 a gente já pode se inscrever nos cursos da UNAPI.

Agora, eu deixo um pouco pra ti, meu amigo, porque eu acho que já falei demais.

Mateus: Seu João, uma questão aqui. Você falou que quem lhe inscreveu foi a sua filha. O sr. pode contar melhor como foi esse processo?

João: Sim. Era um momento traumatizante, eu havia perdido a minha esposa, nós estávamos às vésperas de fazer 50 anos (de casamento), já havia até um projeto da festa, já tínhamos até uma lista de convidados, mas, infelizmente, cinco meses antes ela começou a sentir alguma coisa, nunca havia tido nada, e

¹⁸O câmbio é um jogo de voleibol adaptado para os idosos que faz uso da quadra e bola de vôlei. Para saber mais acesse: <http://www.maiorde60.com.br/site/index.php/lazer/376-jogo-de-cambio-otimo-opcao-para-fazer-amigos-2>

aí deu um câncer, assim... mortal, e levou ela... E foi traumatizante, por que era uma excelente pessoa, era aquele tipo de pessoa que tu escolhes para viver a vida inteira. Eu não estava preparado para isso e nem a minha família, mas eles foram valentes, mais valentes do que eu. Eu me lembro de olhar para o teto e chorar, e chorar, e quando parava de chorar, chorava mais porque não dá para explicar esse tipo de coisa.

Aí um dia minha filha disse “Pai, vamos parar com isso aí! A mãe precisa descansar”, nós temos um pensamento espírita sobre a vida, que a vida pós morte ela segue, a vida é eterna... então, o espírito dela precisava descansar. E ela (filha) falou “Pai, tu estás atrapalhando, vamos fazer alguma coisa. Eu descobri na Universidade Federal de Pelotas, um curso que tu podes fazer, lá tem tudo que tu possas imaginar e algumas coisas que tu vais gostar muito. Posso te inscrever? ”, “Claro, me inscreva filha! ” Me inscreveu e eu fui. O primeiro dia nunca vou esquecer. Eram entre vinte e trinta mulheres, me lembro do rosto de cada uma delas. Eu entrei na sala e a Cristina disse “Ó! Temos um varão entre as mulheres”.

Mateus: Seu João, caiu a conexão um pouquinho e eu não pude compreender essa última parte.

Mateus: Mas, me chamou atenção que você me falou que era o único homem da turma. A o que o sr. atribui isso? Poderia me falar um pouco mais?

João: É o seguinte, eu tenho uma visão sobre isso aí. O homem, a gente sabe muito bem né Mateus, que o homem ainda não evoluiu muito nessa parte, é um machista, na sua maioria. Inclusive, infelizmente em alguns países, as mulheres ainda andam atrás dos homens, os homens caminham na frente e as mulheres atrás. Felizmente, no Brasil, já não acontece muito e está evoluindo cada vez mais, as mulheres estão ocupando cargos, estão mostrando seu crescimento, que sempre teve. Porque ela “bota” o homem no mundo e o homem depois coloca ela em segundo plano, entendeu.

Eu penso ao contrário, eu acho que quem não se valoriza é o homem quando não vai, quando não se inscreve. A faculdade não discrimina, nem a UNAPI, não discrimina ninguém, as inscrições estão lá, por ordem de chegada. Não vai poder colocar a metade da população num curso grátis né, eu acho que os homens não se escrevem, ou por machismo, ou acanhamento por participar entre as mulheres e por cursos por exemplo assim, tem curso lá de bordado também. Aí

eu te pergunto, por que o homem não pode fazer bordado? Vai cair alguma coisa? Vai atingir a moral dele? Não! É que nós ainda estamos caminhando nesse passo lento de entendimento sobre o que podemos fazer e dividir com as nossas mulheres.

Eu penso que a mulher não só gera o homem, ela dá oportunidade a ele, depois ele acha que ela pode ir para cozinha lavar louça. Não! A mulher não é só para lavar louça, não é só para ter filhos, ela é também para gerir, ela tem que ter a participação dela, mostrar também o que ela sabe fazer. O homem, ao contrário, tenta, infelizmente com sua ignorância, ainda podar essas coisas. E ele não participando, continua aquela discriminação. Eu não me sinto melhor do que ninguém, eu me sinto muito bem participando com elas, são todas minhas amigas, eu vou lá e convivo com elas de igual pra igual. Sendo que, eu sempre acho que a mulher sempre soma e nós homens não entendemos, não estamos ainda ao nível de entender isso daí.

Mateus: Seu João, e como foi voltar à sala de aula?

João: Foi muito interessante! Até vou contar uma historinha, se tu quiser depois tu corta. Nos primeiros dias de aula, sabe que em uma sala de aula sempre existem pessoas diferentes, todos são diferentes, outro nível social, eu por exemplo sou um radialista aposentado, trabalhei durante 35 anos de carteira assinada, sem nunca ficar desempregado, eu saía de um emprego e entrava em outro. Eu fui operador de áudio, fui o primeiro operador de áudio da TV Tuiuti, que hoje é RBS TV, trabalhei 11 anos na Rádio Guaíba. Isso aí, (essa experiência) me ajudou a entender mais sobre o ser humano... E na sala de aula, no convívio com as pessoas tu vai descobrindo, aquele ali me olha diferente, aquele é diferente, mas isso é coisa da gente mesmo, nós é que vemos assim. Nos primeiros dias eu lembro que surgiu o assunto que o idoso às vezes que sente uma criança, entende. Ai alguém pegou e disse assim “Eu acho que é bom a gente se sentir criança” nisso alguém “pulou” e disse “Não! Eu não sou criança e não admito que me chamem de criança! ”. Bom, mas não vem ao caso esse atrito, de resto era assim, nossas aulas foram crescendo, de maneira que existia um entendimento entre as pessoas. Até que nem houve choque, foi só o primeiro dia que eu me achei estranho, como homem, me achei estranho numa sala repleta de mulheres. Eu não queria destaque, mas acabava sendo destacado

porque era o único homem. Diziam “Professora, essa pergunta a senhora pode fazer para o João” davam risada, a gente convivia numa boa.

Eu acho que é muito importante esse primeiro dia, sabe. Tu parece assim que está vivendo novamente, tu começa um novo caminho, uma nova caminhada, e eu me senti estranho, não vou negar, com meu caderno e lápis na mão eu disse assim “*O que eu tô fazendo aqui, tantos anos depois? Com 71 anos*”. Aí comecei a me lembrar lá de Cachoeira do Sul, do “Cândida Fortes”, é um colégio que eu estudei, o primeiro colégio que eu estudei, “João Neves da Fontoura”, do “Monte das Tabocas” de Venâncio Aires e do “Colégio Pelotense” aqui em Pelotas. Eu comecei a lembrar e aquilo revitalizou na minha mente, aqueles dias, entende? Mexe com a memória da gente, mas eu fui me adaptando a isso ai, adorei! Até hoje, eu sinto uma saudade incrível do grupo por a gente não poder se reunir por causa dessa Pandemia né, mas a gente mantém ainda um grupo na internet, de vez em quando conversamos, porque é muito importante esse convívio, não só com os seres humanos, mas pela atividade em si que a UNAPI promove.

Mateus: Das atividades que você participou na UNAPI, tem alguma coisa que se aproxima com a época da escola? Especialmente com matemática, alguma coisa tem a ver com tempo da escola?

João: Ah, eu lembrava! Eu lembrava mesmo, eu sou do tempo da tabuada né. E naquele tempo, em 1957, era a primeira coisa que tinha que se levar, como se fosse uma Bíblia, era a tabuada. A tabuada era “tomada” diariamente nas aulas, aquilo vai entrando na cabeça da pessoa né, a matemática, eu nunca mais esqueci que nove vezes nove é oitenta e um, e assim vai. Tem pessoas que talvez hoje, estudando hoje, vai ficar fazendo conta de cabeça ainda. Mas foi tão importante naquela época, a tabuada, e eu fiquei pensando assim sabe, todas as vezes que a professora falava, que eu voltei no tempo, a gente volta no tempo, por causa da memória.

Muito bom! Agora que tu “puxou” esse assunto, é bom por que aviva a nossa memória, num momento e essa doença do Alzheimer, que as pessoas hoje em dia estão sofrendo muito, que esquece até os próprios filhos, esquece o pai, esquece tudo, bloqueia. A UNAPI é de grande serventia nesse momento. Isso com certeza evita doenças, como essa, por exemplo, o Alzheimer¹⁹, por que

¹⁹Na doença de **Alzheimer**, as células cerebrais degeneram e morrem, causando um declínio constante na memória e na função mental.

mostra tua memória, tu vai lá atrás, olha quantos anos eu voltei pra trás, mais de sessenta anos eu voltei pra trás sentando no banco.

A nossa primeira aula, eu vou te dizer, foi ali no Museu do Doce, ali na Praça Coronel Pedro Osório, foi muito bom aquele tempo ali, entende. Nossa sala era embaixo, no porão, ali antigamente foi também o QG do exército, hoje é um casarão transformado pela cultura em um museu, Museu do Doce. Eu acho que em alguns momentos ali eu me senti melhor, entendeu, mas isso é uma questão de adaptação.

Depois fomos saltando “de galho em galho”, fomos ali para onde era o “Colégio Diocesano”, na Barroso²⁰, depois fomos para a universidade mesmo, ali na Barroso, no Campus II, o que aliás me chocou no primeiro dia que entrei ali, porque os tempos mudaram, hoje em dia os costumes são diferentes, as pessoas escrevem nas paredes, e ver aquilo ali me chateou bastante. Quando entrei no primeiro dia vi um sofá rasgado na entrada e o pessoal sentado ali naquele sofá horrível, mas aquilo ali passou, aquilo é uma coisa física, eu estava lá pra continuar com meu ensinamento, depois passou, e os meninos que ali estudam não estão nem aí, se sentam ali.

Bom, então eu entrei também numa de aluno, hoje eu sou um aluno, eu cheguei a me sentir um aluno da universidade, até cheguei a pensar em retomar meu estudo, ver qual é a possibilidade de ver meu currículo lá no Colégio Pelotense e ver o que eu posso fazer, quem sabe fazer outro curso, retornar, 71 anos para mim não é nada, eu acho que a gente vive até o último suspiro, então até o último suspiro a gente pode estudar, não acha?

Mateus: Claro!

Mateus: Seu João, vamos entrar um pouco mais no assunto da Matemática. Qual seria a sua relação com matemática hoje? Você consegue identificar a Matemática envolvida de alguma forma nas atividades do seu cotidiano?

João: Sim! Posso. Antes de tudo, acho que é muito importante dizer que ninguém nasce Pitágoras né, a gente sabe disso, que era um gênio lá quatrocentos anos antes de Cristo, imagina, nem Cristo era nascido e o gênio já estava ali fazendo matemática, aritmética, sei lá.

²⁰Rua Almirante Barroso, bairro centro, Pelotas, RS.

Eu acho que o mundo não vive sem matemática, pode ter calculadora, mas, se o cara tiver no meio do nada, no meio do campo e tiver que fazer uma conta, alguém diz para ele “Olha eu tô colocando aí 200 cabeças de gado tá, vai sair ‘tanto’ a cabeça” e agora? Se o cara ali não tem uma calculadora, não tem celular, esqueceu o celular em casa. Ele vai ter que usar a memória dele, usar o que ele sabe de matemática. Então matemática é tão ou mais importante que todas as matérias que o mundo precisa, que o mundo exige. Eu basicamente, vou ser bem sincero, eu nunca gostei da matemática porque, sabe aquela mente meio devagar, meio tartaruga, então eu não gostava da matemática por causa disso porquê que ela exigia muito.

Eu nunca vou esquecer a minha professora de matemática, lá em Cachoeira do Sul, a professora Leda, ela era terrível, ela ensinava matemática, Deus do céu... brava... Ela pegava a régua e vinha assim “João, me diz aí... [fazendo referência ao exercício passado no quadro]” e eu demorava, e ela perguntava por quê? e eu falava “Professora, eu sempre tive esse problema com a matemática”, Mas graças a ela, hoje muito do que eu sei foi ela que me ensinou.

A matemática, ela ajuda o cérebro, ajuda o cérebro a funcionar, a matemática abrange tudo que a gente possa imaginar. Ninguém vai no banco sem saber quanto vai retirar e para quê vai retirar, onde vai gastar e quanto de juros vai pagar, isso é importante. A pessoa precisa saber quanto que é o juro, quanto custa o dólar, isso é matemática, matemática do dia a dia, que eu aplico, é muito pouco, eu sei pouco. Não me pede pra falar sobre álgebra que eu não vou ter o que falar contigo. Eu ainda acho que tudo começa no $1+1$, mas não é só isso, precisamos saber mais de matemática.

Eu não me lembro bem se tem algum curso de matemática na UNAPI, mas deveria ter, porque é muito importante a matemática, eu tenho carências de matemática. Não sou analfabeto em matemática, eu sei fazer todas as operações, mas isso não basta, a matemática é ampla, ela é aplicada no dia a dia, em tudo que se faz. É aí que tu faz economia, que tu aplica o teu dinheiro, hoje em dia o mundo é matemático, o mundo exige matemática porque assim vive a humanidade, que já foi de trocas um dia, mas que hoje é dinheiro.

Mateus: Por falar em dinheiro. E quanto aos empréstimos consignados?

João: Sim, outra coisa são os empréstimos, eu te diria que aquilo é o famoso “pega ratão”. Eles te oferecem agora, diariamente oferecem. Eu também, sendo

sincero, como todo aposentado já entrei no empréstimo. Tu precisa, para ajudar um filho, tu precisa para comprar um carro novo, trocar de carro, no dia a dia a gente precisa de dinheiro, desde ir no mercado buscar pão até buscar um novo carro, né, bem assim.

Eu também entrei nessa e vou te dizer uma coisa, realmente a maioria dos aposentados entram, não sabem o que estão fazendo, hoje mesmo, eu recebo 70% do meu salário, poderia receber 100%, então, além do que a inflação come diariamente eu pago 30% para as instituições financeiras.

Aí a coisa aperta né, vai apertando cada vez mais e tu não fez aquela conta necessária, tu não estudou o contrato, porque eles passam o contrato pra ti e dizem “assina aqui”, no banco é assim. Olha, em letra miudinha tu vai levar uma hora pra conseguir ler e tá cheio de pessoas para ser atendida ali, aquele atendente quer que tu assine rápido porque lá tem outros entrando para fazer empréstimo e ele tem que atender.

Graças a Deus tô terminando em 2022, tô terminando todos. Vou inclusive no INSS, pedir que bloqueie meus empréstimos, nem para mim eu quero mais, porque tu consegue um empréstimo de cinco mil e na verdade vai pagar trinta mil, só de juros tu paga uns vinte e cinco mil. Então, não é justo isso, é injustiça tu não saber. Se tu souber fazer uma conta é bem provável tu não vá entrar nessa!

Vamos analisar né, hoje os idosos, na minha idade 71 anos, eu nasci em 1949, não tinha essa tecnologia, a tecnologia foi avançando, a própria matemática foi evoluindo dentro do que era necessário, as pessoas descobrindo novas maneiras de aplicar juro e não sei o que mais, isso foi crescendo.

Enquanto que os velhinhos, chegam ali no caixa eletrônico e tem que perguntar para alguém, porquê? Eles têm que ir fazer atestado de vida, chegam ali e não lembram nem a senha. Como é que uma pessoa vai assinar o nome fazendo empréstimo se não lembra nem da senha na hora do retirar o dinheiro no caixa eletrônico? Então, realmente o idoso hoje tem que se cuidar muito desses “pega ratão” entende, que realmente tira o dinheiro dele, tira o que ele pode comprar com que ele ganha.

Mateus: Desses temas relacionados à Matemática. Tem alguma coisa que você gostaria que fosse oferecido por projetos tipo a UNAPI?

João: Eu acho que tinha que avançar um pouquinho mais, puxar pela memória ou puxar no aprendizado do idoso o que ele não sabe. Eu juro pra ti, eu gostaria de saber mais sobre raiz quadrada, que é uma coisa que ficou lá atrás, entende, não adianta o $1+1$, saber o que que é juro e o que não é. Eu acho que esse tipo de coisa assim, “cálculos matemáticos” eu acho que deveria ter uma matéria de matemática dentro da UNAPI.

Tem outras coisas também né que a gente acrescentaria, mas eu acho que a UNAPI tá cumprindo o objetivo dela. Só essa pesquisa já mostra o interesse da UNAPI em servir ao ser humano que nasceu antes desse tempo, entendeu.

Aquela matéria do cérebro em desenvolvimento eu assistia só que, infelizmente, a minha prioridade era literatura e eu não tinha mais como ir a essa aula porque era difícil manter o horário para mim e eu tive que optar, um ou outro, e eu gostava mais da literatura. Mas aquilo era uma coisa complexa, a sala estava cheia de pessoas, entende. Eu acho que teve um dia que eu vi lá e tinha mais de 30 pessoas assistindo o curso da UNAPI, do cérebro em desenvolvimento, as pessoas querem saber o que vai lá dentro (do cérebro), o que tem lá dentro, como é que a gente raciocina, de onde sai o raciocínio, entende. Então isso é muito importante.

O idoso, ele quer saber coisas que ele não aprendeu no passado ou deixou passar, foi uma aula que ele não foi, que ele matou, a UNAPI vai reavivar isso daí!

Mateus: Deixando um pouco de lado aquela matemática da escola e pensando sobre as necessidades atuais, dessa fase da vida. Tem alguma coisa de matemática que poderia ajudar?

João: Tem a questão do banco, pra o idoso entrar no banco precisa agendar, só que a gente acaba dependendo dos outros pra isso, porque é pelo celular. É muita burocracia... tem que ir lá fazer prova de vida... Essa evolução da tecnologia nem sempre a gente consegue acompanhar. Tem também a questão da defasagem da aposentadoria, as pessoas se aposentam com um valor e aí tem a inflação, depois de um tempo estão recebendo bem menos do que era quando se aposentou. Poderia ter alguma coisa de economia ou de matemática que ajudasse o idoso com essas coisas.

Mateus: Além da UNAPI, você conhece outras iniciativas ou projetos direcionados para o para idoso?

João: Semelhante não, tem de atividade, por exemplo, a Vida Ativa, da prefeitura municipal de Pelotas, eu faço, tem pessoas com 84 anos praticando câmbio. O câmbio, para quem não sabe, é um esporte criado para o idoso, porque ele é menos violento, ele é tipo “Caçador”, que as pessoas jogavam quando crianças. Então, são dois times, tipo vôlei, sendo que nove pessoas de um lado e nove do outro. Valoriza a mulher né, porque no nosso time, seis são mulheres e três são homens, a regra é essa, lá as mulheres são maioria também, porque assim é a regra do jogo né.

Tem pessoas diariamente pedindo pra entrar no curso, porque é fisicamente, é gratuito e é muito bom, inclusive tem professores que cursaram a educação física na Universidade Federal, e temos vários ainda cursando, fazendo o curso lá e nos dando aula, de aquecimento, de como tratar o corpo. Eu, quando começou essa Pandemia, eu tinha 79kg, hoje eu estou com 98kg, porque paramos o exercício, mesmo fazendo caminhada.

Essa pandemia cria uma certa pausa que te desperta ansiedade, a ansiedade faz tu comer mais. Eu tô com 98kg e preciso perder, eu quero voltar, eu quero fazer meu Câmbio, eu quero estudar a minha literatura, tudo tem o ano todo, o idoso hoje não pode se queixar por estar abandonado, ele tem quem cuide dele nesse sentido.

Só é uma pena que, acho que poderia ser mais amplo, mais inscrições, pois são poucas, é quem chega primeiro e é muito difícil de entrar. Eu fiz plantão, um ano eu fiz plantão durante a noite porque a meia-noite, se não me engano, liberou eu fiquei tentando desde as 11 horas até a uma hora da madrugada tentando e consegui. Para o idoso isso fica bem difícil, mas é uma maneira de selecionar a pessoa que queira aquilo, que gosta daquilo e que esteja necessitando, entendeu. Então eu acho que a UNAPI poderia abrir um pouco mais. Assim, é claro que depende de professores, não pode ter mais de 30 pessoas numa sala de aula, mas as vezes as pessoas têm vontade de ir e não conseguem vaga. Então eu acho que poderia abrir um pouco mais de vagas

Mateus: Seu João, eu terminei todas as minhas perguntas. O sr. pode ficar à vontade se quiser falar mais alguma coisa.

João: Quero agradecer a oportunidade de falar e sugerir alguma coisa. Obrigado a ti por ter me ouvido, por ter me dado essa chance de falar. Abraço meu amigo.

Transcrição da Entrevista com Rosa

Entrevistador: Mateus Mota

Local / Plataforma utilizada: WhatsApp

Data: 20/12/2021

Hora de início: 14h

Tempo da entrevista: 20 minutos

Mateus: Bom... Primeiro de tudo queria lhe agradecer por ter aceitado participar e...

Rosa: Imagina!

Mateus: E eu queria começar perguntando assim, eu queria pedir para você, para a Senhora... Posso chamar de Senhora?

Rosa: De Senhora não precisa, é de tu!

Mateus: Eu queria então pedir para você se apresentar, falar o seu nome, a sua idade...

Rosa: Tá. Eu me chamo Rosa Maria de Almeida Reis, tenho 69 anos, sou aposentada e faço parte do grupo da UNAPI, da Universidade Federal de Pelotas. Eu moro aqui no Laranjal... Uma vida bem tranquila, cheia de cachorros na volta...bordando, lendo, enfim... Essa é a minha vida!

Mateus: Eu queria saber como que foi a sua experiência na UNAPI, quais as atividades que participou e depois eu queria que me contasse como foi que entrou na UNAPI, como que descobriu, como que foi para entrar.

Rosa: Pois foi assim: Eu na internet vi um anúncio, que [hoje], no caso... seria o último dia das inscrições para a UNATI, que antigamente o nome era UNATI, né?! Eu acho que em 2017. Eu não sabia nem do que se tratava, mas fiz a inscrição, fui lá no Anglo né... E fiz a inscrição. Não sabia nem do que se tratava, pra quê que era, nada... Aí eu fui selecionada para fazer "Museologia" e "Bordando a Vida". Tudo bem... Aí começaram as aulas, aí... foi lá no Museu do Doce, com a professora..., ela era na época diretora do Museu, Carla, Professora Carla e a Professora Noris. Então... elas nos davam junto com algumas estagiárias, acho eu, aulas sobre Museologia, foi muito interessante!

Aí, a outra aula... "Bordando a Vida", eu nem imaginava do que seria, e, era uma aula de bordado, com uma professora aposentada pela Universidade Federal,

se propôs a nos dar essa aula de bordado. Ai! Foi um horror! Eu fiquei apavorada porque eu nunca tinha bordado e nem gostava de bordar né..., mas... Eu digo: Bom, já que eu me inscrevi eu vou fazer. E no fim acabou o semestre, eu terminei essa parte da Museologia, do Bordando a Vida, já na expectativa dos trimestres que vem, fazer outras atividades, porque eu gostei muito, era um grupo muito bom, um ambiente maravilhoso, eu me senti muito bem. Eram aulas só nas quartas-feiras, depois no semestre seguinte eu fiz então com a professora Adriana, eu acho que era às segundas-feiras, não lembro o nome do curso. Aí continuamos fazendo grupo de bordados, que já não pertencia mais à UNATI, com a professora Maria Antonieta nas quartas-feiras, então já tinha obrigação de sair segundas e quartas-feiras, ótimo!

No outro semestre então, eu fui selecionada para fazer “Literatura”, com a professora Cristina Maria Rosa, da Universidade Federal de Pelotas. Me apaixonei! A professora era maravilhosa, o grupo era maravilhoso! Eu sou aposentada como professora, mas eu já não sabia nem escrever mais, porque simplesmente eu era aposentada..., não lia, não... enfim... Só na função da casa, dos cachorros, então... foi ótimo, porque eu aprendi novamente a ler, aprendi a gostar e a escrever. Então eu já fazia segundas, quartas e sextas, três dias na semana, cada vez estava ficando melhor... Aí veio a Pandemia né... em 2020, nós íamos começar Literatura e o bordado, mas aí não conseguimos começar. Então nós tivemos aulas... Tô falando muito?

Mateus: Não! Pode continuar, à vontade!

Rosa: Aí a professora Cristina, a professora Adriana, a professora Antonieta se propuseram de nos dar aula online, então a gente tinha aquele compromisso né... Com a professora Adriana... E eu participei de todos, todos os grupos. Chegava dias que tinha até dois grupos e eu participava de todos, porque gostei muito, me adaptei muito bem e fiquei fã número 1, da UNAPI então né!...

Mateus: Legal. Eu vou lhe perguntar o seguinte... é... você me falou que é professora aposentada, mas eu queria perguntar o seguinte: Como que foi voltar para dentro de uma sala de aula como aluna?

Rosa: Ai, foi ótimo! Foi ótimo! Eu me senti uma guria de 17 anos, com certeza, muito bom, foi ótimo! Inclusive, a professora Cristina, por um semestre nos deu aula junto com a turma dela de Pedagogia, das meninas dos rapazes né... Melhor ainda! Foi um entrosamento muito gostoso, muito bom, muito proveitoso. Eu

acho que tanto para nós, idosos, como para eles também jovens né! Porque a gente conseguiu passar muitas experiências para eles. Foi ótimo!

Mateus: Certo. Tu me disseste que ficou sabendo da UNAPI meio por acaso...

Rosa: Sim, Por acaso!

Mateus: Deve ter sido pelo Facebook...

Rosa: Eu acredito que sim... eu sei que já havia um semestre, ou dois semestres, já tinham sido feitos, mas eu só soube em 2017, eu não sabia desses cursos.

Mateus: E o motivo para entrar... Foi para ocupar o tempo livre?

Rosa: Sim. Foi mais para ocupar o tempo livre né! Porque eu sempre trabalhei, desde os 17 anos eu já comecei a trabalhar, eu fazia o magistério e já comecei a dar aula no Colégio Diocesano, antigamente Colégio Diocesano. Então eu sempre trabalhei desde nova. Depois eu saí da parte de ensino, fui trabalhar com o meu ex-marido, nós tínhamos uma loja, uma confecção, enfim... Eu saí totalmente do que eu fazia... mas eu trabalhava sempre! De repente eu me aposentei, por idade, me aposentei por problemas de saúde e me sentia muito inútil, muito inútil.

Mateus: Bom para ocupar a cabeça né.

Rosa: Com certeza!

Mateus: Além da UNAPI, esse tipo de projeto assim, que é na área da educação para o público da terceira idade, para o público idoso, você conhece algum outro projeto? ou só a UNAPI?

Rosa: Eu conheço o da Universidade Católica, eu não sei como é que se chama..., mas eu andei até participando já há bastante tempo antes e... mas eu "não me achei" ali, então eu não terminei, mas eu sei que tem um grupo, tem alguns da Universidade Católica que fazem, no Instituto de Menores né..., eles dão cursos e palestras, mas eu não me adaptei, eu fiquei muito pouco tempo e saí, mas eu sei que existe.

Mateus: Perfeito... Eu queria conversar um pouco sobre matemática... Você já me contou aqui das atividades que você participou, eu queria perguntar se alguma coisa tem a ver, se dá para fazer alguma relação com matemática.

Rosa: Tem, acredito que sim. Até na parte de bordados... que eu bordo muito, eu uso muito a matemática porquê... eu tenho que pensar né... eu tenho que calcular o tamanho do desenho, não sei se seria isso a que estás te referindo?

Mateus: Exatamente isso! Queria saber qual seria a sua relação com a matemática hoje, em quê da sua vida usa matemática?

Rosa: Acho que nessa parte de bordado, eu acho que eu me encontrei muito, sempre fui boa aluna de matemática, sempre gostei da matemática e eu acho que nessa parte do bordado eu uso muito, porque eu tenho que fazer muito cálculo antes de bordar, eu tenho que pegar o tamanho da folha ou do tecido que eu vou usar, tenho que ver o desenho que eu vou fazer, eu tenho que calcular direitinho para não ficar nem para um lado, nem para outro, eu acho que eu uso bastante a matemática nessa parte, na parte de bordar.

Mateus: E outras coisas do dia a dia assim, como relação comercial, banco, essas coisas assim?

Rosa: É, eu faço todos os serviços de banco, isso aí, eu sempre me determinei. Eu faço tudo, só que hoje eu faço tudo online, não é mais como antes, que eu ia pagar as minhas continhas na lotérica, não, agora é tudo online, eu tenho o aplicativo do Banco do Brasil, que é onde eu recebo né... E ali eu faço todas as transações através do aplicativo e me adaptei bem direitinho, no início talvez um pouco difícil, mas me adaptei direitinho, eu faço tudo pela internet, tudo online.

Mateus: E a questão dos empréstimos consignados... a gente sabe que o banco oferece com muita frequência para idosos esses empréstimos, e talvez nem sempre seja uma condição tão boa assim... Eu queria que tu me disseses se tu tens segurança, assim, de pegar e fazer as contas para saber se o banco está oferecendo uma condição boa, ou não, enfim...

Rosa: Então...olha... Segurança eu não tenho quanto a isso né. Porque eu sou muito desconfiada, eu sempre acho que aquilo que tão te oferecendo, que é tudo muito bom, não é bem assim! Mas eu já fiz empréstimo consignado, somente, na agência do Banco do Brasil onde eu tenho conta, eu jamais fiz empréstimo [por telefone], porque durante o dia tu recebe uns 20 telefonemas querendo te tirar os empréstimos do banco, para renegociar, eu nunca fiz isso, não tenho confiança mesmo! Faço no Banco do Brasil, mas sempre com o pé atrás!

Mateus: Uma outra pergunta: Se por acaso fosse oferecido pela UNAPI algum curso de matemática, teria interesse de participar?

Rosa: Ah! Gostaria muito, gostaria muito!

Mateus: Tem alguma ideia de que conteúdo seria interessante de ser abordado?

Rosa: Olha, realmente, assim, não tenho... não sei Mateus o que te dizer, eu não sei.

Mateus: Essa questão da matemática financeira talvez?

Rosa: Talvez, isso! Seria uma boa!

Mateus: Poder calcular juros, percentagem, essas coisas assim...

Rosa: Para a gente ter mais segurança, não é? Seria bom!

Nós fizemos um curso com a professora Adriana também de um palestrante que ela conseguiu, não lembro o nome dele, e era sobre o que a gente posta na internet né... Foi muito interessante... e a gente costuma botar tudo, eu agora já não faço mais né... Se eu vou viajar, se eu vou sair... Não! Eu não faço mais isso porque atrás disso aí pode ter tanta coisa ruim pra nós né! Porque a gente tá feliz e vai contar que vai viajar, mas no fim aquilo ali pode acarretar tantos problemas né. Então, aquilo ali foi muito útil pra mim, essa palestra que nós recebemos, agora eu já penso duas vezes antes de postar alguma coisa.

Mateus: Foi de segurança na internet né? Algo assim...

Rosa: Isso, isso! Uma coisa assim, eu não lembro o nome mas foi mais ou menos isso, foi muito legal!

Mateus: Voltando para a matemática lá dos bordados lá, eu me lembrei agora das formas geométricas e quem tem a ver né? E é uma coisa que sabendo um pouquinho mais pode ajudar no trabalho né?

Rosa: Ajuda bastante, claro que ajuda! Ajuda bastante no trabalho!

Mateus: Dona Rosa, eu venci as minhas perguntas aqui, você fique à vontade, se quiser comentar mais alguma coisa das experiências no projeto...

Rosa: Eu não sei Mateus se eu correspondo à tua expectativa, não sei se eu soube responder o que tu querias me perguntar, mas eu só tenho a dizer que a UNAPI pra mim fez uma diferença muito grande na minha vida. Eu sou uma pessoa muito só, né. Eu só moro com uma das minhas filhas, que trabalham muito, eu vejo muito pouco, eu sou uma pessoa muito sozinha, então a UNAPI pra mim foi muito bom. Eu aprendi a conviver de novo com as pessoas, a participar de grupos, coisa que eu não fazia mais né... A entender cada um, porque cada um tem o seu jeito de ser né, eu não posso querer que as pessoas sejam iguais a mim, então eu aprendi muito a conhecer cada uma das colegas do grupo. Enfim... Eu achei muito bom, eu acho muito bom e espero que comece novamente presencial porque eu já tô louca pra ir!

Mateus: Ah! Esse ano de 2022, se Deus quiser vai ter presencial.

Rosa: Pois é né! Parece que fevereiro, março, vamos ver!

Mateus: Mas era isso mesmo que eu queria saber, além da matemática, eu queria saber a importância da UNAPI na vida das pessoas, no que que ajuda né.

Rosa: Muito Mateus, muito mesmo! Até de escrever né, que a gente..., com a professora Cristina, ela lê algum ponto, e aí ela manda a gente terminar ou a gente..., enfim... Eu comecei a me dar conta que, como eu sabia escrever, que eu não me lembrava mais, eu tenho uma cabeça boa pra escrever né! Eu imagino assim e... saio escrevendo e gosto daquilo que eu faço, então eu acho maravilhoso, eu não gostaria nunca de perder esse contato com a UNAPI.

Mateus: Que legal! Eu acho que tá bem então, muito obrigado de novo por ter aceitado a participar

Rosa: De nada! Foi um prazer! Boa sorte no teu trabalho!

Mateus: Muito obrigado, bom final de ano aí, que tudo corra bem!

Rosa: Ah! Se Deus quiser! Um bom Natal, tudo de bom!

Transcrição da Entrevista com João Carlos

Entrevistador: Mateus Mota

Local / Plataforma utilizada: Google Meet

Data: 20/12/2021

Hora de início: 16h

Tempo da entrevista: 37 minutos

Mateus: Primeiramente, quero lhe agradecer pela disponibilidade de participar dessa pesquisa e eu queria começar pedindo para você se apresentar, falar nome, idade, naturalidade, profissão...

João Carlos: Bom, meu nome é João Carlos Braga Jantzen, eu sou nascido em Pelotas, no dia 31 de março de 1939, portanto, tenho 82 anos. Me formei em Agronomia em 1963, trabalhei no Ministério da Agricultura até 1993, onde me aposentei, e, depois de formado em Agronomia eu me formei em Direito em 1988, mas simplesmente como cultura geral, eu nunca exerci a profissão de advogado, simplesmente é um curso muito bom em cultura geral. Bom, eu trabalhei no Ministério da Agricultura, na Embrapa, num período, até 76 e depois passei para o Ministério da Agricultura, onde me aposentei em 93. As datas assim... se quiser mais dados, mais ou menos a base é essa.

Mateus: Não, não precisa ser exato não.

João Carlos: Dentro da Embrapa eu trabalhava na área de pesquisa agropecuária e no Ministério na área de fiscalização. Eu trabalhei na fiscalização do Porto de Rio Grande, ali onde passam os grãos... Toda a mercadoria agrícola que entra e sai do porto a gente tem que examinar, tirar uma amostra e dar um certificado sanitário.

Depois voltei para Pelotas, tive lá um ano e meio, onde a gente fez fiscalização de comércio de adubos, comércio de sementes, comércio de defensivos agrícolas, que o Ministério fazia isso..., parece que agora diminuiu muito, mas como eu me aposentei em 93..., até 93 eu posso falar, depois eu não sei mais como fizeram... A gente não tem ideia, a gente é mais antigo, eu tenho muitas lembranças, depois mudaram tudo, naquela época nem computador tinha, tinha que ser na máquina de escrever mesmo.

Mateus: E como eram essas conferências de fiscalização? Eram planilhas?

João Carlos: É, a gente fiscalizava, chegava, chegava lá, tinha um lote de sementes, por exemplo... mil sacos..., entendeu? Coletava amostras e lavrava um termo de coletas daquela amostra ali, que teve fiscalização, chegava lá, tirou amostra do lote x, y, z..., aquela amostra ia lá pro laboratório de sementes, e lá, se algum daqueles lotes tivesse problema de germinação ou outros problemas, ele, teoricamente, não poderia ser revendido.

Mateus: Que interessante!

João Carlos: A gente fiscalizava depois de pronto o produto assim, arroz, soja etc. e tal..., não na lavoura..., na lavoura eram outros colegas que faziam e ficavam lá... Depois o Ministério terminou também a fiscalização da lavoura, então só ficou a fiscalização direta dos armazéns, do comércio de sementes, o comércio defensivo também, você ia lá, coletava amostras de uma fórmula de adubo, mandava para o laboratório, e, aquelas que não fossem aprovadas teriam que ser recolhidas. Basicamente é isso, eu não vou entrar em detalhes mais... mas se quiser também não tem problema, falo a tarde inteira aqui...

Mateus: Claro... Vamos começar a falar da UNAPI então. Eu gostaria que tu me contasses como que foi a tua participação, a tua experiência na UNAPI, em quais cursos, em quais atividades tu participou?

João Carlos: Na UNAPI eu entrei este ano. Pelo fato de estar em casa com essa Pandemia toda..., eu acabei... resolvi entrar, tanto que eu entrei na UNAPI, da Federal, e entrei na Católica. Uma era às segundas-feiras, a UNAPI, e, a outra era nas quartas. Então eu pude comparar bem as duas, vamos dizer, Universidades da terceira idade, vamos chamar assim.

Mateus: Como é que funciona essa da Universidade Católica, seu João Carlos?

João Carlos: A Universidade Católica, ela fez o seguinte: Ela dividiu em quatro eixos, vamos supor. O primeiro, "os direitos dos idosos", numa quarta-feira, na outra quarta seria o chamado "amadurecimento artístico", que seria mais ou menos contar histórias... Tudo relacionado ao idoso..., e, teve umas ligadas à saúde, vamos dizer, a médica lá falava sobre diabetes, hipertensão..., e o mais interessante eu acho que foi o quarto eixo... tudo às quartas-feiras, cada quarta-feira um assunto. Depois que completava, os quatro assuntos, voltava de novo, mas o mais interessante foi o final, que a gente juntou tudo e fez um trabalho, dividido em grupos. Por exemplo, o meu grupo, eu e outros dez, por aí,

resolvemos fazer um grupo sobre medicamentos para idoso, essa dificuldade que o idoso não conseguir ler... Então a gente fez uma cartilha, chamávamos de cartilha, onde vai procurando os medicamentos, a ordem de tomar etc. e tal... Uma consulta médica, como deveria ser uma consulta médica..., não aquele tipo do SUS, que a gente chega e nem olham para a pessoa... É uma cartilha, que teoricamente vai ser distribuída para as UBSs, mas foi interessante porque a gente pesquisou, etc e tal... Vai na cartilha as fontes, é muito interessante porque houve esse trabalho e tudo feito por teleconferência, nada presencial, a gente não conhece ninguém, é muito interessante...

Já a UNAPI foi um pouco diferente, né. Foi mais assim, palestras localizadas, sem pedir muito a participação dos idosos, coisa que a gente fez nessa cartilha, e, tem outra cartilha também, um outro grupo fez sobre leitura..., são três grupos, então isso é o que eu acho mais interessante de participar. Agora, uma coisa boa da UNAPI foi a..., pena que não foi mais desenvolvido..., oficina, foram as duas palestras sobre cinema, porque cinema para o idoso é uma coisa muito importante né... Todo filme mexe com as emoções e o idoso tem muito de se recordar, então um filme projetado, não foi o caso da UNAPI, mas um filme projetado pode ser comentado, assim, uma hora e meia, duas horas, e afloram muitos sentimentos, é uma ótima maneira de... assim como também a poesia né, a prosa, a leitura..., mas o cinema eu acho que é mais interessante porque é visual.

Mateus: A UNAPI, esse ano, trabalhou com oficinas temáticas, né?

João Carlos: É, mais temáticas. Eu sugeri que aquela moça que eu conheço, não me lembro agora o nome dela, ela fez filme né... eu falei até numa das palestras dela, que ela podia tentar ter um grupo para estudar cinema, a gente vê um filme..., o que que representa? Por que que o filme é escuro e não claro? Entender o cinema..., não o enredo. O enredo tem uma história, enfim, a maioria entende, mas, por exemplo, por que começa a chover no filme? Começa a chover no filme porque vai mudar né. O pessoal, por exemplo, tá depressivo e vai, vamos dizer, ficar eufórico...

Mateus: Claro, tudo tem um porquê...

João Carlos: Eu tô exagerando né! Então, essas técnicas cinematográficas são muito interessantes, eu já dei essa sugestão e seria interessante porque pode-se fazer inclusive, como a gente viu, alguns filmes curtos, através do virtual né.

Mas agora com essas poucas pessoas daria para ver numa tela tranquilamente, um longe do outro não teria problema, talvez no ano que vem... seria uma grande ideia para a UNAPI... o resto é mais sobre poesia... e daí quem não gosta muito de poesia..., fizeram palestras também sobre ervas, talvez mudar um pouco..., mas aí...

Uma coisa importante que eu acho fundamental, obrigatória, que a Federal tem condições, é essa parte de psicologia, de filosofia. Não curso de psicologia, de filosofia, mas ideias, por que que o mundo está assim? pois o idoso tá numa época antiga e agora mudou tudo..., não tem condições dessa parte tecnológica né... Então isso aí podia ser aproveitado muito, a psicologia, o comportamento humano, o comportamento social, entender porque essa diferença entre o idoso, (tô falando em comportamento, não em idade) entre a geração idosa, a geração antiga e os jovens, essa dificuldade de ligação, mesmo com filhos jovens é uma dificuldade, parece que os jovens só pensam no computador, no celular e tal, e, o velho tem outros valores, entendeu? Esses outros valores vão acabando se perdendo no tempo porque, eu, por exemplo, tenho um neto de 21 anos e ele nunca tentou saber, entender da onde que ele veio né... Qual é a genealogia da família, como é que era o telefone..., ele nasceu na era do celular. O telefone era de tecla..., uma série de coisas que vão se perdendo, a não ser que eles vão a um museu etc. Mas, eu acho mais importante é o relacionamento entre gerações, a dificuldade que tem. Às vezes numa família o velho é meio renegado, né, ele não sabe manejar o computador e fica ouvindo os outros e quase não participa né... Quando participa escuta: "Tu é velho, tu é antigo!".

Coisa completamente diferente, dizem que... no Oriente..., principalmente no Japão, que o velho tem muita presença, é muito ouvido, nas tribos também, indígenas né... Tudo que eu tô falando aqui é cultural, a gente só está conversando... ninguém vai querer mudar isso aí assim! Mas é um assunto interessante que a gente não vê muito na mídia.

Mateus: Sim... Eu queria saber como que você ficou sabendo da UNAPI e por que resolveu participar?

João Carlos: Eu fiquei sabendo eu acho que por causa da Adriana, eu faço parte do Conselho do Idoso e a Adriana também faz parte. Eu não sei bem, me parece que ela falou alguma coisa e eu pensei: Vou me interessar... porque a gente aprende muita coisa, muita coisa nova. A gente..., na realidade o sábio é aquele

que sabe que não sabe nada, esse é o verdadeiro sábio. Então, na interação a gente vê, a gente acha que os problemas da gente é que são os piores, e os outros têm problemas muito piores, isso é bom, interage bastante! Eu achei ótima a interação.

Outra coisa interessante também, que eu acho que poderia fazer, é a parte de relacionamento social com os idosos. A gente vê que as pessoas que participam são pessoas tremendamente carentes ou sozinhas, e, esse trabalho em grupo, assim..., formar um grupo da música, sei eu! Ou um coral... Claro, já existe isso, eu sei que já existe, mas isso aí é interessante para unir essas pessoas. As pessoas geralmente são solitárias, umas não têm família, a maioria eu acho que são viúvas, a maioria é mulher, o único homem eu acho que era eu, ou mais um outro. As mulheres, me parece que se abrem mais fácil e tal.

Mateus: No seu caso então foi só essa participação virtual, só pelo computador. Sobre essa parte da interação... Quando é presencial é melhor ainda, porque interage com mais gente, não é mesmo?

João Carlos: É, exatamente... Aí esse virtual tem uma vantagem também, de cada um falar na sua vez, porque se colocar todo mundo junto nós vamos demorar duas horas porque vão querer falar todo mundo ao mesmo tempo. A vantagem virtual é que se respeita o tempo, mais ou menos, as vezes passa uns 5 minutos a mais... Quando chegar no presencial...(risos).

Mateus: – No presencial as aulas são maiores né, tem mais tempo.

João Carlos: São maiores, mas o pessoal quer falar tudo ao mesmo tempo!

Mateus: É, no virtual acho que o máximo que dura uma aula são duas horas. No presencial é uma tarde inteira e não cansa tanto, é bem diferente.

João Carlos: É, mas por exemplo, na parte de informática, eu fiz curso de informática, assim, como idoso, e, claro... eu nunca tinha tocado num computador e a maioria das pessoas também não. Aí quando achavam alguma coisa aí todo mundo chamava o professor, aquela loucura dentro da aula! Aqui! Achei aqui a novela..., achei não sei o que...(risos). Tá bom, não vou me estender mais, vamos para outra pergunta que eu já tô falando demais!

Mateus: Não! Eu tô aqui para ouvir!

Olha só seu João Carlos, eu queria abordar outro assunto..., o senhor falou sobre várias coisas, várias áreas, de vários assuntos que interessam, mas eu quero entrar num assunto específico aqui, que é matemática! Assim... Qual a sua

relação com a matemática hoje? Eu posso imaginar aqui que pela sua profissão, pela sua formação, que o senhor já falou, que tem bastante conhecimento, mas eu queria saber hoje em dia, no dia a dia, o que tem de matemática no seu dia?

João Carlos: Pois é, eu sempre tive esse hábito..., eu tô com 82 anos, como é que eu vou dizer? Assim..., de... fazer tipo um orçamento entendeu? Anotar os gastos, fazer projeção, sempre gostei de usar a matemática nessa parte, tudo manual, entendeu? Nada de... nunca usei o computador e aquilo, inclusive, me serve como uma distração, entendeu? Gastei tanto hoje, amanhã tem que pagar aquilo..., tipo... tem que tirar daquilo e aplicar naquilo... Uma coisa mais ligada à aplicação de... poucos recursos, essa parte, não seria bem matemática financeira.

Eu, tive matemática durante a Agronomia, era difícil a coisa..., porque era uma matemática que a gente não via..., naquela época era o científico, era... depois vem integral..., derivada..., mas eu fui bem nessa área, depois que eu me formei em agronomia, eu usei muito matemática na estatística né, eu, dentro da agronomia, trabalhei muito com estatística, então a matemática tem muita base com a estatística, então a gente, por exemplo..., um pesquisador fazia uma análise de experimento, vamos supor... ele pegava 10 fórmulas de adubo e queria saber qual era a melhor, então a gente tinha um elemento experimental dividido em parcelas, etc e tal... Dizer estatisticamente que uma parcela deu 100 e a outra deu 90 não quer dizer que a que deu 100 é melhor que a de 90..., é muito interessante porque tira essa ideia do que produz mais... não é bem assim né... Às vezes tu pode ter os mesmos insumos produzindo menos, mas gastando menos também, porque se não, não precisaria experimentar. Vai lançar uma variedade nova, por exemplo, os mesmos extratos culturais, os mesmos adubos, as mesmas sementes, mas uma, geneticamente é melhor do que a outra, então vamos usar, pelo mesmo gasto vamos usar a outra. Então, isso aí é o campo da estatística experimental que a matemática é a base. É muito interessante, porque na estatística experimental se tira teoricamente aquele que o tempo, a chuva, o sol... Então aquele seria, vamos dizer, o rendimento genético daquela variedade, excluindo grandes fatores, então vamos dizer, a variedade X é melhor do que a Y, dentro dos mesmos fatores, mesmo adubo, mesma semente... Não sei se deu para tu entender a minha explicação.

Mateus: Claro, deu sim! Na questão envolvendo o idoso assim... Se um banco te oferece um crédito... desses consignados. Tu te sentes seguro pra analisar uma oferta do banco, de saber se é um bom negócio?

João Carlos: Não, não me sinto. Eu acho, evidentemente, que o crédito..., eu tava tentando descobrir quem é que criou o crédito! Eu descobri que foram os Fenícios que criaram o crédito. E hoje o que move as nações é o crédito, entendeu? Então, quem é que ganha com o crédito? São os bancos! Eu acho que no Brasil, os bancos, deve ser melhor negócio do que petróleo! Se não for melhor... Então eu tenho muita coisa contra banco! Eles exploram demais, demais, demais as pessoas! Aí inventaram esse consignado porquê? Porque é débito em conta, o risco que eles têm é mínimo, porque normalmente as pessoas já... como se diz? São aposentadas, concursadas, ou já têm vínculo com o serviço público, por isso eles baixam a taxa, porque aquele dinheiro é quase certo. Alegando que as taxas de juros são altas porque o risco é muito grande de inadimplência, então, quando eles calculam os juros, eles colocam a inadimplência para pessoa física. Então, vamos dizer, pega um juro de agora..., vamos supor de 8%, é mais..., vamos botar 10%, aí o consignado é 4%, talvez. Alegando que é por causa da inadimplência, mas mesmo 4%, é muito alto ainda! Imagina, 4, com uma inflação de 10%, 4x12, tu vê...! Matemática financeira quanto dá no ano! Isso deve ser recorde mundial né!

Mateus: É, você paga duas, três vezes o valor que você pegou né?

João Carlos: É, você compra um carro financiado, você paga dois carros, você compra um apartamento e paga em anos..., você compra três apartamentos, entendeu? Com a taxa da Caixa Econômica às vezes é mais baixa um pouco e tal..., mas é a maior exploração do ser humano, falando em Brasil..., não vamos falar dos outros países, deve ser igual, mas aqui a gente conhece bem. Esse financiamento bancário, isso é uma coisa... E uma coisa que o Supremo nunca se manifestou sobre isso, na Constituição de 88 eles tentaram fazer 12% e depois foi dito... O Supremo julgou que não poderia constar 12%. Você imagina, 12% ao ano! E hoje o cheque especial tá duzentos e não sei quanto ao ano! Ninguém consegue mudar isso aí. Eu achei que dentro do governo militar eles iam conseguir alterar isso aí, ficaram 21 anos e não conseguiram. Então, eu acho que...

Mateus: Envolve gente poderosa né...

João Carlos: É, muito poderoso e o Congresso não tem essa força para alterar isso aí.

Mateus: Me diz uma coisa, seu João Carlos: Se tivesse, então, um curso de matemática na UNAPI, lhe interessaria participar?

João Carlos: Olha, eu acho que sim, principalmente se for essa parte de matemática financeira... Problemas de aritmética... uma recordação também...

Mateus: Coisas do dia a dia...

João Carlos: Exatamente! É o grande problema! O grande problema da matemática, principalmente a matemática do superior, é que não se via finalidade naquilo..., e, a matemática financeira, que é dada em Administração e Contabilidade, essa é ótima porque a gente tá vendo ali, mas como eu não fiz curso de Administração nem Contabilidade, eu realmente, para mim seria muito útil! Matemática financeira... matemática em geral..., aritmética e tal... Seria sim! Seria uma boa pedida, assim como algumas aulas de Filosofia..., Economia..., aulas assim, palestras, inflação, ah...tema tem muito aí!

Mateus: Seu João Carlos, resgatando um pouco uma conversa anterior lá, tu falou que faz parte do Conselho do Idoso, então eu vou fazer uma pergunta que o senhor deve saber me responder. Projetos tipo a UNAPI, que trabalha com educação para idosos, o que tu me dirias sobre demanda? Tem muita demanda? O que tu poderias falar sobre isso?

João Carlos: Tem muita gente desatendida! Para nós termos uma ideia aqui... são 62.000 idosos em Pelotas, numa população de 320.000, é um número grande... A maioria..., eu não posso falar em maioria, mas grande parte tem só curso primário, por aí...

Mateus: Só me confirma aqui..., é 62.000 sobre 320.000? Bastante!

João Carlos: É muita gente..., então, esse pessoal tem muita carência, educação seria ótimo, a dificuldade é atingir né! Tem que ter um método para atingir, porque não pode... não sei, se pode colocar na mesma sala, determinado nível, mas acho que isso aí dá! Isso é feito na escola normal, não é? Nem todo aluno tem o mesmo nível, mas depois de um tempo nivela. Coisas básicas, fazendo coisas básicas dá, é necessário.

O difícil é conseguir fazer as aulas orientativas e tal, porque o idoso ele é muito disperso..., eu sei por que eu participei de vários grupos, principalmente quando é mulher..., elas dispersam muito, entendeu? Nós tínhamos um curso no Cetres,

que pertencia à Católica e a gente estudava a maturidade, problemas dos idosos, quedas, a sexualidade do idoso, uma série de coisas... Então era dada uma bibliografia, a gente mais ou menos fazia o resumo, chegava lá vamos falar sobre o assunto. Aí uma escrevia, a outra não escrevia e ficava falando em moda, filho, cachorro... entendeu? Então a coisa dispersava muito..., a orientadora também não fazia valer a autoridade, inclusive eu saí! Não é que eu sou melhor do que os outros, mas quando eu vou para uma coisa eu quero que me acrescente em alguma coisa.

Mateus: Talvez o interesse seja mais em socializar do que o próprio conteúdo né?

João Carlos: É, talvez seja isso. Só que a ideia era outra, a ideia era vender o conteúdo, era aprender a se portar durante uma queda e outras coisas mais..., a saúde, atividade física, tudo aquilo todo dia a mídia tá falando, em atividade física! Se a gente vai pela mídia não morre mais né...

Direito dos idosos, que é uma coisa muito importante, que poderiam também fazer. Onde procurar, principalmente a idosa, aí apanha do marido, aí não pode se separar porque não tem renda, aí é aquele problema policial, já tô falando da parte policial... A gente já tentou várias vezes criar uma delegacia para idoso, para que tivessem mais à vontade para contar, mas politicamente não se conseguiu ainda, mas agora conseguiram para mulher, já é um passo, parece que em Pelotas já tem um cartório para mulher... Então essa parte dos direitos, porque o idoso não sabe onde procurar os seus direitos, chega lá na Defensoria Pública tem que convencê-los que aquilo é importante, embora digam na mídia "procurem seu promotor" a gente ainda tem que... entendeu? Eles parecem que não têm assim, muito comprometimento, essa área de atendimento para idoso é muito complicado, é triste. Esse pessoal que estão nas casas geriátricas também..., você veja... teoricamente..., vai a vigilância sanitária olhar a casa, aí outro dia vai o Ministério Público olhar a casa, e nós do Conselho, um grupo, quer também olhar a casa. Aí você imagina..., você é dono de uma casa dessas e todo dia vai alguém lá, e aí eu fiz a sugestão mais básica possível: Juntemos esse pessoal e vai lá tudo junto, ficam 6 horas, a vigilância vê a parte sanitária, o outro lá vê como é que tão sendo... não consegui ainda e acho que nem vou conseguir. Porque cada órgão quer fazer à sua maneira, a ANVISA tem uma norma e ela quer seguir aquela, a promotoria tem outra. Abrem o armário para

ver se o armário tem coisa estragada... olha, eu vou dizer uma coisa..., não tô do lado de ninguém, mas é difícil manter uma casa geriátrica, é até interessante entrevistar esse pessoal... Tem mais ou menos em torno de 60 casas geriátricas em Pelotas, de tudo que é tipo..., bem interessante, eu visitei algumas. Tem classe A, classe B... Ah... e outra coisa também: A maioria do idoso é aposentado. Tem alguns que deixam aquele cartão do INSS e o camarada tira lá a mensalidade e depois... não sei... Isso é coisa mais policial, eu só tô levantando assuntos, que são muitos...

Mateus: Quem gerencia o salário do idoso que tá internado lá é a própria casa?

João Carlos: Tem muito disso... tem de tudo... Isso não vem na mídia, tem que ter denúncia, fazer denúncia, aí tu tens que te identificar... existe a denúncia pelo 160, mas também, às vezes acaba identificando. Eu sou uma pessoa que gostaria de denunciar tudo...

Mateus: Seu João Carlos eu terminei as minhas perguntas aqui, se o senhor quiser falar mais alguma coisa pode ficar à vontade, eu tenho todo tempo disponível. O meu assunto principal aqui é na área da educação mesmo, são esses projetos que trabalham com o idoso e com a educação.

João Carlos: Matemática é educação, relacionamento humano é educação..., xadrez, palavra cruzada, dama... podia ter grupos dessas coisas... eu acho que tem muita ideia, eu sei que é difícil juntar as áreas e fazer um projeto, mas seria interessante.

O grande problema do idoso é o futuro né... tem o alemão aquele... o Alzheimer... que todo mundo tem medo né... e tem técnicas que pelo menos dificultam que ela apareça... pode morrer de outra coisa, mas não morrer de Alzheimer... que realmente é muito triste, principalmente para os familiares.

Mateus: Sim... tem que se manter na ativa né.

João Carlos: Eu dei ideias..., eu gosto da dar ideias..., agora, eu sei que concretizar é difícil, mas alguém tem que começar. Estou à disposição, se quiser conversar.

Mateus: Muito obrigado.

Transcrição da Entrevista com Ivete

Entrevistador: Mateus Mota

Local / Plataforma utilizada: WhatsApp

Data: 21/12/2021

Hora de início: 16h

Tempo da entrevista: 56 minutos

Mateus: Por favor, se apresente, conte um pouco sobre você e sobre a participação na UNAPI

Ivete: Meu nome é Ivete. Eu tenho 64 anos. Moro sozinha, eu tenho um companheiro, a gente já está junto há quatorze anos, mas, metade da semana a gente fica um pouco separado, assim, ele tem a casa dele e eu tenho a minha. E agora eu estou sozinha né, antes a minha mãe morava junto... Bom, isso não é a pergunta só né? Já estou falando da minha vida, desculpa.

Mateus: Imagina. Pode ficar à vontade e falar o que quiser.

Ivete: Bom... é um básico da minha vida. Eu sou aposentada, assalariada né, apertada de dinheiro, endividada, mas eu vou tocando em frente. Eu sou assim... um pouco ansiosa, tu já deves ter percebido. Não consigo ficar assim muito tempo concentrada em uma coisa porque eu não tô sempre fazendo uma coisa e pensando no próximo passo, do que tem pra fazer.

Geralmente cai muitas “bombinhas” assim aqui para mim né... para eu resolver, as coisas de família é tudo eu que tenho que resolver, cai tudo comigo então eu tenho que achar um jeito de resolver as coisas, sempre.

Mateus: Antes de se aposentar, você trabalhava com o quê?

Ivete: Olha, eu comecei a trabalhar em 1977, eu acho, trabalhei como auxiliar de escritório, e agora nos últimos anos, antes de me aposentar, eu trabalhei em supermercados, trabalhei nove anos na rede “Nacional”.

Mateus: No caixa?

Ivete: Não, eu trabalhei em várias funções... Eu me separei, sabe, depois que me separei do meu ex-marido, eu consegui um serviço de segurança de supermercado, e daí foi que eu peguei né... Daí pra frente eu continuei, depois a empresa privatizou este serviço, e eu fiquei como auxiliar de escritório, depois

me mudaram de loja e eu passei para fiscal de caixa, sempre trabalhei nessas funções assim, basicamente nesta área aí. Passei muitos anos dentro do supermercado e me aposentei trabalhando no supermercado.

Antes do supermercado eu trabalhei como auxiliar de escritório um tempo e, trabalhei como recepcionista em um projeto da terceira idade que teve no comércio, nas lojas Colombo, foi um ano mais ou menos que durou o projeto, depois foi encerrado.

Eu sou aquela pessoa assim que fica procurando coisa, que não tem uma formação específica. Eu fiz secretariado depois dos 50 anos, fiz pela Uninter, me formei em secretariado. Mas não foi aquela coisa assim... eu estudei, fiz o segundo grau né, mas primeiro eu segui aquela vida mais tradicional assim... namorar, casar. Foi bem difícil quando eu me separei, tocar a vida em frente com a minha filha pequena, sem apoio nenhum né.

Mateus: Me conta como foi a tua experiência na UNAPI. Em quais atividades participou.

Ivete: Eu entrei na UNAPI... não tenho bem certeza..., mas entrei em 2018, eu entrei na disciplina de “Lazer” e na disciplina de “Raciocínio Lógico”, fiz essas duas disciplinas. Depois, em 2019, eu entrei para “Plantas Medicinais”. Nessa época a minha mãe já estava com 80 anos, né, ela fez 80 anos e depois ela durou mais um ano, até os 81. Eu não tinha muito tempo para sair de casa para participar das aulas, porque eu também participava de outro grupo que é o “Maturidade” do SESC, foi por lá que eu soube da UNAPI, através das colegas lá desse grupo. E eu amei! Adorei. É uma atividade assim que a gente conhece outras pessoas e aprende muita coisa... eu sempre tenho essa opinião de que tu vai para um curso e tu não aprende só o curso né... às vezes tu aprende mais com as outras pessoas. Não mais, mas assim... a gente agrega muito valor, assim, aprende muita coisa no relacionamento, na troca de experiências com outras pessoas.

Mateus: Você disse que ficou sabendo da UNAPI foi pelo projeto do SESC. Poderia me falar como é que é ou como funciona esse projeto do SESC?

Ivete: O SESC, ele tem um grupo de maturidade ativa “Maturidade do SESC”, né... então a gente tinha reuniões, tem ainda, só que de forma online, e agora já reiniciou as atividades presenciais, mas eu moro longe do SESC, fica um pouco complicado assim, eu dependo de condução né e pra ir aqui do Fragata até lá a

Gonçalves Chaves fica meio complicado, tem que caminhar um pouco a pé... então, até eu estou no grupo e tudo, mas participo mais “online”.

O grupo do SESC é... eles têm um grupo de maturidade há bastante tempo, eu comecei depois que eu fiz 60 anos, tem reuniões todas as semanas, eles fazem palestras, fazem atividades de lazer, passeios, de excursão, alguns por ano assim... e toda semana tem uma reunião né, ou palestra, a gente até pode escolher no início do ano né, a nossa orientadora faz um pesquisa para ver o que a gente quer fazer, então a gente dá dicas, dá sugestões né, e é muito bom, foi onde eu comecei esse trabalho em grupo. Ai ali eu conheci colegas que estavam na UNAPI, daí no próximo ano eu me inscrevi e consegui vaga também.

Mateus: Por que entrou para a UNAPI? O que despertou o interesse? Foi para ocupar tempo livre... Interesse nos assuntos...?

Ivete: Não tinha tempo livre... (risos) não tinha, porque era bem complicado assim, cuidar da casa, cuidar da minha mãe, sozinha, ela tinha dificuldade para caminhar e tudo... ela faleceu em 2020...

Mateus: Foi pelos assuntos então...

Ivete: Pelos assuntos... para manter em atividade assim... eu gosto de ter essa ideia assim de que, fisicamente eu estou velha, mas mentalmente não né. Eu até digo pro meu companheiro isso aí né... mentalmente não porque eu não quero parar assim, de ficar... Eu não sei, mas hoje em dia as pessoas estão diferentes né, quem é mais velho, que aprender cada vez mais, interagir com as pessoas, isso aí eu acho muito importante na nossa idade eu acho que é o que mais se levanta o astral da gente é estar junto com outras pessoas que tem a mesma idade, que mais ou menos têm os mesmos problemas, têm vidas diferentes, a gente troca experiências... e eu gosto dessa troca, de pegar uma coisinha aqui outra ali, para dizer assim “ah tá, mas eu penso assim...”, assim a gente analisa as coisas, as situações. E a gente sozinha em casa... imagina cuidando de uma pessoa também idosa, minha mãe não gostava de sair, tinha dificuldade de caminhar...

E eu tenho um irmão também, que é deficiente visual, que depende de mim. E com ele aconteceu uma história incrível, ele era casado com uma senhora que era trinta anos mais velha do que ele, eles construíram uma casa e tudo, só que

quando ele perdeu a visão total (ele foi perdendo aos poucos) ele passou a frequentar a escola “Braille”²¹, acho que tu deves conhecer, ao menos de nome.

Mateus: Sim, conheço.

Ivete: A vida dele mudou radicalmente, ele passou a ser mais ativo, fazer mais coisas, é impressionante, ele aprendeu a usar o computador depois de cego, ele aprendeu a digitar, ele tem rede social, ele tem uma infinidade de amigos, tanto aqui em Pelotas quanto fora, então ele também passou a vivenciar isso aí...

Mateus: Que idade ele tem?

Ivete: 61 anos

Mateus: Que legal né, que ele encontrou este lugar de inclusão para ele.

Ivete: Sim, a gente percebe que ele está vivendo né... Essa semana ele se mudou e eu estava envolvida ajudando na mudança. Eu gosto de ser assim, uma pessoa ativa, eu moro aqui num lugar bem de pessoas mais simples... aqui no bairro os vizinhos todos se conhecem, aquele tipo de bairro que tu conversa com todo mundo, sabe da vida de todo mundo... se uma pessoa precisa, às vezes precisa saber de alguma coisa, o telefone de alguém... conhecer alguém ou alguma coisa assim, se eu tô ali na frente vem conversar comigo... porque eu sempre dou um jeito de dar uma dica, alguma sugestão, ou fazer alguma coisa se eu conheço. É bom ter essa relação de amizade com todo mundo.

Mateus: Dona Ivete, você falou bastante sobre o contato com outras pessoas e tal. Nesse sentido eu gostaria de perguntar como foi voltar para uma sala de aula, com aluna.

Ivete: Pra mim foi o fantástico! Eu amei! Porque, eu não fiz um curso superior na faculdade né, então, eu nem conhecia a UFPel por dentro, então eu fui conhecendo e me senti muito bem lá dentro, e, achei fantástico o projeto né, da UNAPI, porque eu acho que é importante para gente assim, se sentir importante, porque a gente sabe que têm pessoas que estão envolvidas, que estão preocupadas com o envelhecimento da população, a gente sabe né que... quando os meus filhos ficarem velhos, a maior parte será de velhos, então eu me senti bem integrada porque é aquele tipo de coisa que eu gosto de fazer, que é ter uma atividade, interagir, que é aprender, principalmente aprender né. Para mim foi muito bom... Por exemplo, assim, o curso de lazer, nunca me passou

²¹ A instituição “Associação Escola Louis Braille”, situada em Pelotas, RS, é referência na região por atender pessoas com deficiência visual.

pela cabeça de parar para pensar em lazer como uma coisa para vida da gente, que é necessário, aprendi história sobre o lazer, que também nunca tinha estudado isso. Foi o primeiro curso que eu fiz e fiquei impressionada, na realidade, assim, aprendi muitas coisinhas que a gente não repara no dia a dia, de quanto o lazer é importante né... não é só trabalhar, trabalhar, trabalhar, né... a mente da gente pira né de ficar só focado naquilo.

E depois raciocínio lógico é uma coisa que eu adoro assim, eu adoro raciocínio lógico porque eu adoro desvendar mistérios, vamos dizer assim... principalmente de cálculos, de adivinhações, de coisas assim... a gente parecia um jardim de infância porque a gente montava jogos, esse tipo de trabalho assim.... era a professora Rita, de raciocínio lógico.

Mateus: Pois é, eu já ia perguntar sobre isso... como tu me falou que participou dessa disciplina de raciocínio lógico... Tu podes me contar como foi participar desta disciplina e o que foi visto?

Ivete: Foi o segundo curso, foi na mesma época que eu fiz Lazer, e... a gente fazia exercícios com formas geométricas, com números, com sequências numéricas, lógicas, né... com aquelas sequências lógicas... então a gente tinha que botar o cérebro pra raciocinar para aprender, porque a gente... eu mesmo já não sei fórmulas né, porque tu aprende na escola com fórmulas, qualquer coisa que tu vai fazer tem uma fórmula pronta, né, e... mais o relacionamento com as pessoas, conheci novas pessoas, fizemos um grupo. Isso tudo foi importante, basicamente como era raciocínio lógico, envolvia bastante matemática, bastante assim... conjuntos de formas geométricas, composição de... não sei te explicar por que já faz tempo.

Mateus: Tu consideras que este conteúdo deste curso te ajudou em alguma coisa? Por exemplo se ajudou em alguma coisa do dia a dia.

Ivete: Olha... no dia a dia, na vida prática, te ajuda... eu vejo assim, que te ajuda a pensar em coisas diferentes, porque tu vai ali e tu faz uma montagem daqui uma montagem dali... é uma ciência exata, a matemática né, então... ajuda tu pensar né, perceber as coisas diferentes nos lugares. Na internet, a gente usou também um jogo que é bem interessante... agora não me lembro o nome... que é de formas geométricas também, montagem... então te ajuda a raciocinar né, para pensar coisas diferentes, para não focar numa coisa sozinha... só naquilo

né... Não sei se eu soube me expressar... é que eu tô tentando me lembrar e eu gostei muito daquele jogo que a gente aprendeu.

Mateus: Tem a ver com exercitar a mente né? Manter sempre ativa.

Ivete: Manter ativa... porque eu sempre pensei assim... falam muito sobre os neurônios... eu até falo pro meu irmão, ele morava num bloco de apartamentos que são todos iguais, daí ele morava em um que era do lado direito, então ali dentro ele tinha a maneira dele de se locomover, e ele foi para o outro, que é do lado esquerdo. Eu disse: Agora tu vai fazer um exercício de neuróbica²², eu disse pra ele, tu vai ter que botar o teus neurônios que estavam parados pra funcionar né... e realmente ele se perdeu no novo apartamento... ele estava perdido... eu liguei pra ele à noite depois que ele ficou sozinho e ele me disse: Eu já dei umas sete voltas aqui pra eu decorar onde é as portas, onde são as coisas, porque nesse apartamento, por ter mudado de lado é tudo invertido, então tu imagina, a pessoa não enxergar, sozinho... A gente teve, também na UNAPI, um grupo que era neuróbica, e eu achei também superimportante o trabalho que ela fez com a gente.

Mateus: Se tivesse, algum curso ou alguma disciplina de matemática na UNAPI, tu terias interesse em participar?

Ivete: Me interesse... me interesse né.

Mateus: Por quê? Tem a ver com o raciocínio lógico?

Ivete: O raciocínio lógico é bem melhor do que a matemática em sim né, estudar aquela matemática tradicional... porque pelo que eu percebo pelos meus netos, a maneira deles aprenderem matemática tá totalmente diferente da minha época. Eu cresci na época que decorava a tabuada... agora a maneira de raciocinar é diferente, eu já percebi isso aí, não acompanho tanto, mas eu vi que é diferente a maneira de aprender matemática. Então não sei como seria atualmente para idoso né, mas raciocínio lógico eu acho bem interessante porque eu gosto muito de deduzir... às vezes eu vou por dedução, por exemplo se eu vou fazer uma prova de um concurso, eu, geralmente, acerto por dedução, por intuição, por análise daquilo ali, porque que muitas vezes não sei fazer a

²² Neuróbica é um tipo de ginástica específica para o cérebro, consiste, por exemplo, em fazer de forma diferente tarefas que são realizadas diariamente de forma mecânica. Tais exercícios ajudam a desenvolver habilidades motoras e mentais que não costumamos ter em nosso dia a dia. Disponível em: <<http://inmi.com.br/o-que-e-neurobica/>>.

fórmula, mas se vou parar para pensar... assim, assado... por aqui, por ali... tem que ser isso...

Mateus: Pensando no dia a dia... o que tu acha que o idoso usa no dia a dia, de matemática? Relação comercial... com banco...

Ivete: Ah, sim, eu uso bastante, eu tô totalmente interagindo com banco no celular, pagando conta online... é... eu consigo copiar todo o código de barras, bem tranquilo, se precisar montar um código de barras... porque pra quem nunca usou é difícil né, tu acertar e não errar nenhum número, pagar o boleto direitinho pra não pagar boleto de outra pessoa. Mas, até também isso aí quando eu trabalhei de fiscal de caixa, também a gente lidava muito com boleto, pagamentos, coisas financeiras assim né, pagamentos de contas.

Mateus: E os empréstimos para aposentados?

Ivete: Pois é... tu vai ali no banco e eles te tratam maravilhosamente bem, o gerente te faz um empréstimo, tudo que tu quiser.... aí uma vez, não me lembro bem como foi a conversa, mas alguém me alertou que o gerente não é nosso amigo, ele é amigo do banco, do trabalho dele... e eu guardei essa frase... Mas eu tô ferrada com os empréstimos no banco, eu até entrei em um grupo da UCPEL, que eu vi na televisão e consegui contato com eles, e eles estão fazendo um esquema para mim poder organizar minhas contas, né, porque eu acabei entrando no superendividamento, porque eu tive, antigamente, uma loja por conta própria e vendi fiado... e levei calote... e eu não soube administrar, apesar de achar que saberia, não soube, e acabei levando calote. Daí peguei empréstimo do banco, então quando as coisas são fáceis tu vai pegando. Depois eu fechei a loja, decidi quando eu me aposentei. Mas eu segui vendendo Boticário e Natura né, aí também me ferrei, né, porque a gente leva calote e compra coisas que acha que vai vender e depois não vende e acabei me endividando. Agora eu acabei com essa coisa de venda pra conhecido, pra isso, pra aquilo... porque eu acabei me endividando.

Mateus: Esse tipo de vendas gera uma comissão né? eu tô vendo tem bastante matemática no teu dia a dia.

Ivete: Mas acontece que a comissão é 15%. O que se ganha com 15%? Aí eu compro um creme para mim e os 15% não paga o creme. Daí eu cheguei a conclusão que não tá certo isso aí... vou parar com isso aí. Se eu quisesse

continuar vendendo eu venderia, mas, dizer que vai vender e que vai ter um lucro, que vai valer a pena... não vale a pena, pra mim não valeu pelo menos.

Mateus: Dona Ivete. Eu terminei as minhas perguntas. Você gostaria de acrescentar alguma coisa? Falar mais a respeito da UNAPI?

Ivete: Assim... outra coisa que me ajudou também, eu, no último ano, entrei no curso de plantas medicinais. Há um curso que eu tenho muita vontade de fazer pela UNAPI, que fizeram muitos elogios também, que é o curso de dança de salão, que eu amo dançar, e tenho muita vontade de fazer. Na época que teve não deu pra fazer porque tinha as vagas limitadas... tem que dividir pra todo mundo. E... eu fiz plantas medicinais também, daí passei a me interessar mais por plantas, e agora na pandemia eu fiz online o curso de suculentas, aí eu me interessei pelas plantas... hoje em dia eu planto, é... cuido mais das plantas, tem até umas que eram da casa da minha mãe, que a gente optou por vender a casa. Fiz todo inventário da minha mãe, sozinha, aluguei a casa, consegui um advogado pra fazer o inventário e paguei todo inventário parcelado, com o aluguel, está concluído agora e a casa está à venda. Então como eu te digo, às vezes as coisas aparecem pra mim e eu não sei nem por onde eu vou pegar... não sei como eu vou fazer...

Então tá, Mateus... O que eu posso te falar mais sobre o curso... vamos ver... pra mim foi tudo, assim... agora também online, a gente se especializou agora... agora eu sei fazer tudo no celular, a gente foi aprendendo na marra mesmo né, coisas que não fazia antes agora a gente tá fazendo.

Mateus: A pandemia, pelo menos nisso ajudou né?

Ivete: Nessa evolução ajudou né... mas eu aqui quando tenho um problema corro para o meu neto pra ele me ajudar com a parte de informática.

Mateus: Esperamos que possam voltar em seguida as atividades presenciais né.

Ivete: Quando voltar eu tô dentro! Porque eu gosto muito... Pra ti ter uma ideia assim, a gente tá fazendo online, mas as nossas aulas, que é de outro grupo, que é o "Vida Ativa" da prefeitura, a gente tem um grupo de idosas também. O grupo não é só de idosas, pode ser qualquer idade mas o nosso grupo acabou ficando só de pessoas que tem mais de 50 anos, a maior parte com mais de 60, e foi tão bom a gente se encontrar... A gente faz ginástica com máscara, aí eu recomendava muito elas de que se tivesse uma gripe não fossem à aula porque

eu peguei a Covid, ficamos 15 dias afastadas das aulas, depois recomeçamos e já fizemos até o encerramento deste ano.

Faz muita falta para a gente essa coisa de ...vai para a faculdade, encontra as amigas, vai estudar... ter essa vida assim... porque a gente tá numa fase da vida assim que tu não tá preocupado em te formar porque tem que trabalhar, tem que criar filho, tem que construir casa, tem um monte de coisa... a gente não tá nessa fase, então a gente ocupa o tempo da gente e é um aprendizado né... Não é dizer assim “Eu tô inerte, sem fazer nada, vou pra lá...” Não é... É uma coisa que traz o interesse da gente, de ter uma convivência, de saber da vida dos outros, de trocar experiências né... porque a UNAPI dá essa oportunidade pra gente, assim como tu tá dando, de falar. Então... eu fiz muita amizade, bastante amizade mesmo, eu continuo nos grupos²³, acho que estou em uns quatro grupos que a gente se fala.

Mateus: Então tá, muito obrigado por participar! Um abraço.

Ivete: Obrigada pela oportunidade! Tchau.

²³ Os grupos aos quais a entrevistada se refere aqui, são grupos de contatos criados no aplicativo WhatsApp.

Transcrição da Entrevista com Cirlete

Entrevistador: Mateus Mota

Local / Plataforma utilizada: WhatsApp

Data: 14/01/2022

Hora de início: 14h

Tempo da entrevista: 37 minutos

Mateus: Boa tarde dona da Cirlete! Obrigado por ter aceitado participar da pesquisa. Eu gostaria de começar pedindo para você se apresentar, falar um pouco sobre você.

Cirlete: Eu sou a Cirlete dos Santos Ferreira, tenho 66 anos... tenho ensino superior incompleto..., sou daqui mesmo, de Pelotas... do interior [zona rural], mas é considerado Pelotas. E... deixa eu ver o que mais... o que mais você perguntou?

Mateus: Sobre a sua vida...

Cirlete: Ah, sim..., é o seguinte: eu tenho esclerose múltipla, vou começar por aí então... Eu fui diagnosticada em 2012, mas na realidade eu já tinha há muitos anos, só que não sabia que era né, era mais difícil de se achar o diagnóstico... eu sentia desequilíbrio, principalmente, que era parte que mais me afetou, que realmente eu caminhei com muita dificuldade no lado esquerdo... aí eu comecei a consultar com vários neurologistas, até conseguir, tive por Porto Alegre também e lá não descobriram, no hospital da PUC. Foi aqui com o Dr. Alfredo Zauk que acabou diagnosticando. Aí, comecei um tratamento com o *Rebif 44*, que é um... enfim... umas injeções, e acabou que agora, o meu neurologista, há dois anos atrás mandou eu cancelar, disse que não estava funcionando, não estava mais fazendo efeito nenhum, então eu só tomo algumas vitaminas e faço aquele tratamento do dr. Coimbra. Não sei se tu conheces? Bom, mas também não vem muito ao caso né... E eu vou tratando conforme vai aparecendo alguma coisa..., mas o principal de tudo, que o neurologista me falou, é que eu não posso parar, parar de fazer exercícios né, então eu fazia antes da pandemia, fazia sempre a fisioterapia, três vezes na semana, e duas vezes eu fazia outro projeto que é daí da Federal mesmo, com a professora Fernanda.

Mateus: Lembra do nome desse projeto?

Cirlete: Ah, não lembro agora, mas era um projeto pra algumas doenças... tipo assim, para esclerose múltipla, principalmente, para quem têm Parkinson... várias doenças assim que ela incluiu no projeto.

Mateus: Que tipo de exercícios são esses que a sra. não pode parar de fazer?

Cirlete: De peso, que a gente fazia, quando dava para fazer presencial né, a gente usava as máquinas da academia aquela da AABB... ali tinha todas as aparelhagens né, a gente bastante os pesos e uma cadeira especial também pra isso que a gente fazia... agora, por esses dois últimos anos, foi tudo online, a gente continua com monitor e acompanhamento sempre... depois eu entrei no Ativa Idosos, que é da professora Adriana, com as meninas que estavam também dando aula online né, dos exercícios físicos todos, que eu fiquei inclusive com uns que estou fazendo e estou usando a cartilha. Então eu não posso parar..., é o principal que o neurologista me aconselha, e eu nunca paro com os exercícios, porque a tendência dessa doença é sempre ir parando né. Eu já fiz várias ressonâncias da coluna, que é o principal local, no caso o cérebro e a coluna né, dessa doença... então eu tenho que estar sempre fazendo acompanhamento, agora mesmo está na época de fazer novos exames.

Mateus: Tem recomendação de exercícios para a mente, ou é mais para o corpo mesmo?

Cirlete: É o corpo mais, eu acho... também, as duas coisas né. Eu tenho muita necessidade é de caminhar né, eu não uso nem a bengala nem a cadeira de rodas né..., que, existe a possibilidade de precisar porque é degenerativa né, então, mas eu por enquanto estou firme! Os exercícios da ESEF estão me ajudando muito.

Mateus: Você é aposentada?

Cirlete: Sim, me aposentei por invalidez.

Mateus: Trabalhava em quê antes de se aposentar?

Cirlete: Eu fiz contabilidade, e comecei também a faculdade de Ciências Contábeis, então eu sempre trabalhei em escritório nesta área.

Por último, agora, eu tinha parado porque não andava me sentindo bem, então já faziam alguns aninhos que eu estava mais fazendo alguma coisa por casa mesmo, tipo uma lojinha, coisas assim.

E quando eu senti que estava mesmo, cada vez mais desequilibrada... ah, eu perdi a visão também... não tenho a visão do olho direito, descolou a retina, mas

eles diagnosticaram que não foi por causa da esclerose e sim por causa da alta miopia, que eu tinha uma miopia muito alta desde nova. Então eu corri para fazer a cirurgia, mas não adiantou, então do olho direito eu não enxergo nada. E aí vou levando a vida assim... tento fazer tudo que eu consigo da melhor forma né. Caminho também, e agora que tô aqui nessa região da praia, tá bem mais fácil para mim, eu vou todas as manhãs, meu esposo me leva e eu caminho do shopping até o trapiche, todos os dias praticamente, todas as manhãs. Faço sempre um alongamento antes de sair e quando eu chego, e depois eu faço os exercícios da cartilha, de tarde, as vezes à tardinha..., sempre tentando me manter, porque me faz muito bem... dia que eu não faço isso, ou que eu não caminho, eu sinto, por isso que eu te digo que os exercícios pra mim tem sido ótimos.

Mateus: Certo

Mateus: E sobre a UNAPI, dona Cirlete, como foi a sua experiência? Saberá me dizer em quais atividades participou?

Cirlete: Sim. Eu descobri a UNAPI acho que quando começou, mas aí eu tentei e não consegui vaga... não lembro em que ano foi, aí no segundo ano eu consegui... aí eu fiz um curso com a professora Adriana, que eu não lembro bem o nome agora exatamente... mas era lá no Anglo, aí eu fiz este e fiz vários cursinhos, mas o que eu fiquei mesmo foi no de Literatura, com a professora Cristina Rosa, que eu adorei, eu sempre gostei muito de ler e a minha intenção sempre foi de ter feito outra faculdade, não Ciências Contábeis, a minha intenção era ser professora, sempre foi a minha ideia, mas não fui, não foi o um caso... Daí então quando eu encontrei essa disciplina, eu achei super interessante, e... e seguimos até agora, até online a gente fez no ano passado.

Eu acho que foi super importante, a UNAPI foi... na época não era UNAPI, era outro nome...

Mateus: UNATI...

Cirlete: Isso! Acho que era UNATI. E eu já estou há uns bons anos... acho que do segundo ano, depois que começou, até agora, não parei nunca. Eu acho muito bom.

Mateus: Lembra de como ficou sabendo e porquê se interessou em participar?

Cirlete: Meus filhos... porque o meu filho estava terminando a faculdade na época, e aí ele ficou sabendo... ah não, acho que até ele já estava dando aula,

como professor substituto, e aí ele descobriu, acho que lendo no site da Federal alguma notícia... foi ele que me indicou e disse pra mim correr atrás... quer dizer, ele que correu atrás pra mim, só que aí da primeira vez eu não consegui, mas depois sim.

Ele achou que seria muito bom pra mim, fazer alguma coisa, embora eu sempre com esse problema da visão, que me deixa um pouco... pra fazer certos cursos pra mim é mais complicado né porque eu fico dependendo de quem me leve, quando era presencial né... Até em algumas ocasiões eu conseguia, pegar ônibus, essas coisas, e ia, ali no Anglo né, porque eu morava ali naquela área... bem por lá, um pouquinho mais acima. Aí ficava mais fácil porque eu pegava o ônibus na esquina e ia pro cursinho. Depois era lá no centro, a literatura, lá no Museu do Doce, foi muito interessante...

Mateus: E como foi essa experiência de voltar à uma sala de aula?

Cirlete: Ah! Muito boa! Eu estava tentando até o... eu estava fazendo o ENEM, fiz duas ou três vezes, mas por um pouquinho não passava, assim sabe, porque também não fazia cursinho, não estudava e já tava bem por fora assim da área... Então... porque eu queria voltar a estudar, na verdade, queria fazer pedagogia há uns anos atrás... Aí depois surgiu esse meu problema também, e tudo foi dificultando... e quando apareceu a UNAPI aí foi muito bom..., porque eu me envolvo com alguma coisa, meus filhos se sentem bem de saberem que eu tô fazendo alguma coisa também que me deixa com a cabeça ocupada, não fico pensando bobagem, sobre doença, coisas assim, pra mim foi muito bom, fiz bastante amizades também.

Mateus: Além da UNAPI, você conhece ou participou de outros projetos, aqui na cidade, direcionados aos idosos?

Cirlete: Não... não participei, quer dizer, agora, mas não é para idosos exatamente, eu comecei o pilates, aquele da prefeitura... Vida Ativa..., mas aquele ali não é só para terceira idade... só para idosos, eu só participei da UNAPI mesmo.

Mateus: Das disciplinas que você participou na UNAPI, alguma coisa teve a ver com matemática ou não?

Cirlete: Eu acho que foi só eles joguinhos, que a gente fazia que de memória né, que acho que usavam um pouco a matemática, mais memória mesmo, deixa eu pensar...

Mateus: Teve uma disciplina chamada “Jogos Lógicos”, você participou desta?

Cirlete: Isso mesmo! Participei.

Mateus: Lembra como foi e o que era visto?

Cirlete: Ah era uns joguinhos que ela fazia... a gente tinha que puxar pela cabeça... não consigo lembrar muito bem exatamente..., mas foi bem legal, na época.

Mateus: Continuando nesse assunto da Matemática... Você saberia me dizer se têm Matemática envolvida de alguma forma nas suas atividades do cotidiano?

Cirlete: No cotidiano... acho que a soma das compras né... coisas assim, porque a gente vê que tudo aumentou, então a gente usa muito a calculadora...

Mateus: Administração do dinheiro né?

Cirlete: Isso! Acho que é mais ou menos isso aí...

Cirlete: Eu lembrei que eu fiz um cursinho ano passado, que foi lá da... terapia ocupacional, que puxava também um pouco pelo cérebro, coisa assim, pra gente fortalecer... e, foi bem legal também, mas tudo online.

Mateus: Neuróbica?

Cirlete: É, neuróbica, isso mesmo!

Mateus: Não lembra de mais alguma coisa, de Matemática, no seu dia a dia?

Cirlete: De Matemática..., deixa eu pensar... Ah, eu faço Pix, passo dinheiro, quando precisa, para os meus filhos, coisa assim... e eles pagam as minhas contas, porque hoje eu não estou pagando, a não ser que seja uma conta assim através do Pix, senão são eles que pagam pra mim... essa parte aí eu faço... deixa eu ver... cálculos... não, eu parei com os cálculos desde que eu parei de trabalhar, na realidade... Porque também eu peguei muito já a internet né, para fazer as coisas tudo pela internet... já peguei uma época assim. Claro que antes não! Antes era tudo no raciocínio.

Mateus: Bom, como você me falou que trabalhava com contabilidade, eu imagino que matemática deve ser bem natural pra ti, não deve ser um problema né.

Cirlete: Não...

Mateus: Se por acaso tivesse, na UNAPI, algum curso de matemática, você teria interesse em participar?

Cirlete: Pois é... eu estou tão... envolvida sempre com a literatura..., mas eu acho que de repente seria interessante de participar... acho que sim! Já que eu

trabalhei tantos anos com números né... agora que eu estou afastada... acho que sim!

Mateus: Tem algum assunto que lhe interessa nesse sentido?

Cirlete: Acho que tipo fazer umas tabelas mesmo... coisas pra se guiar, pra fazer o controle da renda né... acho que mais ou menos isso... não sei..., mas aí não é matemática né, seria economia...

Mateus: Mas tem a ver sim!

Cirlete: É..., no momento, não me passa nada assim... jogos que tivessem alguma coisa com matemática também, algum joguinho, alguma coisa...

Mateus: Dona Cirlete, eu terminei as perguntas que eu tinha programado aqui, e deixo livre, assim, se lembrar de mais alguma coisa que quiser falar sobre a participação no projeto, ou outro assunto, pode ficar à vontade pra falar.

Cirlete: Ah... foi super bom participar do projeto e me trouxe um monte de benefícios... eu acho que se não tivesse... porque eu estava numa época assim que eu não tinha muito o que fazer né, não tinha nada a não ser ali em casa né, e... eu tinha muita vontade de ter mais conhecimento, de ter amizades também porque eu ficava muito sozinha... quer dizer, eu sou casada, é eu e o meu esposo só, e meus dois filhos... mas eu não tinha muitas amizades, mais era casa mesmo e aí então com isso, foi muito bom porque eu tive... eu fiquei amiga de várias pessoas que eu conheci. Fiz curso de bordado, que foi um curso bem legal também, esse foi lá no Museu do Doce... e o de Museus também foi interessante, sair pra colônia, fizemos uma volta, um tour pela colônia para conhecer os museus que têm na volta e... foi bem interessante.

O de bordado, eu não me dei muito, por causa da falta de visão mesmo, era muito miudinho aquelas coisinhas pra fazer..., mas achei bem bonito, fiquei no grupo delas, pois elas fizeram um grupo depois, das bordadeiras, e estão até hoje aquela turma, algumas continuam... esse também pela UNAPI... deixa eu ver o quê mais que eu fiz... Fiz de filosofia, só não me lembro o nome da professora... Todos eles foram muito bons, mas o com a Cristina Rosa, que é o de literatura, foi o que caiu mais na parte que eu gosto entende.

Mateus: Você participou de atividades tanto presencial quanto online né?

Cirlete: Sim, sim... desde que começou... porque agora tem dois anos que não estava presencial, que estava online, mas nos outros anos todos eu fiz alguma

coisa. E de literatura eu já fiz uns seis semestres já... não, para, só nesta parte da pandemia teve quatro... oito..., acho que foram oito semestres que eu fiz... Mas eu faria qualquer curso que me proporcionasse alguma coisa, todos eles são bons né... então eu vou sempre procurando ver ali quando é que vai ser, quando que vai começar, pra não perder né... e não quero parar! Não quero parar mais né, eu achei muito bom mesmo. E todas as minhas colegas, as conhecidas que eu fiz, também adoram... nós já temos uma turminha já bem... como se fosse uma turma de faculdade mesmo, que vai indo junto, muito legal!

Mateus: Muito legal!

Cirlete: Acho que é isso... e, com certeza, me ajudou bastante, nessa parte da minha doença principalmente né... porque eu achei que não tinha muita coisa pra fazer e ficava só pensando... eu não faço análise, eu não vou a psicólogo, então isso aí já me ajuda bastante entendeu. Essa doença, não sei se tu tens algum conhecimento dela..., mas depois tu podes ver se quiseres procurar saber... É uma coisa que nem eu esperava ser diagnosticada com isso né, que a única coisa que eu sentia era desequilíbrio, mas depois eu comecei a sentir uma coisa na cabeça, então, coisas que eu não conseguia explicar para os médicos, era bem complicado... até que o Alfredo Zauk me diagnosticou... tive hospitalizada duas vezes, pra fazer todos os exames... e de resto é isto. Mas estou muito bem, a UNAPI me fortaleceu bastante!

Mateus: Então tá! Muito obrigado dona Cirlete!

Cirlete: De nada, Mateus. Espero que eu tenha podido te ajudar!